

“Manobras” Sociopoéticas

Aprendendo em Movimento
com Skatistas do Litoral do Piauí



Série
Sociopoética



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Erasmio Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Angelo da Rocha Fragoso	Manfredo Ramos
Francisco Horacio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco Josénio Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduína Farias Almeida da Costa	Silvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro UFPE	Maria do Socorro Silva de Aragão UFC
Eliane P. Zamith Brito FGV	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça UNIFOR
Homero Santiago USP	Pierre Salama Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves USP	Romeu Gomes FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto UFF	Túlio Batista Franco UFF

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

COMITÊ EDITORIAL

Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe
José Albio Moreira Sales
José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Germano Magalhães Junior UECE	Isabel Maria Sabino de Farias UECE
Antônio José Mendes Rodrigues FMHU/Lisboa	Jean Mac Cole Tavares Santos UERN
Cellina Rodrigues Muniz UFRN	José Rogério Santana UFC
Charlilton José dos Santos Machado UFPB	Maria Lúcia da Silva Nunes UFPB
Elizeu Clementino de Souza UNEB	Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior UECE
Emanuel Luiz Roque Soares UFRB	Robson Carlos da Silva UESPI
Ercília Maria Braga de Olinda UFC	Rui Martinho Rodrigues UFC
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento UNIT	Samara Mendes Araújo Silva UESPI

Krícia de Sousa Silva

“MANOBRAS” SOCIOPOÉTICAS:

Aprendendo em Movimento
com Skatistas do Litoral do Piauí



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2018

**“MANOBRAS” SOCIOPOÉTICAS: APRENDENDO EM MOVIMENTO
COM SKATISTAS DO LITORAL DO PIAUÍ**

© 2018 *Copyright by* Kricia de Sousa Silva

IMPRESSO NO BRASIL / *PRINTED IN BRAZIL*
EFETUADO DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus do Itaperi* – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



COORDENAÇÃO EDITORIAL

Erasmu Miessa Ruiz

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Carlos Alberto Alexandre Dantas

carlosalberto.adantas@gmail.com

REVISÃO DE TEXTO E NORMALIZAÇÃO

Maria da Conceição Souza Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Bibliotecária responsável: *Márcia de Arêa Leão Oliveira CRB/3 - 1003*

S586m Silva, Kricia de Sousa

Manobras sociopoéticas: aprendendo em movimento
com skatistas do litoral do Piauí [recurso eletrônico] / Kricia
de Sousa Silva. – Fortaleza : EDUECE, 2018. (Coleção Práticas
Educativas, 76) recurso digital : il. ePub.

ISBN: 978-85-7826-636-3

1. Sociologia da Educação. 2. Juventude. 3. Sociopoética.
4. Skatistas - Luís Correia, PI. I. Título. II. Série.

CDD: 370.19

Autora

KRÍCIA DE SOUSA SILVA

Pedagoga e mestra em Educação pela universidade Federal do Piauí (UFPI). Com experiência na área da Educação e de Sociologia da educação, com ênfase nos seguintes temas: juventudes, socialidades, corpo e práticas escolares e não escolares, dentro da linha de pesquisa de educação, políticas públicas e movimentos sociais. Membro do Observatório de Juventudes, violência e Cultura de Paz (OBJUVE) e do Núcleo de pesquisas e estudos em Gênero e Cidadania (NEPEGECI).

E-mail: kriciasousa@hotmail.com

Aos meus pais, pela educação, sacrifício e amor que me dedicaram durante toda a vida. Sem vocês este sonho não teria sentido, sem vocês eu não seria quem sou, e sem vocês esse momento não seria vivido com tanta alegria! Portanto, a vocês dedico todas as cores dessa aventura deslizando!

AGRADECIMENTOS

Todos os percursos da vida fazemos em coletividade. São pessoas, ou grupo delas que nos ajudam a alcançar sonhos e a fazer coisas que jamais pensaríamos que fôssemos capazes de fazer e/ou realizar. No percurso desta pesquisa eu fui apenas gratidão, muitas vezes, não souber expor essa gratidão devidamente em forma de ações, porém, com palavras me saiu muito melhor, por isso, esse momento de agradecer é um dos meus favoritos. Assim sendo:

Primeiramente, agradeço **a Deus**, pela dádiva da vida, pela oportunidade de ter aprendido e adorado o ato de ler e de escrever, desde criança. Obrigada, ainda, pelo lance do destino que me possibilitou adentrar no mestrado e concluir esse tão sonhado título de Mestre! E obrigada principalmente, por não ter me deixado desistir nos momentos mais difíceis, pois sei que foram nesses momentos que a tua luz me fez forte e perseverante. Sou grata, meu Deus, a ti todas as glórias desse mundo!

Agradecer **aos meus pais**, Pedro e Cláucia, meus eternos exemplos, trabalhadores, guerreiros e bases em minha vida. Agradeço por acreditarem em mim, pelos sacrifícios, carinho, cuidado e preocupação! Sem vocês, sinceramente, a vida não teria graça e não seria como é. Portanto, aos meus pais, obrigada por tudo!

Ao meu marido, Daniel, agradeço pelo apoio durante a pesquisa, companheirismo, amor e amizade. Sem dúvida a sua existência me potencializa muito!

À, **Shara Jane Adad**, amiga e minha orientadora sociopoeta, por apostar em mim e por desafiar a nós duas ao aprovar-me no mestrado em 2014. Agradeço por tornar-me Mestre, pelos ensinamentos, amizade, carinho e dedicação. Devo a

ti, Shara intensos aprendizados e (des)aprendizados, aventuras, conquistas e superações, que me fizeram compreender que não há educação sem corpo em movimento! A ti, o meu muito obrigada, permeado de afeto e admiração! Você me inspira sempre!

Aos meus avós, **Pedro e Raquel**, pelas orações, pela torcida, pelo amor e pelo carinho que me dedicaram durante toda a vida. Vocês são ternura em meu viver!

A meu **sobrinho** amado, Pedro Neto, e à minha irmã **Rachel**, agradeço pelo amor, alegria, apoio e companheirismo. Obrigada por serem meus companheiros inseparáveis! Como é maravilhoso tê-los sempre comigo!

Ao **professor Tarcísio** pela disponibilidade e colaboração no período de pesquisa exploratória, sua ajuda foi fundamental!

Aos jovens **skatistas da ASLP**: Kamalyon, Gessy, Polly, Hiamashyta, Vaiola, Tranquilo, Dito, Samuel e Gabriel, muito obrigado por toparem participar dessa pesquisa em prol da prática educativa do **Skateboard**. Grata pelo compromisso e engajamento do grupo em todo o processo! Vocês são demais!

Ao **grupo dos sociopoetas**, em especial, Thaíza, Thaís, Francisca, Socorro Borges, Mayara, Dilma, Romário e Valdenia, muito obrigada pela parceria, amizade e apoio de vocês. Vivemos muitas aventuras e desafios juntos, e vocês não podem imaginar o reconhecimento que tenho por cada um de vocês! Obrigada por terem me ensinado o real sentido de coletividade, com vocês eu sempre me senti acolhida e especial!

E por fim, à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, obrigada por me atribuir incentivos e recursos monetários para que essa pesquisa pudesse ser realmente concretizada!!!!

Lista de Figuras

Figura 1 – Participante da pesquisa andando de skate na cidade de Luís Correia - PI.	43
Figura 2 – Os skatistas de Luís Correia - PI e a prefeita da cidade em reunião.	63
Figura 3 – Os skatistas de Luís Correia - PI e a prefeita da cidade em reunião.	65
Figura 4 – Primeiro Campeonato de skate de Luís Correia - PI.	66
Figura 5 – Primeiro Campeonato de skate de Luís Correia - PI.	66
Figura 7 – Cidade de Luís Correia - PI.	70
Figura 8 – Skate Park de Luís Correia - PI.	73
Figura 9 – Skates dos jovens da pesquisa.	79
Figura 10 – Momento de negociação com os copesquisadores.	94
Figura 11 – Jovens quebrando o espelho	96
Figura 12 – Produção do pseudônimo Polly.	98
Figura 13 – Produção do pseudônimo Hiamashyta.	99
Figura 14 – Produção do pseudônimo Tranquilo	100
Figura 15 – Produção do pseudônimo Vaiola.	101
Figura 16 – Produção do pseudônimo Gessy.	102
Figura 17 – Produção do pseudônimo Dito.	103
Figura 18 – Produção do pseudônimo Kamalyon.	104
Figura 19 – Heterônimo do grupo-pesquisador: TED.	106

Figura 20 – Jovem skatista realizando manobras em tarde de pesquisa exploratória.	109
Figura 21 – Momento do relaxamento.	113
Figura 22 – Jovens durante a produção plástica	113
Figura 23 – Produção “Lugar do aprender na espiritualidade”. .	115
Figura 24 – Produção “Lugar do Aprender se”.	116
Figura 25 – Produção “Lugar do Aprender em dia de skate”.	117
Figura 26 – Produção lugar do aprender na cidade.	119
Figura 27 – Produção “Lugar do Aprender Paraíso”.	121
Figura 28 – Produção “Lugar do Aprender na Vida”.	122
Figura 29 – Produção “Lugar do Aprender na Realidade”.	123
Figura 30 – Tarô do aprender.	149
Figura 31 – Momento de alongamento.	151
Figura 32 – Momento de relaxamento.	153
Figura 33 – Jovens em produção plástica do Tarô do Aprender.	154
Figura 34 – Carta do Aprender Acontece.	155
Figura 35 – Carta do Aprender Fogo que Deforma.	156
Figura 36 – Carta do Aprender com a Paciência.	158
Figura 37 – Carta do Aprender H.S.	159
Figura 38 – Carta do Aprender Descobrir e Redescobrir.	160
Figura 39 – Carta do Aprender com o Prazer.	161
Figura 40 – Carta coletiva: Aprender Conhecimento.	163
Figura 41 – Jovens sendo vendados.....	166
Figura 42 – Jovens sendo guiados para dentro do emaranhado do aprender.	167
Figura 43 – Análises dos dados pelos copesquisadores	168
Figura 44 – Análises dos dados pelos copesquisadores.	168
Figura 46 – Pesquisadora-skatista.	201

Sumário

APRESENTAÇÃO | 15

Shara Jane Holanda Costa Adad

PREFÁCIO | 19

Lila Cristina Luz

MANOBRA I

MEMÓRIAS CARTOGRÁFICAS E ENCARNADAS DA PESQUISA EM MOVIMENTO ■ **25**

MANOBRA II

O RITMO DAS MANOBRAS ESQUENTA: JUVENTUDES E O SKATE ENQUANTO PRÁTICA EDUCATIVA NA CIDADE ■ **43**

MANOBRA III

DO LITORAL A CAPITAL: DO MEU CAMINHO MOVENTE À TRAVESSIA PARA SOCIOPOÉTICA ■ **79**

MANOBRA IV

LUGARES DO APRENDER EM MOVIMENTO: PRODUÇÃO, ANÁLISE E CONTRA-ANÁLISE DAS NARRATIVAS ■ **109**

MANOBRA V

TARÔ DO APRENDER EM MOVIMENTO - JOGO DE CARTAS NA PESQUISA: PRODUÇÃO, ANÁLISE E CONTRA-ANÁLISE DAS NARRATIVAS ■ **149**

MANOBRA VI

O “ÁPICE” DAS MANOBRAS FILOSÓFICAS:
TRANSVERSALIZANDO CONFETOS ENTRE JOVENS
SKATISTAS E PENSADORES CONTEMPORÂNEOS ■ **183**

MANOBRA VII

MANOBRAS RADICAIS FINAIS: O SONHO NÃO ACABOU ■ **201**

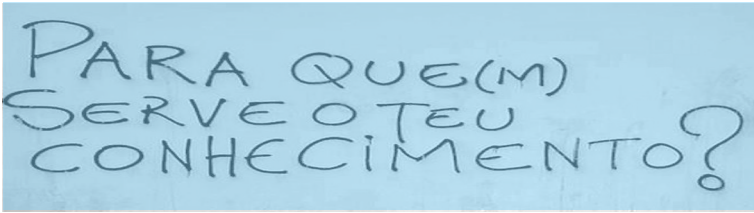
REFERÊNCIAS ■ 209

APRESENTAÇÃO — SÉRIE SOCIOPOÉTICA

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD

Cientista Social de Formação. Especialista em História do Piauí. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Piauí – UFC. Professora de Sociologia e Antropologia da Educação. Professora da Pós-Graduação em Educação – PPGEd. .Arte terapeuta.

E-Mail: shara_pi@hotmail.com



Fonte: Santiago Cao, 2014.

Com a editoração da Série Sociopoética no selo Práticas Educativas, o desejo é fazer centelhar nossa produção acadêmica proveniente de estudos e pesquisas, desde a graduação às pós-graduações *strito e lato sensu*, em diferentes universidades brasileiras e internacionais. Há mais de duas décadas, saberes e confetos (conceitos + afetos) foram tecidos a partir de diferentes problemas e potências do corpo, ressaltando outros modos de produzir conhecimentos. Com a Série, esses tecidos topológicos podem, a qualquer momento, ser acessados novamente, apesar de contextos diferentes.

Em meio a esse movimento, uma pichação provoca, desloca: **Para que(m) serve o teu conhecimento?** Com ela, as paredes falam e fazem falar! Ao me atravessar, inquietou-me ao chamar atenção para o lugar que habito e me habita há tempos, provocando-me a pensar sobre o meu fazer de pesquisadora da Educação. Para quem estou, como sociopoeta, pesquisando, escrevendo e publicizando os conhecimentos? Para mim, o “para quem” mobiliza, imediatamente, o princípio sociopoético do cuidado com as culturas invisibilizadas, subalternizadas e/ou de resistência.

O que é feito de pedaços é para ser amado.
(MANOEL DE BARROS)

Neste caso, na Série Sociopoética, “Para que(m) serve o conhecimento” está também relacionado aos outros prin-

cípios de pesquisar em grupo, com o corpo todo e com a arte. Esses propiciam o redirecionamento do olhar e o transformar a matéria da ciência do grandiloquente para o *ínfimo*, para o *menor*, para o *abandonado*, para o *traste*, para o *infame*, para o *cisco*, atravessados pela espiritualidade e pela ética no pesquisar, no ensinar e no aprender.

Assim, ao pretender realçar potências do corpo agenciadas nas oficinas, os trabalhos da Série Sociopoética abrem passagem para a produção do conhecimento coletivo, no qual o que se conta não são os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nas pessoas do grupo-pesquisador.

Portanto, as escritas desta Série fraturam palavras fadigadas de informar. Quem sabe produzir silêncios na língua e dar passagem aos afetos daqueles que experimentaram palavras que ainda não estão no idioma, apalpando as intimidades do mundo, prestando atenção e desaprendendo oito horas, instituindo outras possibilidades de olhar o mundo, num plano onde não faz sentido distinguir gerações, gêneros, sexualidades, o social e o individual, dentre outros marcadores.

São práticas de criação mestiças que, para estranhar o mundo e criar linguagem, desterritorializam o sujeito pessoal de modo a ampliar os limites do ser humano.

Tu me abraças matizada, eu te solto chamalotada;
eu te abraço rede, tu me soltas feixe.

(MICHEL SERRES)

Chamalote sobre chamalote, mestiçagem. Somos uma multidão!

Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad
Teresina, julho de 2018

PREFÁCIO

Recebi com muita alegria o convite para prefaciar este belíssimo trabalho “**Manobras’ sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí**”, por identificar nele uma criação de Kricia Sousa, em articulado com os jovens do litoral do Piauí. Também recebi com preocupação, pois eis que emerge o desafio de produzir um prefácio que apresente ao leitor um trabalho tão criativo sobre juventudes piauienses, que seja capaz de contagiar para a leitura do mesmo, antes que a autora o faça, pois na cartografia do livro, o prefácio vem antes do texto da autora. Isso para mim foi uma tarefa difícil, pois a escrita de Kricia é plena de “narrativas cartográficas” e “encarnadas” de experiências sobre afazeres criativos de “resistências e potencialidades” sobre o modo como os jovens inventam “soluções diante das situações que as[os] reprimem” .

Obviamente, esse prefaciar fica ainda mais complexo ante a “tarefa” de tratar acerca da postura de investigação da autora, a qual é norteada pela interpretação de narrativas juvenis em um diálogo constante com ela mesma, trazendo sua experiência de vida, reelaborando lembranças, caminhos, conceitos, questionando práticas já sedimentadas sobre educação e trabalho, mas também pensando sobre as juventudes dos jovens e sua postura de jovem pesquisa num movimento entre o público e o privado, o individual e o coletivo. Segundo ela, uma postura investigativa que liga “coisas díspares de tal forma que se criem outros vieses”. Essa dimensão investigati-

va da autora evidencia uma das contribuições desse livro: oferecer subsídios a investigadores de como realizar investigações “com” jovens.

Assim, o livro traz de forma singular, conforme anunciado no título “sociopoéticas”, como essa criação investigativa desenvolvida por Kricia ocorre de forma apaixonada, e digo mais, afetuosa e comprometida, por examinar, com muito cuidado e energia suficiente de jovem que é, o “movimento incessante”, a “multiplicidade e potencial de criação” dos jovens sujeitos na investigação. É singular também por apresentar “narrativas cartográficas e encarnadas”, com uma maturidade de investigadora veterana, pois ela não apenas foi capaz de ousar na ultrapassagem do “velha” modelo de investigação centrado na “lógica da demonstração” (PAIS, 2000), mas se doou à lógica da “descoberta” e assim reconstruiu uma narrativa sobre educação que existe além daquela presente nas instituições clássicas, a exemplo da escola. Sobre esse processo, Kricia por ser pedagoga de formação, foi cobrada a estudar a escola do modo em que geralmente se deseja, mas com maestria, escolheu o valor dos outros jovens.

Por essa razão, considero muito importante este livro que, como afirma Portelli (2013), rejeita estereótipos e presunções e vai diretamente ouvir os jovens skatistas habitantes da cidade de Luís Correia. Para desenvolver o trabalho Kricia mobiliza uma pluralidade de metodologias e conhecimentos, associando vivências dela e de jovens, para apreender experiências e subjetividades desses skatistas que ecoam formas de educação “para além dos muros da escola” onde, por meio de práticas culturais, constroem aprendizados. Ao contrário da escola, foi portanto, nas ruas e em “espaços de múltiplas sociabilidades”, que a autora foi buscar outros modos juvenis de aprender. Estou convencida que os jovens foram investigados como engenhosos de suas próprias práticas formativas, e um formativa de modo tão distinto daquele da escola, mas que da mesma maneira alimenta diferentemente o aprender e o ensinar nesse espaço tão hostil que é a rua. A rua que, para o senso comum,

setores da mídia e da sociologia conservado, é o lugar da “delinquência”, da “malandragem” e não do aprender e do ensinar. Este livro rompe também com essa lógica de assim pensar a rua.

Para fazer essa ruptura, Kricia faz “manobras” como uma conhecedora de esporte radical pois, a partir do recurso à Sociopoética, radicaliza no respeito às narrativas juvenis, apropriando-se da arte como dispositivo potencializador de seus corpos, de suas experiências. No mesmo sentido da valorização das práticas juvenis como faz Helena Abramo Glória Diógenes, Paulo Carrano e outros. Seu agir investigativo é de uma veterana também quando ao socio-poetizar com e nas práticas juvenis, inspirando-se em Shara Adad.

Muito mais riqueza de detalhes e informações sobre a inventividade da investigadora, o leitor e a leitora encontrará no primeiro capítulo, intitulado: **“I Manobra - memórias cartográficas e encarnadas da pesquisa em movimento”**, espaço deste livro destinado a contar sobre o processar da investigação.

A partir daí, todos os capítulos deste livro são importantes para compreendermos as práticas juvenis como **“Manobras”** importantes de formação de jovens em múltiplos espaços, em especial as ruas da cidade. Por isso todos os capítulo já anunciam nos seus títulos que vão tratar a realidade como espaço de criação.

Problematizando sobre o modo como a formação escolar foi se engendrando no Brasil, em **“II Manobra”** a autora abordou teoricamente a problemática investigada, que versa sobre como jovens envolvidos com skate potencializam e inventam conceitos sobre o aprender na relação com o movimento, processos de criação e de sociabilidades, saberes e problemas. Ao tratar do território cenário da investigação, ao autora nos presenteia um passeio aos territórios cenários das “manobras” dos skatistas na cidade. Nesse capítulo também ela apresenta a aproximação possível com os autores e autoras que possibilitam o diálogo que ela realiza para articular a relação educação, juventudes, movimento e política, nos remetendo a uma juventude diversa no âmbito da cidade de Luís Correia.

Em “**III Manobra**”, a autora não apenas apresenta a Sociopoética e seus princípios, mas também com uma maestria de quem, mesmo aprendendo, “manobra” um método de investigação não muito usual na academia: a Sociopoética. Por meio dele, junto com os jovens, dança, estranha, pinta, bola no chão, grita, constrói de outro modo as informações para construir as narrativas textuais. Em “**IV Manobra**” o destaque é para aqueles lugares em que as trocas pedagógicas ocorrem. Lugares movimentados de acontecimentos são destacados, tendo como suporte narrativas diversas: dos jovens, dos autores e da investigadora.

Nas duas manobras do livro seguintes, a autora explicita de forma genial as narrativas dos jovens. Na “**V manobra**” as estratégias de trabalho com Sociopoética trazem a análise da investigadora que é enriquecida com os elementos produzidos no processo de oficina. Há no texto uma teia que evidencia diversas dimensões da vida dos jovens: sobre o que fazem, gostos, aventuras. Desenhos e poesias alimentam a visualização das narrativas. Em “**VI**”, como o próprio nome sugere, a autora nos leva ao encontro do “Ápice” das manobras que ela escolhe para articular diálogos entre dois conhecimentos: o produzido pelo grupo-pesquisador e os teóricos de suas referências.

Por fim, em “**VII Manobra**” Kricia nos presenteia com suas conclusões e nos convida a entender que os corpos em movimento nas experiências de aprendizagem, reinventam-se cotidianamente para reaprender com a vida que continuam a construir os jovens skatistas.

Tudo isso que a autora traz neste livro considero importante em um estado como o Piauí que decididamente não sabe lidar com as juventudes. Esse não saber tem jogado muitos jovens para fora das instituições de ensino, que justificariam serem eles indisciplinados. E para resolver essas ditas indisciplinas, governos militarizam escolas e fazem propagam delas como lugares de “disciplina”, “respeito”, “civismo” não militar. No entanto, outros elementos da

proposta: vestimentas militares, posição corporal e saudação militar, ambiente extremamente hierárquico, evidenciam a olho nu todo o sentido das propostas pedagógicas dessas escolas que começaram a ser militarizadas a partir de 2015. Este livro ajuda a entender que a rua não é, em definitiva, o lugar de quem fracassou ou foi expulso da escola, mas também o de quem arrisca-se contra as regras do jogo, a despeito dos resultados obtidos segundo os preceitos socialmente definidos (LA MENDOLA, 2005)

Concluo parabenizando Kricia por presentear este livre e, ao mesmo tempo, convido a todos à leitura do mesmo, pois penso que cada um e cada uma será capaz, com seu **background** cultural, de captar a inventiva do modo como ela tratou os jovens skatistas, suas narrativas e imagens.

Julho de 2018

Lila Cristina Luz.

Professora do Curso de Serviço Social
e no Mestrado em Sociologia.
Universidade Federal do Piau - UFPI



I MANOBRA

MEMÓRIAS CARTOGRÁFICAS E ENCARNADAS DA PESQUISA EM MOVIMENTO

Deveria saber em que direção está indo,
mesmo que não saiba o próprio nome!

LEWIS CARROLL

Qual direção seguir ao iniciar uma pesquisa? Muitas vezes não sabia por onde começar, senti-me perdida e desafiada, porém movida por desejos e paixões. E por falar em paixão, este trabalho, assim como muitos outros, é movido à paixão, pois devo dizer que, desde a graduação em Pedagogia, sentia-me intensamente motivada a estudar e pesquisar com jovens. As juventudes me fascinavam em mostravam o quanto de multiplicidade e potencial de criação tem o ser humano e, enquanto jovem entusiasmada que sou, passei a enxergar a juventude como uma categoria rica de possibilidades para pesquisa, reflexão e estudo.

Neste livro, por meio de lembranças, afetos, atravessamentos e transformações, escrevi páginas e fui construindo linhas que relatam o decorrer de minha pesquisa do Mestrado em educação e do tornar-me uma pesquisadora-skatista. Para isso, optei por fazer uso da primeira pessoa do singular, no intento de afirmar minhas implicações e vivências antes e durante a produção desta narrativa. Entretanto, como pesquisadora-skatista também tive que considerar os vários encontros que tive, por isso “faço uso também do nós quando desejo salientar a participação de um coletivo, seja do grupo de sociopoetas ou dos copesquisadores.” (SANTOS, 2014, p. 10). Optei, ainda, por caminhar pelas ruas das cidades de Teresina, Parnaíba e Luís Correia em constante processo de movimento na pesquisa, conhecendo inúmeros sujeitos e espaços, desfazendo-me de medos e lançando-me ao novo.

Nesta investigação, a qual ousou chamar de encarnada, realço a importância de se fazer pesquisa com o corpo inteiro, permitindo que minha subjetividade esteja presente neste processo, sem quaisquer neutralidades científicas que me afastem dos participantes do estudo, responsabilizando-me e dando-me autonomia para falar

por mim mesma sobre este processo de movimentar-me, de sair de meu lugar. Penso, portanto, assim como Diógenes (1998), que todo procedimento de investigação exige do pesquisador uma abertura. Abertura para ver, ouvir, deixar-se afetar por emoções e sentimentos que possam emergir nessas circunstâncias e que estão, assumidamente, entrelaçados aos movimentos do caminhar durante o desenvolvimento da pesquisa. Assim,

o pesquisador é um eterno viajante que está sempre conectado e conectando vários mundos culturais. Ao sair de casa e adentrar outras esferas da vida social, ele investe energia e recebe na mesma proporção que investe. Ele modifica-se e modifica o mundo (DIÓGENES, 1998, p. 23).

Foi fazendo desta pesquisa um movimento incessante que tive condições de transcrevê-la com alegria e prazer, pois a cada linha aqui escrita por meus dedos e preenchida pelas minhas memórias me fez reviver o que vivi durante o processo de pesquisa, e assim pude perceber que quando se faz uma pesquisa “o que importa é o andar e não o chegar. Não há lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto” (LOURO, 2004, p. 13), que por sua vez, me possibilitaram conhecer o mundo do skate, e intensificaram em mim a militância a favor das juventudes e de suas práticas culturais como propositoras de alternativas para diversos problemas sociais como a violência, a drogadição, a criminalidade, entre outros.

Em meio a isto, passo a contar narrativas cartográficas e encarnadas que relatam sobre meus afetamentos em relação à minha história enquanto jovem, pedagoga e pesquisadora e o meu objeto de estudo, que começa nos últimos anos de minha graduação em Pedagogia Universidade Federal do Piauí - Campus Parnaíba, cidade onde nasci e cresci. Nesta universidade, voltei meus estudos para as juventudes, e desenvolvi minha pesquisa de monografia com jovens estudantes de uma escola de Ensino Médio Profissio-

nalizante, fazendo uma reflexão com eles sobre sua formação para o trabalho e o dualismo educacional. Naquele momento, a meu ver, pensava que esta pesquisa teria muito ainda a ser aprofundada, ou ampliada, e por isso, decidi transformá-la numa proposta de projeto e submeti este trabalho à seleção do mestrado em Educação na mesma universidade, em 2013.

Deste modo, ao entrar para o mestrado em Educação em 2014, eu desejava pesquisar sobre juventude e formação para o trabalho no Ensino Médio Profissionalizante, dando ênfase às condições de inserção da juventude no mercado de serviços a partir de suas experiências educacionais. Eu acreditava que, ao pesquisar sobre isso, eu estaria contribuindo com a formação crítica dos jovens para buscar melhores condições de vida e não se satisfazer com as condições socioeconômicas desfavoráveis a que estavam submetidos. Continuo a acreditar nisto, diante de diversas produções de excelente qualidade que têm sido produzidas, porém, descobri durante minha estrada no mestrado que existiam outros modos de se realizar pesquisas com juventudes, qual seja, além de partícipes de uma luta de classes, passei a vê-las também como criadoras de resistências e potencialidades, propositoras de soluções diante das situações que as reprimem.

Seguindo essa linha de pensamento, compreendi que o caos está presente em nossas vidas. O caos, como um dia talvez dissesse Deleuze, é um novelo de lã que enlaça as pessoas, as amarra, as solta, as cruza e as fazem se encontrar, ou não. Assim, ao passar no mestrado e conhecer minha orientadora, socióloga que estuda juventudes e práticas educativas e culturais na relação com a arte, o corpo e movimento, passei a entrar em contato com inusitados estudos, e digo inusitados porque permitem relacionar a Educação com campos que a priori nada têm a ver com ela, e nos quais se firmam as ideias de criação em Deleuze (1992), que afirmam ser possível ligar coisas dispares de tal forma que se criem outros vieses.

Assim, percebi que existiam possibilidades de interagir e pesquisar com as juventudes com enfoques que até então eu desconhecia enquanto pedagoga, sendo possível ligar as expressões artísticas juvenis, seus interesses por esportes e jogos com o campo da Educação, como uma prática educativa, ampliando o meu espectro de pesquisadora. Observei que estes estudos me permitiriam adentrar searas que atravessam e problematizam a educação escolar de outro modo daquele que me constituiu pedagoga e que estava restrito aos estudos juvenis, educação e trabalho, numa linha teórica marxista que priorizava o trabalho como princípio educativo (POCHMANN,2007).

Iniciei novos estudos, perdi-me, desconstruí-me e primeiramente, devo confessar, fiquei apavorada. Foi somente com o passar do tempo que percebi que “perder-me” não era ruim, pois permitia “reencontrar-me” de outra maneira e construir novos caminhos, que se tornaram resultado desta dissertação. Passei a problematizar esta verdade única sobre os jovens e a educação para o trabalho. Aprendi nestes estudos que as diversas culturas juvenis apontam que não somente o trabalho é um princípio educativo. Assim, passei a perceber que seria possível pesquisar jovens não somente numa perspectiva econômica ou ligada ao mundo do trabalho, mas também numa perspectiva cultural, revelando para mim outras práticas educativas, outros modos de aprender a exemplo da prática dos esportes, das artes, dentre outras. Inclusive, apontando-me formas de resistências e de potencialidades inusitadas, qual seja aquelas que estes sujeitos criam em meio às forças repressoras e hegemônicas que permeiam suas vidas, presentes nas inúmeras condições adversas e nos diferentes contextos em que vivem.

Deste modo, o percurso da pesquisa exploratória em busca de outro objeto de estudo levou-me a uma aproximação das juventudes com outras experiências e práticas de aprendizado em movimento que ocorrem nos múltiplos contextos das cidades, qual seja, os jovens skatistas habitantes da cidade de Luís Correia, litoral do Piauí, lugar próximo à cidade onde vivo.

Assim sendo, parece relativamente simples falar de juventude quando já se está dentro deste campo de estudo. Entretanto, reconheço como pedagoga que muitos de meus colegas de profissão ainda não conhecem devidamente o trabalho com esta categoria. Quando relatava, ainda na graduação, que minha pesquisa seria com jovens, muitas pessoas me olhavam com desconfiança, e me indagavam: você vai pesquisar com jovens? Mas você não é pedagoga? Não deveria estar desenvolvendo estudos com crianças e adolescentes? A sua formação permite que você faça isso? Acho que seu estudo não tem sentido se for feito com jovens!

Tudo isso me fazia pensar: Seria eu louca?! E como *Alice no País das Maravilhas*, eu respondia:

Mas eu não quero me encontrar com gente louca, observou Alice. Você não pode evitar isso. Todos nós aqui somos loucos. Eu sou louco, você é louca, replicou o gato. – Como você sabe que eu sou louca? indagou Alice. Deve ser, disse o gato, ou não estaria aqui (CARROLL, 2002, p.54).

Por isso, numa tentativa de ser aceita e de validar minha pesquisa, eu respondia que a Pedagogia não se remetia apenas ao ensino de crianças pequenas ou no início da transição para adolescência, mas também, o trabalho pedagógico desenvolvido em toda a educação básica, independente da série ou ano que o aluno cursar, incluindo, portanto, os mais diversos públicos, desde as crianças, os jovens, adultos, etc. Estudar juventudes, deste modo, envolve produção de sentido e problematização da Educação, pois suas práticas educativas, suas inúmeras sociabilidades acontecem dentro e fora da escola. A educação é “como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, 1981, p.10).

Neste contexto, ao falar em educação recusei-me a compreendê-la somente enquanto “âmbito formativo” das aprendizagens institucionais, desafiando-me a compreendê-la também como pro-

cesso social de compartilhamento de significados para além dos espaços intencionalmente instituídos para a promoção das aprendizagens. Com os jovens skatistas, desconstruí convicções presentes no meio social, cultural e acadêmico de que a educação ocorre apenas na escola, com o professor dando aula expositiva e o aluno disciplinadamente escutando e aprendendo os conteúdos didáticos (BRANDÃO, 1981; CARRANO, 2003).

Nesta direção, a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional - LDB, atualizada em 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º afirma que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”(BRASIL, 1996, p.1).

Tal conceito me remeteu a um processo educativo ampliado que atravessa culturas e localidades, abrangendo diversos modos de aprender e ensinar em diferentes espaços e situações.

Estudar jovens me levou, ainda, à reflexão mais aproximada do processo de educação no contemporâneo que se caracteriza pela constante fluidez nas relações sociais, afetivas e econômicas, assim como caracteriza Bauman (2007), quando afirma que o “mundo do lado de fora” das escolas evoluiu muito mais do que as escolas estavam preparadas para educar os estudantes. Em outras palavras, o mundo para além dos muros da escola escorreu como líquido, e se ampliou, ganhando infinitas formas. Enquanto, pelo contrário, o campo restrito ao âmbito institucional se solidificou, criando uma única forma de educar, que se desenvolveu até a contemporaneidade sem sofrer grandes mudanças, mostrando o quanto há um distanciamento entre um tempo e espaço líquido em que vivemos e o espaço disciplinar das instituições sólidas (ALMEIDA, GOMES, BRATCH, 2008).

Foi partindo desta perspectiva de educação, frente aos estudos desenvolvidos no mestrado junto ao Observatório das Juventudes, Cultura de Paz e Violências nas Escolas – **OBJUVE**, com os colegas e a com minha orientadora, que passei a perceber as juventudes como criadoras de outros modos de aprender que acontecem para além da escola, se fazendo presentes nos múltiplos espaços da cidade.

A partir desta nova concepção de juventude passei a me interessar em desenvolver um estudo não mais voltado para a educação e o trabalho, como pretendia inicialmente quando aprovada no mestrado, mas agora, voltando-me para as práticas culturais através das quais os jovens constroem um aprendizado vivo constituído nas ruas, em espaços de múltiplas sociabilidades. Passei, então, a olhar de outro modo para as práticas de inúmeros jovens, desde as marcas corporais como tatuagens e **piercings**; ou aqueles que praticam esportes radicais como os surfistas e skatistas; ou ainda os envolvidos com música como os DJs, dentre inúmeros outros modos de existir. Enfim, meu corpo se mobilizou em busca de modos de viver juvenis, bifurcando meus interesses que passavam de um a outro sem que eu pudesse escolher, sem que o foco se delimitasse em um grupo específico.

Em meio a este turbilhão de sentidos, defrontei em um dia de setembro de 2014, no Carona's¹, de Teresina para Parnaíba falando sobre minha angústia com uma colega de não ter escolhido um grupo juvenil para estudar, quando uma jovem ouviu e se manifestou dizendo se chamar Nágilla, ser skatista e participar de um grupo que andava de skate, em Teresina. Pareceu algo como destino marcado, pois a partir daí todo o meu foco se voltou para os kate como prática juvenil. Passei a buscar ligações entre mim e aquele que mais tarde se tornaria o meu novo objeto de estudo. Hoje, percebo

¹ O Carona's se refere a um grupo no Facebook criado com a finalidade de aproximar pessoas que procuram e que ofertam caronas para a realização de viagens nas estradas do Piauí ou circunvizinhas, com o intuito de subsistência entre os caroneiros.

que naquele momento nascia em mim o devir² pesquisadora-skatista especialmente porque foi no Carona's entre uma cidade e outra que o fui constituindo, e observei que enquanto pedagoga não havia considerado ainda a importância de se pensar essa prática esportiva para a Educação. Entretanto, enquanto jovem, sempre gostei de esportes radicais – embora não praticasse nenhum – e admirava seus praticantes pelas impressionantes capacidades de superação física, atenção e equilíbrio.

Esta jovem foi a ponte que faltava para iniciar minha pesquisa exploratória para delimitar o meu campo de pesquisa, e em outubro de 2014 iniciei minha imersão no grupo de skatistas que Nágilla participava e que naquele momento encontrava-se periodicamente na Praça Ocílio Lago, em Teresina, conhecida como Praça dos Skatistas, seja para prática do esporte, seja para conversar e tratar de assuntos que os interessavam, ou para combinar saídas e outros eventos. Porém, devido a atribuições da vida este grupo que conheci se tornou inconstante, poucos frequentavam o território da praça com frequência, e percebi, diante disso, que se tornaria difícil desenvolver uma pesquisa sem a assiduidade dos jovens nos encontros marcados.

Entretanto, foi com os jovens skatistas de Teresina que comecei a me inserir no mundo do skatee pude conhecer diversos praticantes desse esporte na capital, além de iniciar a prática do mesmo por meio deles, que me incentivavam bastante a comprar meu skate e dar um “rolê”³ junto com o grupo sempre que fosse possível.

Como dito, desisti de pesquisar com aquele coletivo, em particular. Porém, não havia desistido de fazer pesquisa com outros jo-

² Segundo Deleuze e Guattari (1996), os devires nascem do desejo das pessoas, e não são fenômenos de imitação, nem de compreensão, porém de dupla transformação, pois não se deixa o que se é para devir outra coisa, mas sim se faz “surgir” algo novo. Ver mais em “Mil platôs: capitalismo e Esquizofrenia”, 1996.

³ “Rolê” é uma gíria de skatistas que significa “dar uma volta”, “andar” ou “passar” com o skate.

vens que também colocassem esse esporte em ação e continuei em busca de contatos com outros jovens skatistas.

Por meio de amigos no meio acadêmico, minha orientadora e eu conhecemos o professor e sociólogo Me. Tarcísio Arquimedes nas redes sociais. Navegando no Facebook, percebemos a presença deste professor em páginas de estudiosos de jovens skatistas, e solicitamos que ele nos adicionasse em sua página porque vimos na sua pessoa a possibilidade de conhecermos outros grupos de jovens e com este contato, encontrarmos campo de pesquisa exequível, tendo em vista que este professor desenvolve pesquisas há algum tempo com jovens skatistas de cidades litorâneas como Parnaíba e Luís Correia -PI. Passamos alguns meses conversando pelo [Messenger](#) do Facebook, onde o Prof. Tarcísio me propôs algumas leituras específicas sobre o skate, fez alguns questionamentos sobre minha intenção em pesquisar com jovens skatistas dentro do mestrado em Educação e me passou alguns contatos também pelo Facebook de alguns jovens que poderiam contribuir com o estudo que eu desejava desenvolver.

Em dezembro de 2014, eu e o referido professor nos encontramos e combinamos de desenvolver um grupo focal com alguns jovens praticantes do skate nessas duas cidades, no qual tínhamos como finalidade, além de minha apresentação ao grupo, traçar um breve perfil deles, acerca da faixa etária, gostos, frequência e dificuldades na realização do skatismo, etc.

Parnaíba - PI

Diário de Campo: 12 de Dezembro de 2014

Coração batendo forte. Mãos suando frio. Eu esperava o professor Tarcísio em frente ao [SkatePark](#) de Parnaíba na praça do quadrilhódomo⁴. Eram exata-

⁴ Quadrilhódomo é nome popular da praça Mandu Ladino em Parnaíba. É um local muito frequentado por crianças, jovens e adultos que vão à praça para

mente 17h30. Seria a primeira vez que iria encontrar com eles, e estava muito nervosa. Havia combinado com o professor Tarcísio de encontrá-lo um pouco antes da chegada dos garotos, que haviam marcado o horário de chegada do grupo as 18h00. Caminhei um pouco por todos os espaços da praça enquanto esperava a chegada do professor, pois quando cheguei ao local não o localizei de imediato. Porém, com pouco tempo de espera ele chegou. Iniciamos uma conversa sobre a experiência dele com skatistas, e ele me relatou que ainda não havia conhecido os jovens que praticavam este esporte em Parnaíba, os que ele conhecia eram de Luís Correia e frequentavam suas aulas de sociologia no IFPI no curso de Eletrotécnica deste instituto. Disse-me, ainda, que os alunos desse curso técnico são “estigmatizados”, marginalizados na instituição por serem jovens pobres, festeiros, alternativos, comunicativos e alegres. Esperamos até às 18h30 e nada dos jovens skatistas chegarem. Quando recebemos uma ligação do Tranquilo⁵, o skatista que nos colocaria em contato com os outros do grupo, ele ligava para avisar que nós o desculpássemos, pois que ele só iria poder chegar por volta de 19h30min da noite. Eu e o professor ficamos um tanto apreensivos, nesse horário já estávamos pensando em estar nos despedindo dos garotos, porém a vontade de conhecê-los e de pesquisar junto a eles, nos fez decidir por esperar. E valeu a pena. Quando Tranquilo chegou pediu para que os colegas parassem de andar de skatee nos dessem alguns minutos de atenção. Nos apresentamos ao grupo e pedimos que eles também se apresentassem para nós. Perguntamos as problemáticas que eles viviam no dia a dia enquanto jovens skatistas, sobre os prazeres e

fazer caminhada, andar de skate ou de bicicleta, ou prestigiar as comemorações e festividades patrocinadas pela prefeitura que tem este local como a praça de eventos da cidade.

⁵ Este jovem participou ativamente de toda a pesquisa, criando este pseudônimo para si durante oficina de negociação, que será descrita mais adiante.

os desafios dessa prática, sobre os preconceitos se existiam ou não, a idade deles, enfim, questões que nos possibilitasse conhecê-los um pouco mais. Eram cerca de 25 jovens skatistas com diferentes idades. A maioria deles respondeu às nossas perguntas timidamente, mostravam receio ou não sabiam muito bem o que nos responder, procuravam as palavras certas a serem usadas.

Aquele encontro permitiu-me inferir, entre outras informações, que tinham faixa etária entre 14 e 20 anos e que a maioria começou a andar de skate por influência das amizades que construíram na escola. Percebi por meio dessa atividade que os jovens skatistas que se encontravam com frequência eram os moradores da cidade de Luís Correia, que todos os dias se encontravam no [Skate Park](#) naquele município para dar um “rolê” de skate. Assim, combinei rapidamente com o Prof. Tarcísio e Tranquilo uma visita ao [Skate Park](#) de lá.

Foi no primeiro encontro em Luís Correia, no [Skate Park](#), em dezembro de 2014, que pude perceber diretamente aqueles jovens andando de skate, o quanto de vida e criação existia naquela atividade esportiva, mostrando-se potencialmente enquanto prática educativa envolvida com o corpo e o movimento. Penso, foi naquele momento que pensei pela primeira vez no tema problematizador de minha pesquisa: “aprender na relação com o movimento”. Movimento esse que acontece no fluxo, na turbulência, no devir (não há nada de “prefigurado” nele) e onde o corpo jovem pode deslizar de forma livre, num espaço liso, cheio de intensidades e diferenças e sem prévias demarcações estabelecidas (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Desejei ver e ouvir o que os skatistas tinham a dizer sobre o aprender na relação com o movimento, pois enquanto pedagoga percebi rupturas com o aprender cristalizado nas escolas e com parte fundamental de minha formação, pois os Espaços que são apropriados por eles... Espaços que são do skate mostram que há

outros modos de educar no contemporâneo (BRANDÃO, 2011). Logo pensei em desenvolver a pesquisa com e entre eles, cartografando os sentidos de aprender produzidos por seus corpos deslizantes quando circulam pelas praças, pelas ruas, deslizando sobre bancos de praças, corrimãos, dentre outros espaços.

Deste modo, senti desejos de estudar os seus modos de aprender, sua pedagogia feita de manobras anunciava um lastro de movimentos corporais: deslizar, desviar, pular, cair, errar, levantar, seguir em frente, retroagir e fazer uso de espaços inimagináveis - sua potência está em explorar territórios ainda não ocupados, instituir novas e radicais manobras. Suas práticas pela cidade apontavam para mim um pertencimento ativo aos lugares onde transitam, evidenciando saberes tatuados em seus corpos, fazendo-me partilhar a seguinte indagação: É o jovem que habita a cidade ou é a cidade que habita o jovem? Há uma simultaneidade, uma sincronia entre eles. Ao viver a cidade, o jovem mostra que é capaz de pensar, de criar e que sabe mais sobre si mesmo do que se pode imaginar (ADAD, 2011).

Neste sentido, esta escolha deveu-se, em particular, porque entendo que suas formas de praticar e viver a cidade, aprendendo com o corpo, em movimento, permitirá o descolonizar de ideias prontas sobre o que é aprender, rompendo com fórmulas clichês e conteúdos pré-estabelecidos, permitindo-me problematizar os formatos usuais da formação em Pedagogia de reprodução dos saberes, usuais no ensino e aprendizagem institucionais. Os skatistas escapam a este aprender ao se concentrarem nas ruas das cidades, saindo de salas de aulas, resistindo ao aprender formalizado e disciplinante existente na maioria das escolas.

Mas, como realizar este desejo? Em 2014, ao entrar no mestrado conheci a Sociopoética, abordagem de pesquisa que permite a criação do conhecimento coletivo com a formação do grupo-pesquisador e o uso da arte como dispositivo que potencializasse ainda mais seus corpos, dando abertura para que se sentissem confiantes

a falar de si e de seus conceitos de aprender, de modo a dar visibilidade aos seus saberes ao serem ouvidos, respeitados em seus desejos. Isto foi possível porque acreditei neles e em suas capacidades. Foi assim que construí meu desejo de investigar os “confetos” (termo sociopoético oriundo da junção das palavras: conceito + afeito) de aprender, os problemas e potencialidades do corpo jovem na prática do skate, que acontece em meio à vida, a um aprendizado pela imanência ao deslizar para fora dos muros da escola, realizando uma pedagogia deslizante - prática educativa que habita veredas e ruas, numa sociabilidade intensiva, constituindo-se **aprendizado vivo**, no qual eles não estão reduzidos a ouvir, sentados, sobre o que teoricamente seria aprender, mas estão na cidade vivendo e aprendendo pela apropriação dos múltiplos espaços urbanos.

Assim, apresento a seguinte problemática: Até que ponto jovens envolvidos com o esporte radical do skate podem potencializar e inventar outros conceitos sobre o aprender na relação com o movimento tendo em vista os processos de criação e de sociabilidades, seus saberes e problemas que os mobilizam na contemporaneidade?

Em meio a esta problemática surgem as questões norteadoras, tais como: O que pensam os jovens que andam de skate em Luís Correia - PI sobre o aprender na relação com o movimento? O que estes jovens aprendem com o corpo em movimento, andando de skate? Quais seus saberes? Que problemas os mobilizam em relação ao aprender? Quais as linhas de resistência que estes jovens skatistas produzem frente às concepções instituídas de aprender? Que potencialidades corporais são desenvolvidas pelos skatistas enquanto prática desse esporte frente aos problemas que os mobilizam no contemporâneo acerca do aprender na relação com o movimento?

Percebendo tais questões, esta pesquisa se mostra como uma temática inédita no programa de pós-graduação do mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI, pois não

existiam, até então, estudos sobre esta temática no programa referido, mesmo com tantos jovens praticantes do skate mobilizando meu corpo, fazendo-me pensar: Como pensar práticas educativas que tomem o corpo todo no processo de aprendizagem dos jovens? É possível existir um modo de aprender onde o corpo não faça parte do processo, tendo em vista que o corpo do jovem é o próprio jovem? Le Breton (2006) afirma que a existência humana é antes de tudo corporal, e é por esta razão que as discussões desse trabalho são voltadas para uma educação que não separa a cabeça do resto do corpo, mas que pelo contrário, prioriza o corpo no processo de aprendizagem.

Deste modo, enquanto pedagoga e estudiosa de práticas educativas e culturais juvenis, escolhi jovens skatistas para me ajudarem a pensar estas questões com/entre eles tendo como tema-gerador o aprender em constante relação com movimentos corpóreos. Para tanto, fiz uso de metodologias dinâmicas e prazerosas, parte do princípio da Sociopoética, que valoriza os saberes das culturas de resistência, como no caso, de jovens skatistas, permitindo a produção em coletivo de conceitos sobre problemáticas que circundam um tema gerador (GAUTHIER, 2012).

Para além do subjetivismo, escolhi esta metodologia por ser um método que se adéqua aos objetivos de minha pesquisa, bem como, por seus princípios, os quais permitem que o pesquisador tenha liberdade para criar técnicas e dispositivos artísticos que estimulem o pensamento, o corpo e a criatividade do grupo (GAUTHIER, 2009). Assim, encontrei nesta abordagem metodológica um novo modo de construir o conhecimento voltado para a capacidade inventiva do homem, na qual, categorias como corpo, juventude, educação e movimento surgem como possibilidades de problematizar a vida de jovens, permitindo a criação de novos confetos que me ajudaram a responder as questões desse estudo.

Neste trabalho faço uso de inúmeras fotografias, tornando-as um recurso importante para complementar minha escrita, de

modo a propiciar aos leitores um acompanhamento do meu movimento enquanto pesquisadora. Exponho também as imagens das produções plásticas do grupo-pesquisador, imprescindíveis para a criação dos confetos.

Na busca pelas respostas para essas problematizações, realizei a pesquisa disposta neste trabalho na forma de manobras, fazendo relação ao mundo do skate, no qual o principal objetivo é realizar a melhor manobra radical, sendo assim, refiro-me aos capítulos como “manobras educativas”, enfatizando o âmbito da Educação que existe em cada capítulo aqui apresentado. Vejamos:

Em I MANOBRA-MEMÓRIAS CARTOGRÁFICAS E ENCARNADAS DA PESQUISA EM MOVIMENTO escrevi linhas que relatam memórias nômades sobre o processo inicial desta pesquisa, desde as mudanças que me ocorreram ao adentrar no mestrado em Educação, fazendo-me perceber as juventudes contemporâneas sob outra perspectiva teórica, até o encontro com os jovens skatistas que participaram deste estudo. Neste capítulo, trago ainda minhas justificativas, os objetivos da investigação e as sínteses de cada capítulo.

Em II MANOBRA - O RITMO DAS MANOBRAS ESQUENTA: JUVENTUDES E O SKATE ENQUANTO PRÁTICA EDUCATIVA NA CIDADE, abordo teoricamente a problemática desse trabalho, bem como apresento os jovens, o território de pesquisa e o processo de luta dos skatistas para conseguir o *Skate Park* da cidade em que vivem, luta que, inclusive, justifica este estudo na linha de Educação, Movimentos Sociais e Política Públicas. Tais temáticas são pautadas a partir de considerações de autores tais como Carrano (2003), Adad (2011), Brandão (2011), Silva (2013), Sposito (1996), Diógenes (1998, 2003), Pais (1993, 2006), Sales (2010, 2013), Bomfim (2006), entre outros.

Em III MANOBRA - DO LITORAL À CAPITAL: DO MEU CAMINHO MOVENTE À TRAVESSIA PARA SOCIOPOÉTICA, apresento a Sociopoética e seus princípios, exponho meus estranhamentos e o processo de tornar-me uma sociopoeta, bem como os motivos pelos

quais a escolhi como método de pesquisa, à luz da teoria de Gauthier (1999, 2003, 2012), Adad (2014) e Petit (2014), dentre outros, e a oficina de negociação para formação do grupo-pesquisador;

Em IV MANOBRA - LUGARES DO APRENDER EM MOVIMENTO: PRODUÇÃO, ANÁLISE E CONTRA-ANÁLISE DAS NARRATIVAS, apresento a primeira técnica sociopoética que utilizei com os jovens skatistas: “o lugar do aprender em movimento”. Descrevo os acontecimentos ocorridos durante a oficina, o momento de análise das narrativas pela facilitadora, os estudos transversais e a contra-análise com o grupo-pesquisador.

Em V MANOBRA - TARÔ DO APRENDER EM MOVIMENTO - JOGO DE CARTAS NA PESQUISA: PRODUÇÃO, ANÁLISE E CONTRA-ANÁLISE DAS NARRATIVAS, exponho a segunda oficina sociopoética realizada durante a pesquisa, bem como, a análise produzida pelo grupo e pela facilitadora, os estudos transversais e a contra-análise da pesquisa.

Em VI MANOBRA - O “ÁPICE” DAS MANOBRAS FILOSÓFICAS: TRANSVERSALIZANDO CONFETOS ENTRE JOVENS SKATISTAS E PENSADORES CONTEMPORÂNEOS, desenvolvo diálogos entre o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador e os teóricos cujas obras são referências desta pesquisa.

Em VII MANOBRA - MANOBRAS RADICAIS FINAIS: O SONHO NÃO ACABOU - apresento as conclusões acerca deste trabalho, e convido à reflexão sobre a importância do corpo em movimento nas experiências de aprendizagem.



Figura 1 – Participante da pesquisa andando de skate na cidade de Luís Correia - PI.

Fonte: arquivo da ASLP (Associação de Skate do Litoral Piauiense)

II MANOBRAS

O RITMO DAS MANOBRAS ESQUENTA: JUVENTUDES E O SKATE ENQUANTO PRÁTICA EDUCATIVA NA CIDADE

Eu quero desaprender para aprender de novo.

Raspar as tintas com que me pintaram.

Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.

RUBEM ALVES

Acredito que a educação é um processo rico em vida, intenso de experiências e de significados para seus aprendizes. Porém, o que tenho visto nas escolas, locais pensados comumente como prioritários para o processo de ensino e aprendizagem, é uma realidade que pouco condiz com a socialização para a criação e para a experiência dos alunos. Na verdade, a cada novo processo de evolução da sociedade capitalista, a escola tem voltado seus objetivos para um aprender que se remete basicamente à memorização de conhecimentos e à disciplina dos corpos. Foucault (2014), em seu livro “Vigiar e Punir”, traz indícios de que este modelo educacional vem se estruturando desde meados do século XVIII, quando surgiram as primeiras escolas.

Entretanto, a ênfase no conteudismo exigida pela sociedade mercantilista fez com que a escola fortificasse cada vez mais sua atenção para um aprender quase que exclusivamente marcado pela memorização e a segmentação do conhecimento, que muitas vezes é realizado pelos estudantes sem que haja uma relação prática com suas vidas “fora” da escola. Essa perspectiva sobre o aprender vem se destacando no Brasil desde o início do período de industrialização do país, quando houve a necessidade de ampliar a mão de obra para o mercado de serviços.

Mosé (2013), filósofa contemporânea, afirma em uma de suas palestras¹ que, com o intento de cumprir com uma proposta de educação massificante e disciplinadora, voltada para a produção de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, as escolas brasileiras produziram um sistema educacional baseado na fábrica e na prisão², na qual os conteúdos a serem estudados são chamados de “disciplinas” e passados aos estudantes de forma segmentada,

¹ Palestra com o tema: o que a escola deveria saber antes de ensinar? Exibida durante o programa “Café Filosófico” transmitido pela TV cultura.

² A fábrica e a prisão são duas das instituições disciplinadoras mais destacadas por Foucault (2014) em seus estudos, junto à própria instituição escola e o manicômio.

ao mesmo tempo que os métodos de avaliação são conhecidos como “provas”, em que cada estudante deve provar que memorizou os conteúdos que lhe foram transmitidos durante as aulas.

A necessidade de construir uma escola conteudista, segmentada e baseada no sistema de prisão diz respeito especificamente à necessidade ou desejo da sociedade de produzir passividade, disciplina, ausência de indagações e repetição de conteúdos (MOSÉ, 2013). No clip musical “*Another Brick in the Wall*” da banda britânica Pink Floyd são representadas cenas fortes sobre a “fabricação” de alunos na escola disciplinar³, que acabam se tornando “apenas mais um tijolo na parede” conforme lhes é transmitido o esquema de normas que diferencia o que é permitido ou proibido, correto ou incorreto, bom ou mal, e sempre fazendo uso de uma lógica binarista (FLOR DO NASCIMENTO, 2004).

Mas a escola também é espaço de criação e sociabilidade, pois embora não incentive o encontro, ao contrário, reprima a sua concretização, ele acontece entre os alunos nos curtos espaços de tempos permitidos ou em momentos de transgressão. E assim, formam-se os subgrupos mantidos pelas afinidades e interesses em comum, pois a escola é em sua essência um espaço coletivo de sociabilidades (DAYRELL, 1996). Não é à toa que os jovens skatistas desta pesquisa começaram a andar de skate juntos por meio das amizades que construíram na escola, fato ao qual já me referi no capítulo anterior, e que vai ao encontro do pensamento de Dayrell, quando afirma que:

O cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência com a diferença. Independentemente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debates de ideias, confronto de valores e visões

³ Esse termo foi criado por Wanderson Flor do Nascimento (2004) com base nos estudos desenvolvidos por Foucault (1999). Refere-se à ideia da escola como um dos espaços onde a disciplina acontece de forma mais intensa, colaborando na produção de alunos dóceis e produtivos.

de mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos. Ao mesmo tempo, é (mas poderia ser muito mais) um momento de aprendizagem de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas, os limites e as transgressões (DAYRELL, 1996, p. 150).

Deste modo, as sociabilidades juvenis muitas vezes se iniciam na escola, no cotidiano dessa instituição. Mas acontecem criando resistências, afetos, encontros e trocas entre os colegas de sala de aula e que, na maior parte das vezes, seguem para toda a vida dos jovens, dando início a novas práticas culturais, que acontecem nos múltiplos espaços que os jovens também frequentam, especialmente na rua, na cidade. Um fato interessante é que as escolas foram fundadas justamente com o intuito de evitar ao máximo o contato das crianças e jovens com a rua, local do contínuo discurso da periculosidade e marginalização, na qual os garotos e garotas podem entrar em contato com as drogas e a criminalidade, se “desvirtualizando” (MOSÉ, 2013).

Batista e Carvalho (2001) atentam para o fato de que até o início do século XX a rua era identificada como um lugar destinado apenas aos homens - tradicionais provedores do lar - e que servia como espaço de diversão e lazer para os mesmos. De forma oposta, para as mulheres eram delimitados apenas os locais da casa, como os salões, salas de festas e visitas, cozinhas, etc. Assim, a rua era o lugar da arruaça, da baderna, enquanto a casa era dada como espaço sagrado, santuário, de onde mulheres e crianças não deveriam sair. Adad (2011), ao discorrer sobre sua infância e a vontade de brincar na rua, coloca que a cidade “ao mesmo tempo que era o lugar das melhores brincadeiras e onde aprendia muitas coisas, inclusive as histórias mais emocionantes, tornou-se, também, o lugar negado - não era lugar para meninas (ADAD, 2011, p.96).

Deste modo, a autora enfatiza a noção de ambiguidade dos espaços citadinos, que se apresentam ora marcados pelo perigo, ora pela aventura e divertimento também. Conforme Batista e Carvalho

(2001), com a atuação dos jovens, sobretudo, os residentes de bairros pobres e periferias, ocupando os espaços públicos centrais, com seus usos seja dos esportes, de shows ou outras intervenções de toda ordem, passaram a surgir diversas representações sobre a rua. Diante disso, muda-se o foco da cidade como âmbito de marginalização, e passa-se a incluir também a ideia de moradia, autonomia, lazer, diversão e liberdade. “O espaço da rua constitui-se palco de uma nova dinâmica social. [...] significando ser essa uma maneira de identificação com grupo social, diferente do ‘mundo da casa’” (BATISTA; CARVALHO, 2001, p.58).

Nesse sentido, a rua passa a ser uma nova arena de sociabilidades para os jovens da periferia, pois é em seu espaço que passam a trocar ideias, socializar, se divertir, namorar, praticar esportes, enfim, a rua passa a fazer parte da vida desses sujeitos de maneira central, mesmo que nela também estejam presentes o medo e a apreensão quanto à violência ou a criminalidade.

Segundo Carrano (2003), a formação de valores, a troca de saberes e, em última instância, a própria subjetividade, fazem parte do amplo leque de possibilidades educativas que se abrem nos múltiplos contextos da cidade, e que não se restringem somente à escola. É preciso ressaltar que o que se aprende, o que se ensina e o que se constrói nessa perspectiva educacional está estreitamente vinculado aos afetos, às afinidades, à rotina e aos prazeres dos indivíduos que a colocam em prática. O autor ainda assinala a importância de se perceber as relações humanas colocadas em ação na cidade pelos jovens como uma esfera educacional ampliada que se realiza na heterogeneidade de territórios sociais praticados, pois “vivemos situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos” (CARRANO, 2003, p.16).

Tal modo de aprender na rua como prática de sociabilidade é definido por Carrano (2003) como uma espécie de educação informal, normalmente invisível, constituindo-se como o lado

obscuro da educação, pois não é valorizada pela escola e nem pela sociedade, realçando a pedagogia na sua cegueira, bem como a desvalorização dos saberes constituídos no espaço público (ADAD, 2011). Assim, no sistema educacional contemporâneo do Brasil, percebo que os saberes juvenis muitas vezes não são levados em consideração, e os jovens são vistos como indivíduos que podem e devem ser alienados para obedecer e seguir regras determinadas, aprendendo por meio de normatizações e sistemas disciplinares que estão em vigor.

Diante disso, fica fácil perceber que os caminhos da educação formal tornaram-se, na maior parte das vezes, pouco animadores para as juventudes, sem movimento, sem graça e, portanto, sem processos de criação. As estatísticas fazem refletir sobre o desinteresse dos alunos com as práticas pedagógicas que são utilizadas na escola para se ensinar e aprender, pois em pesquisa realizada pela Unicef - Fundo das Nações Unidas para infância - entre outubro e dezembro de 2012 e entre maio e novembro de 2013, dados revelam que no Brasil os jovens de 15 a 17 anos são os mais excluídos da educação - cerca de 1,7 milhões deles estão fora da escola. Além da exclusão, esses jovens também enfrentam contrastes entre a relação idade e seriação, pois 35% dos matriculados (3,1 milhões) nessa faixa etária frequentam o ensino fundamental e 31,1% dos alunos que cursam o ensino médio (2,6 milhões) sofrem atraso estudantil. Se este processo permanecer, o país vai levar cerca de 30 anos para conseguir universalizar o ensino médio (VOLPI; SILVA; RIBEIRO, 2014). Deste modo:

para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 2007, p.2).

Entendo, enquanto educadora, que é preciso romper com este modelo de educação, ensino e aprendizagem presente em muitas escolas da atualidade, pois penso que este modelo inativo de aprender não satisfaz efetivamente as necessidades dos aprendizados e da formação juvenil. É necessário que a escola se aproxime dos jovens para compreendê-los e pense a sala de aula através de dispositivos que mobilizam o interesse e a vontade de aprender. É preciso, pois, tornar a experiência de frequentar a escola e a sala de aula cheia de sentido, ação e vida; o “trabalho da escola deve partir dos interesses dos estudantes e levar em conta aquilo que eles gostam e que sabem fazer, e não levar em conta suas carências e/ou faltas, por exemplo” (ADAD; RAMOS, 2013, p.23). Nesse sentido, concordo com as autoras citadas que aprender significa:

arriscar-se e experimentar mundos, por sua vez isso requer exposição, abertura com tudo que tem vulnerabilidade e risco. O sujeito da experiência, portanto, tem a ver com aqueles que atravessam espaços indeterminados e perigosos, pondo-se nele a prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [...] A experiência é sempre um encontro, uma relação com algo que se prova, que se experimenta. Contém sempre a dimensão da travessia e do perigo. Por isso que é habitando o mundo e seus riscos de queda, de perda, que o corpo da criança, do adolescente e do jovem vai percebendo o tanto quanto em nós o mundo habita. E isso significa aprender a deixar-se atravessar e redesenhar por outros que passamos a conviver e que, muitas vezes, vão se instalando e se tornando parte de nós mesmos. Portanto, aprendizados de saltos e de tombos são aqueles em que ousamos viver a experiência, saltar do abismo dos desafios que a vida nos proporciona (ADAD; RAMOS, 2013, pp. 24-47).

Assim, outros modos de aprendizados e educação são constituídos pelas juventudes em múltiplos espaços que se expandem infinitamente para além da escola, os quais muitas vezes desconhe-

cem ou mesmo não valorizam. Sposito (1996) discorre sobre como os jovens se dedicam a arte e ao lazer como formas de sociabilidade e sobre como a nossa sociedade e a escola não os entendem. Segundo a autora:

é necessário considerar a riqueza de possibilidades experimentadas nos espaços de sociabilidades destes jovens, que se expressam especialmente por meio da arte como a dança, a música, a poesia, o teatro, dentre outros. Para este segmento elas são mais importantes do que o caráter racional-instrumental (SPOSITO, 1996, p.100).

Para Sposito, portanto, a criatividade, a performance e os modos de aprender de diferentes grupos juvenis devem ser entendidos como sociabilidades e como novas formas de aprendizagens voltadas ao âmbito artístico, cultural e social. As “culturas juvenis são performativas, por que, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhe impõe” (PAIS, 2006, p.7). Entretanto, o que normalmente acontece é que as expressões resultantes das criações juvenis são vistas com certo desprestígio e trazem junto de si representações como as de risco, errático, ameaça e desordem, especialmente porque fazem da arte a expressão de seus desejos, valores e interesses, sendo que na maioria das vezes ocorrem fora do âmbito institucionalizado da escola.

Tais práticas culturais, portanto, acontecem nas ruas, nas praças, nas esquinas e guetos, locais onde a juventude skatista se permite viver a vida em amplo sentido, interagindo, dançando, “curtindo” com os amigos, e arriscando-se em inúmeras atividades culturais e esportivas, como dar um rolê na cidade, de skate.

Para os jovens, a rua é o campo de múltiplas sociabilidades, numa mundanidade que permite a proliferação das multiplicidades, a fusão entre os jovens e o resto da cidade. Invadem os diversos espaços urbanos, identificam-se com as áreas de maior movimen-

to, em sintonia com a diversidade de ritmos, sons, imagens das ruas. Tornam-se atores por excelência das novas dinâmicas urbanas em que a velocidade, o movimento e a visibilidade são suas referências, refletindo o nosso tempo, sendo protagonistas desse final de século. A rua é desse modo, o espaço onde modelam seus corpos, agrupando-se em bandos criando e recriando seus próprios símbolos (ADAD, 2011, p.60).

As práticas juvenis se multiplicaram à medida que a vida na cidade cresceu, e o âmbito urbano se acentuou, permitindo o surgimento de diferenciados sujeitos que passaram a interagir e construir, no contato social, novas formas e códigos de agir (BRANDÃO, 2011). Entre as novas práticas culturais realizadas na cidade, dou destaque ao skate, esporte radical que segundo o referido autor, no Brasil, teve origem na década de 1960, e que despertava nos jovens o interesse pelo movimento radical do corpo, pelo risco e pela aventura. Surge com essa prática um novo modo de movimentar o corpo, que retrata os interesses e afinidades dos jovens da contemporaneidade, que passa a ser voltado para o espontâneo, o inesperado, o veloz, em outras palavras:

A dança sobre rodas é um fator de união, reforça a ideia de um processo de identificação pela evolução dos movimentos, pela arte da performance. Muitos dos corpos que se olham são corpos que se apreciam, que se identificam, que se justificam. Assim, ao evocar o prazer e a ludicidade, o skate traz em seu bojo a atmosfera de um novo tempo, marcado por novas concepções e desejos (BRANDÃO, 2011, p.80).

O corpo é explorado com grande intensidade durante este esporte radical, é com ele que os jovens realizam diversas manobras, pulos e saltos que fazem parte dessa prática esportiva, e é com ele também que os jovens experienciam a cidade e seus territórios. O corpo é o instrumento pelo qual os jovens rompem com diversos

sistemas disciplinares que lhes são impostos pela sociedade e pela escola, a começar pela resistência ao aprender quieto, sedentário, sem vida e sem criação.

Sobre este **corpo-jovem-skatista** percebo, ainda, que ele é a mais intensa manifestação do movimento, do fluxo, do nomadismo. Os corpos skatistas ao se movimentarem pelas cidades fazem jorrar mais fortemente o sangue em suas veias, ativam sentidos outros, aprendizagens que se realizam nos encontros nas ruas, esquinas, praças, e que mobilizam trocas de energias, ficando marcos de experiências, esculpindo espaços e intensificando a percepção do território-corpo (DIÓGENES, 2003).

O corpo que é, segundo Le Breton, “o lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes” (2006, p. 11), junto ao skate permite aos jovens não apenas enxergar o mundo a sua volta, mas senti-lo, tocá-lo, a até mesmo, desafá-lo. O corpo mobiliza o inusitado, fazendo do jovem um **corpo-território-movimento** marcado pelas relações sem contrato, voluntárias e intensas, movediças e numerosas, que mudam tanto de composição como de territórios de convivência (ADAD, 2011).

Esta concepção que percebe o jovem como corpo-skatista, ganha consistência ao dialogar novamente com Le Breton, quando afirma que:

Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros [...] O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, com ele, no mesmo sistema de referências culturais (2006, pp.7-8).

É, portanto, o corpo que possibilita toda a experiência dos jovens com o mundo, permitindo um modo de aprender que faz

da pele uma superfície de trocas, com múltiplas ramificações e saídas e que precisa necessariamente de vários outros corpos para acontecer.

Foucault (2014), permite-me dizer que a disciplina escolar torna os jovens dóceis, por meio do controle de seus corpos. Entretanto, segundo Bondía (2000), aprender pela experiência, com o corpo em movimento, deslocando o olhar para o sensível permite aos corpos juvenis a (auto)produção de saberes do que se aprende e de como se aprende, possibilitando saberes não descartáveis ou fáceis de serem esquecidos, que deixam marcas, vestígios que o corpo não esquece e, portanto, são muito mais significativos para as juventudes da atualidade.

Luís Correia - PI,

Diário de Campo: 27 de Dezembro de 2014

Na praça os jovens skatistas intensificam os valores do coletivo, da amizade, da “parceria”, do grupo como um todo. Geralmente juntam moedas ou pequenas cédulas de dinheiro para comprar alimentos a fim de fazer um lanche no qual todos possam participar. Quando um não tem dinheiro, os outros pagam a parte desse integrante, ou compram um lanche mais barato que possa ser dividido entre todos que estão lá. O importante é que todos participem. Percebo que os garotos desenvolvem noções de solidariedade e respeito efetivamente colocando-os em prática na praça.

A transcrição desse trecho de um de meus diários de campo dá continuidade à reflexão desse aprendizado que se constitui nas ruas, por meio das sociabilidades, das práticas culturais, das subjetividades e da experiência, pois para apreenderem sobre os valores humanos e os saberes voltados para o coletivo não é preciso discurso para isso, não é preciso aula expositiva ou um professor que os guie na construção desse saber, basta a vivência dessa ex-

perícia uns com os outros na praça, como jovens skatistas que habitam aquele território.

Brandão (2011) enfatiza que o esporte radical do skate na realidade é chamado de **skateboard**. Traduzindo para o português, skate indica algo como patinar e **board** significa tábua, sendo **skateboard** a ação de patinar sobre uma tábua. A história do **skateboard** mostra que inicialmente ele se desenvolve nos Estados Unidos, principalmente no Estado da Califórnia, para apenas anos depois, despontar em outras partes do mundo, em especial no Brasil, no qual, segundo dados de uma pesquisa produzida pelo Datafolha no final de 2002, este esporte é praticado por mais de 2,7 milhões de brasileiros.

Segundo Dias (2011), o skate, o surf, o wakeboarding, o hope jump, os patins, o rapel e o motocross são algumas das atividades esportivas mais praticadas pelas juventudes na contemporaneidade, principalmente nos países ocidentais. Tais atividades físicas têm sido comumente chamadas de “esportes radicais”.

A lógica dos esportes radicais foge à lógica dos esportes institucionalizados, e adquire um caráter subversivo. Enquanto a prática do sistema dominante do esporte tenta pressionar as atividades para se enquadrarem às regras burocraticamente definidas, de modo que sejam universalizadas, homogeneizadas e controladas, os esportes radicais revelam uma valorização de outros princípios tais como o elemento estético do esporte, a criatividade, a ousadia, a improvisação, o espontâneo, o arriscar-se e o não padrão (DIAS, 2011, p.13).

Portanto, no skate os jovens desenvolvem singularidades orientadas para a construção de novos processos, de diferentes formas de se perceber os outros e o mundo, de modo que recusando o estilo de vida impostos a eles e elas, interiorizam valores independentes dos já estabelecidos pelos meios de comunicação e consumo (SALES, 2013).

Sendo assim, o skate é uma prática que permite aos jovens afrontarem as normas convencionais advindas da família, da escola e de, modo geral, da sociedade sobre o que é ser um jovem devidamente “normal”, seja nos grupos artísticos e culturais, nos grupos de amigos, ou grupos esportivos, dando destaque à atividade do skate que, segundo a autora, poderá se tornar o esporte urbano mais praticado do século XXI.

Assim diante da prática do skate, percebi que os jovens inventam novas formas culturais para apropriação e participação no meio social, passando a se expressar, agir, falar, interagir, enfim, viver a realidade em um contínuo processo de criação de si e do grupo. Penso, portanto, que durante a prática do skate, é possível fazer um deslocamento com a TeoriaQueer⁴ que comumente é uma subversão com os regimes de normalização, disciplina e controle dos indivíduos, para valorizar a multiplicidade e o respeito com o que é diferente, que é tido como “anormal” e que a escola tanto trabalha para normatizar e disciplinar e que efetivamente ainda não está preparada para lidar. Essa teoria “não é uma defesa a homossexualidade, mas é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha de abjeção, essa fronteira rígida, entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISCKOLCI, 2012, p.25).

Deste modo, deslocando essa teoria dos estudos das sexualidades e gênero para meu campo de estudo, acredito que o skatismo que é colocado em ação pelos jovens dessa pesquisa, possibilita a indisciplina⁵ dos corpos juvenis que o praticam. Pois o skate, assim

⁴ Segundo Misckolci (2012), esta teoria surgiu na década de 1980, voltada para as práticas de resistências e desconstrução aos padrões de sexualidade e gênero impostos pela sociedade, sendo os sujeitos queer uma ameaça a ordem social vigente. Na tradução para a língua portuguesa sua compreensão está ligada a um xingamento, uma injúria contra alguém, de modo a enfatizar que o(a) mesmo(a) é motivo de desprezo ou novo por ser considerado transgressor, anormal ou monstro.

⁵ O termo indisciplina é aqui entendido como resistência aos mecanismos que normatizam ou regulam os movimentos e atitudes dos corpos juvenis. Tem uma dimensão positiva.

como a dança e outras atividades físicas voltadas para o lazer e para a experiência, evita que os corpos juvenis se tornem “engessados” a exemplo das aulas normalmente sedentárias que presenciam na escola, que consideram muitas das vezes como melhores alunos os estudantes com os corpos “comportados”.

Recordo-me que quando adolescente e estudante de um colégio tradicional de freiras na cidade de Parnaíba - PI, o padrão de bom aluno era o que não conversava, não interagia com os colegas ou até mesmo não se movimentava durante a aula. Agir segundo esses critérios de bom aluno era ter uma chance de não ficar em prova final, caso tirasse nota baixa, pois para os alunos de “comportamento apropriado” haveria dois pontos de acréscimo na média. Anos depois, já formada em Pedagogia e atuando nesta profissão, percebi com decepção que inúmeras escolas também mantinham esse “estereótipo” para os alunos que consideram bons. Assim, problematizo sobre a escola com base em minha experiência de vida, não generalizando todas as instituições escolares - realçando inclusive, que há várias delas que realizam um trabalho inovador e dinâmico - mas enquanto pedagoga, falo da experiência que vivi como aluna de uma escola tradicional, que ressaltava a educação como um processo de disciplina e normatização de corpos.

Flor do Nascimento (2004) ajuda a refletir sobre este tipo de disciplina que a escola impõe aos estudantes, ao afirmar que:

Cada ação do aluno é rastreada em trabalhos, nas famosas “notas de participação”, que nada mais são do que modos de forçar o aluno a agir de determinada forma. O currículo vem se flexibilizando, mas o discurso das habilidades que os alunos têm de atingir mostra que ainda existe um ideal, um modelo que se pretende que os alunos alcancem. E o que é pior: a maioria deles atinge. Dessa forma, a escola continua fabricando sujeitos dóceis, úteis, em conformidade com o certo ideal de “bom aluno”. Analisando a história da escola, percebemos uma preocupação com a

manutenção da ordem, da disciplina, com o controle da organização do tempo e do espaço da sala de aula, bem como dos saberes a serem transmitidos (FLOR DO NASCIMENTO, 2004, p.34).

Aprender sob um olhar insubordinado da teoria *Queer* seria exatamente o aprender pela experiência, que contorna o saber fragmentado e sedentário da escola, e que se amplia para além de seus muros, permitindo a indisciplina dos corpos juvenis, corpos desliantes como os dos jovens skatistas, que se libertam e se expressam de forma livre por meio dessa prática radical. A indisciplina do corpo jovem surge, assim, em meio aos movimentos e manobras contínuas e inesperadas que os jovens skatistas realizam durante a prática do skate, afinal, segundo Adad e Silva (2013), por meio do esporte a importância do corpo em movimento é enfatizada e se revela como uma postura de resistência que torna os jovens protagonistas e empoderados de si, por permitir a desconstrução do corpo silencioso e tímido, que surge em meio às relações institucionais fundamentadas na divisão, no sedentarismo e no mutismo que ainda estão presentes de maneira muito forte na escola e em sala de aula.

No caso deste trabalho, a prática do skate é colocada em ação por jovens de 13 a 20 anos, filhos e filhas de pescadores, pequenos comerciários, funcionários de bares e restaurantes locais e donas de casa. A maior parte estuda e/ou trabalha, mas não deixa de lado o compromisso com o lazer, o esporte e a diversão, fato que segue em concordância com as ideias de Pais quando afirma: “[...] pode-se mesmo dizer que quem não quiser falar de lazer deve calar-se, se sobre juventude quiser falar” (PAIS, 1993, p.11). Assim sendo, mesmo com as exigências dos estudos advindas da família, da escola e da sociedade, impulsionando os jovens a viverem de expectativas para o futuro, este grupo transgride e se permite também viver o momento presente, trazendo novas problemáticas para o cenário juvenil, conforme a citação a seguir:

As diferentes juventudes constroem seus espaços, seus modos de vida a partir de novas formas de agir e pensar. Assim, questões como sexo, meio ambiente, direito, democracia, são colocados diante de uma ética global, onde a subjetividade ganha importância, assim como as relações de gênero, a relação com o corpo e a relação com os indivíduos de maneira geral. O que passou a ser mais importante para nossas juventudes é a ação imediata, os contextos informais (ABRAMOVAY, 2004, p.3).

Portanto, percebo que esse coletivo de skatistas preocupa-se com os estudos, embora sem grandes planejamentos futuros. Os mais velhos trabalham, mas com o intuito imediatista de obter recurso financeiro para comprar objetos que lhes proporcionam momentos de celebração com os amigos, como um novo skate, ou um aparelho celular melhor.

Podemos perceber a existência de novas e radicais atitudes de consciência que não se queiram apenas adequadas, mas que se admitam fragmentárias e contraditórias, que não se orientam apenas para o futuro, mas que busquem radicalizar o presente, que não vivam apenas com seriedade e rigor, mas que também assumam o compromisso com a alegria, o prazer e a festa (CARRANO, 2003, p.92).

É possível perceber tal postura em várias narrativas dos skatistas dessa pesquisa, entretanto, enfatizo esta fala de Kamalyon⁶, presidente da Associação de Skate do Litoral Piauiense - ASLP, que em tarde de pesquisa exploratória, em conversa sobre as atividades que eles fazem cotidianamente, Kamalyon, 20 anos, me conta que:

Eu estudo no IFPI, mas não sei se o curso que eu “tô” fazendo é o que eu quero para mim. Mas “tô”

⁶ Kamalyon é um dos pseudônimos criados pelos jovens skatistas na negociação desta pesquisa. No próximo capítulo cada jovem irá se apresentar com as características que escolheram para falar de si a partir da técnica do espelho.

fazendo, por que eu preciso terminar os meus estudos. Aí eu também trabalho, eu sou pizzaiolo ali do pizza quadrada no shopping daqui. Eu gosto de fazer pizza e tal, é massa. Mas óbvio que eu não quero ser pizzaiolo a vida toda, mas assim, preciso tá lá se quiser comprar meus skates, por que skate se acaba muito rápido, para quem anda como eu, que ando muito, um skate se acaba com 3 a 4 meses, daí tem que comprar outro, e não é barato. A minha mãe não tem dinheiro para me dar um skate novo, meu primeiro skate quem me deu foi o Samuel, não foi nem ela. Então, assim, trabalho para poder curtir a vida, e estudo né, porque a gente precisa estudar... a gente não sabe o dia de amanhã, ninguém sabe...

Deste modo, os jovens skatistas de Luís Correia vão vivendo dia após dia com alegria e intensidade, deixando as preocupações com o futuro pouco lhes tirarem o prazer de viver a vida e de fazerem o que gostam. Por atitudes como essa, “as ações desses jovens são quase sempre vistas como ações inconsequentes e desvairadas, imediatistas, desvinculadas de uma dimensão de projeto e de finalidade” (ADAD, 2011, p.51). E deste modo, constroem-se “estereótipos” para esses garotos que comumente são chamados de “vagabundos”, “preguiçosos”, “desinteressados”, como foi relevado pelo professor Tarcísio logo em nosso primeiro encontro ao afirmar que: “os alunos do curso técnico em eletrotécnica do segundo e terceiro ano têm um ‘estigma’ marginalizado na instituição, são os jovens mais pobres, mais festeiros, mais alternativos, comunicativos e alegres, são os das turmas que têm maior número de skatistas”.

Percebo, a partir da fala deste professor, que são vários os estereótipos dados aos skatistas por parte dos professores e de outros funcionários na instituição em que estudam por conta de suas práticas culturais juvenis. Martins (2005), ao discutir sobre esta temática, enfatiza que:

Funkeiros, charmeiros, góticos, skatistas, RPGistas, não têm visibilidade nos espaços escolares ou, quando são notados, é para que a escola utilize seus conhecidos mecanismos disciplinadores e de controle para justificar o desinteresse e com isso reforçar os mais diversos adjetivos utilizados para pré-conceituar, identificar e até mesmo afastar muitos alunos que andam em grupos e que por sua vez, parecem não responder as exigências disciplinares e não corresponder ao tão sonhado “padrão de aluno ideal”(MARTINS, 2005, pp.58-59).

Entretanto, é preciso considerar as “novas” prioridades desses jovens que vivenciam a contemporaneidade, que não estão ligadas necessariamente à sala de aula, à memorização de conteúdos curriculares ou à formação para o trabalho convencional; comumente seus interesses estão vinculados ao âmbito da arte, da dança, da música, enfim, ao lazer em suas diferentes formas e vertentes a exemplo da atitude de organização dos skatistas em associação com o intuito de negociar com o poder público a construção do *Skate Park* de Luís Correia, mostrando seu protagonismo para além dos estigmas de “preguiçosos”, “vagabundos” ou “desinteressados”. Para tanto, criaram outras formas de fazer política, e digo política não no âmbito partidário, mas no sentido de afirmação da diferença de si e do grupo e do exigir por respeito a essas diferenças e pela efetivação de seus direitos em âmbito governamental. Foi assim que a ASLP nasceu!

1 Maquinarias juvenis e a fundação da Associação de Skate do Litoral Piauiense – ASLP, território da pesquisa

Nas inúmeras visitas que fiz ao *Skate Park* de Luís Correia - PI, um dos depoimentos que melhor relatou a criação da ASLP, foi o de Kamalyon, que em março de 2015, numa tarde quente, bem típica do litoral piauiense, me relatou:

Rapaz, Kricia, a ASLP tem uma história meio doida. É por que assim, na verdade a gente não queria uma associação. Nunca pensou que iria ser necessário. Mas aí, nosso grupo “tava” tendo muitos problemas, por exemplo: A gente viu que “tava” ficando perigoso demais andar de skate na BR, sabe? Às vezes vinha um carro doido, faltava matar a gente e tal. Era complicado. Daí, encontramos uns lugares para andar, num galpão abandonado, numa quadra atrás de uma igreja, mas onde a gente ia as pessoas reclamavam com a gente do barulho, ou que a gente “tava” quebrando as coisas. A gente encontrou um galpão que já tinha sido uma madeireira e ninguém reclamava do barulho, mas chegou os skatistas e todos falavam que era barulho demais (risos). Como é que pode a gente fazer mais barulho que uma madeireira? Eu não sei (risos). Então foi que eu decidi, tive a ideia de pedir um *Skate Park* para a nossa prefeita, pois a gente já tem skatista demais aqui para não ter um lugar para andar. Aí eu tinha uns contatos, uns amigos, que tinham se proposto a nos ajudar, saca? Aí eu comecei a conversar com a Adriana, mas eu vi que a coisa não ia mais para frente, sabe? Do jeito que “tava” a gente não ia conseguir o *Skate Park*, precisava de uma coisa, um órgão sei lá, que representasse a gente para que “tivesse” força suficiente para gente conseguir esse *Skate Park* lá. Aí eu falei com um amigo meu que é advogado e ele me aconselhou a fazer a associação, e foi ele mesmo que me ajudou a fundar ela, a fazer o estatuto, legalizar tudo [...] Agora, a gente faz reuniões de 15 em 15 dias ou uma vez no mês para se organizar. Eu sou o presidente, mas todo mundo pode trazer propostas novas, pode dar sugestões, pode convidar para fazer pesquisa, como o Tranquilo trouxe você, entendeu? Todo mundo tem força para representar a gente [...] Quando a associação ficou pronta, aí voltei lá [na prefeitura] com os meninos e fomos de novo pedir o *Skate Park*, aí já foi diferente, eu vi que a coisa ia dar certo, enten-

deu? E deu não é? O *Skate Park* está aqui, ele não está pronto, e nem sei se um dia ele vai estar (risos), mas pelo menos agora tem esse lugar para a gente marcar espaço. E ele é nosso. Ele é dos skatistas. Mas ainda falta muito a ser feito, e eu vou fazer se Deus quiser.

É possível perceber, nesta conversa, que estes meninos se reuniram com o intuito de juntos encontrarem um meio de reivindicar seus direitos a um espaço onde pudessem brincar, andar de skate e se divertir com os amigos sem entrarem em conflito com a população ou a prefeitura. Surge entre eles, um devir-jogador, que cria estratégias, planejamentos, linhas de resistências que vão de encontro aos seus objetivos, daí o título deste subitem ser “maqui-narias juvenis”, pois trata-se mesmo de estratégias revolucionárias que os jovens criam em prol de seu coletivo, pois

A máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido de honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado (DELEUZE, GUAT-TARI, p. 21, 1996).

Assim sendo, são as metas do grupo que efetivamente acendem interesse no coletivo, pois estão vinculadas ao seu prazer, ao encontro com os amigos, às sociabilidades, ao presente que estão vivenciando. É assim, que a meu ver, desconstroem ideias e estigmas sobre os skatistas, pois mostram organização, democracia entre si e uma atitude política que se manifesta espontaneamente com/entre eles a todo o momento. São essas estratégias e questionamentos contra a sociedade que os coloca em situação de desprestígio, que os fazem resistir como guerreiros neste campo de forças, potencializando seus modos de aprender e existir na comunidade em que vivem.

Aqui, faço uso de fotos dos skatistas da ASLP, em reunião com a prefeita de Luís Correia, Adriana Prado, onde receberam o documento que autorizava a construção do Skate Park deste município.



Figura 2 - Os skatistas de Luís Correia - PI e a prefeita da cidade em reunião.

Fonte: www.blogluiscorreia.com.br

Da associação todos podem fazer parte. Seja skatista ou não, basta apenas que o candidato seja admirador da prática e queira contribuir voluntariamente com os eventos dos quais o grupo participa. Os jovens menores de idade devem levar uma autorização de seus responsáveis devidamente assinada, e todos deverão entregar cópias de RG e CPF e concordar com os termos e os princípios do estatuto da associação.

Ao “institucionalizar-se”, os skatistas elaboraram um estatuto que verdadeiramente os representa e que faz jus às metas que desejam alcançar junto à prática do **skateboard**. Sendo assim, neste documento são objetivos da ASLP:

- I. Difundir, praticar e incentivar a prática do **skateboard**, mediante a realização de cursos, torneios e

campeonatos seguindo, respeitando e divulgando os padrões da modalidade; II. Promover a integração e convívio social dos associados, proporcionando-os periodicamente reuniões esportivas e sociais; III. Organizar eventos, promover palestras e conferências ligadas ao esporte; IV. Promover fóruns, seminários e campanhas pela saúde e qualidade de vida; V. Organizar torneios com a participação dos associados; VI. Reunir em associação as pessoas ligadas a prática e promoção do *skateboard*; VII. Incentivar a prática esportiva divulgando informações técnicas e promovendo competições abertas ao público; VIII. Incentivar o *skateboard* para todas as faixas etárias e classes sociais; IX. Despertar a consciência nas comunidades sobre a importância da prática regular dos exercícios físicos em nossa sociedade; X. Auxiliar entidades esportivas, culturais e educacionais através de convênios, parcerias e outras formas de assessoria; XI. Representar a entidade junto as esferas do governo levando ao seu conhecimento reivindicações e necessidades da modalidade *skateboard*; XII. Defender a cultura do *skateboard*, sua história, suas características respeitando sempre a liberdade de escolha das pessoas; XIII. Estimular à criação de novos espaços dedicados a prática do *skateboard*; XIV. Desenvolver e fomentar projetos e programas como forma de educação, lazer e inclusão de crianças, adolescentes, adultos e grupos com necessidades especiais (ASSOCIAÇÃO DE SKATE DO LITORAL PIAUIENSE, 2014, s/p).

Percebo que este estatuto, formulado pelos jovens skatistas é pura afirmação da vida em meio ao skate! Pois estabelece uma associação que visa, além de divulgar essa prática radical, transversalizar saberes de múltiplas áreas, tais como educação física, saúde e inclusão social.

Há ainda uma forte autonomia presente no grupo, que se manifesta com a elaboração desse estatuto, um “esclarecimento” que,

segundo Kant (1983), trata-se do ato de pensar por si só, sem a influência de outras pessoas. Tal esclarecimento, portanto, acontece pelo fato de que muitos dos jovens da ASLP são menores de idade, considerados seres em desenvolvimento, que precisam de tutor, inclusive de autorização dos pais para fazer esta pesquisa. Entretanto, já vivem sua maior idade, num processo de autonomia desuas ações e pensamentos, que acontece antes mesmo de seu marco cronológico e que se afirma na elaboração deste documento, bem fundamentado e voltado para o benefício de toda a comunidade local.

Fica clara a potência dessa juventude ao romper com abordagens que não consideram os jovens como sujeitos capazes de formular questões e propostas significativas que dizem respeito a eles e à sociedade. Nesse protagonismo juvenil, os skatistas em sua autonomia foram capazes, de maneira criativa, construtiva e solidária, de desenvolver soluções para os problemas reais que vivenciavam no meio social em que se inserem (MACEDO, 2012, p. 9).



Figura 3 - Os skatistas de Luís Correia - PI e a prefeita da cidade em reunião.

Fonte: www.blogluiscorreia.com.br

Deste modo, buscando por desenvolver atividades ligadas ao skate, à educação e ao lazer de crianças, jovens e adultos, a juventude da ASLP conseguiu no início de maio de 2015 realizar o primeiro campeonato de skate de Luís Correia, vinculado ao projeto “XXVI Esporte e Cultura para Todos” da Secretaria de Turismo, Esporte, Cultura e Juventude desta cidade.



Figura 4 - Primeiro Campeonato de skate de Luís Correia - PI.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 5 - Primeiro Campeonato de skate de Luís Correia - PI.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Fora a realização deste evento, os skatistas conseguiram reunir todos os membros da associação (20 participantes entre moças e rapazes com a faixa etária entre 13 e 26 anos), a comunidade local e skatistas das circunvizinhanças. A criação da associação intensificou o respeito da população aos skatistas da cidade, que passaram a não reclamar mais da prática deste esporte, pelo contrário, passando a levar crianças para assisti-los e para aprender o skatismo também, mostrando um início do processo de desconstrução do preconceito em relação a eles.

A gente tentava participar há muito tempo do “esporte e cultura para todos”, mas não podia, porque não tinha a associação, mas agora com ela, é a primeira vez que nós vamos participar, e vai ser muito massa KAMALYON, 20 ANOS).

Com a associação participando do projeto da prefeitura, os garotos conseguiram inúmeros prêmios doados pelo governo a serem sorteados entre os skatistas durante o evento, e também premiações aos campeões de cada modalidade: mirim (para as crianças), iniciante (os que iniciaram o skate há pouco tempo) e amador (os de maior experiência em manobras).

Luís Correia - PI

Diário de Campo: 21 de Maio de 2015

Mais uma vez eu me encontrava ansiosa, fazer pesquisa estava me afetando muito os nervos. Sabia o quanto era importante aquele campeonato para os meninos, sabia e queria que tudo fosse maravilhoso para eles. Cheguei bem cedo, às 15h já estava lá, ainda não havia ninguém, fora eu, Daniel (meu namorado e companheiro inseparável nesta pesquisa), Kamalyon, Gessy (copesquisadora e skatista também), e os funcionários da Secretaria de Cultura responsáveis pelo evento. Porém, pouco a pouco muitos skatistas foram chegando. Neste dia, pude conhecer

mais membros da associação e reforcei meu convite a eles para participar da pesquisa, entre eles, duas meninas se destacaram e concordaram em ser minhas copesquisadoras: Hyamashita e Vaiola⁷. Elas se apresentaram, disseram serem irmãs e estarem felizes por enfim estar acontecendo um campeonato de skate em Luís Correia.

Como foi exposto no Diário de Campo acima, neste campeonato consegui reunir mais alguns participantes para compor esta pesquisa, e pude perceber mais intensamente a ligação que este coletivo de skatista tem com o prazer de viver a vida. É fechando acordo com este prazer que no *Skate Park* da cidade esses jovens se encontram diariamente para dar um *rolê* de skate, combinar algo com os amigos para o final de semana, conversar ou simplesmente assistir aos outros realizarem suas manobras quando não podem praticar o esporte por ocorrência de alguma lesão durante os treinos, o que esporadicamente pode acontecer. Deste modo,

[...]os treinos são espaços de relações complexas, onde o apoio, as chacotas leves e as brincadeiras duras etc. também estão presentes e são legitimadas pelo grupo como atitudes bem vindas e estimuladoras das relações de afeto que compartilham (SILVA, 2013, p.117).

Esses jovens skatistas não são garotos e garotas com uma cultura marcadamente urbana, que têm contato frequente com ambientes tecnológicos como shoppings, cinemas e *playgrounds*. Entretanto, por ser uma cidade turística, nos meses de alta estação, Luís Correia, recebe um número alto⁸ de turistas advindos das mais

⁷ Hyamashita e Vaiola são outros pseudônimos criados pelos jovens no momento de negociação da pesquisa.

⁸ No réveillon do ano de 2014/2015 o secretário municipal de cultura de Luís Correia declarou em entrevista à TV Club do Piauí ter uma previsão de 10 mil turistas chegando à cidade para passar o momento da virada na praia de Luís Correia.

variadas localidades, principalmente das capitais mais próximas, como Teresina (PI) e Fortaleza (CE). Pessoas que acabam influenciando a produção cultural desse coletivo em particular, e deste modo, modernizando o modo de vida que os seus membros levam. Além disso, muitos do grupo de skatistas dessa pesquisa (4 entre os 7) estudam no Instituto Federal de Educação do Piauí - IFPI, Campus Parnaíba, pois o município de Luís Correia não tem universidades nem Institutos Federais; os jovens interessados em estudar nessas instituições migram, em grande maioria, para a cidade vizinha, Parnaíba, localizada a apenas 14 quilômetros de distância, e no qual já há oferta de formação técnica ou de nível superior para a sociedade em geral.

Assim sendo, os skatistas de Luís Correia constroem amizades com os jovens parnaibanos e deixam parte de sua cultura local para trás, sendo atravessados pela “urbanidade” mais presente na cidade de Parnaíba. Prova disso, é a escolha da prática esportiva do skate, opção de esporte de uma cultura urbanizada, presente principalmente nas grandes metrópoles, o que não é o caso de Luís Correia. A baixo, foto da Orla da praia de Atalaia, um dos pontos turísticos mais visitados na cidade.

Contudo, é nessa pequena cidade que eles/elas andam de skate por todos os lados, conhecem todas as ruas, são conhecidos e conhecidas pela população e são os donos e donas do **Skate Park**, que, por sua vez, é o local onde os jovens ampliam sua relação com o mundo a partir do que há de mais caro a cada um: a aceitação e a valorização do indivíduo, da sua essência de ser, recebendo a contribuição diferenciada dos amigos para o estabelecimento de um coletivo que, verdadeiramente, os representa, e ao qual efetivamente se sentem pertencendo (SILVA, 2013).

O **Skate Park** é o local de referência desse grupo, onde as pessoas da comunidade sabem onde encontrá-los. É nesse espaço que os jovens marcam sua presença de maneira mais marcante e é também a maior conquista da ASLP até então. Ali os garotos e garotas

denunciam “o modo como se relacionam com o espaço, as práticas e discursos encerrados nas sociabilidades que desenvolvem, consubstanciam a natureza da presença juvenil na cidade” (SILVA, 2013, p.99), participam e modificam o Skate Park à sua maneira e necessidade. E foi lá que comecei a me entregar completamente à pesquisa, e a não me reconhecer mais apenas como pesquisadora, mas como membro do coletivo, pois, borrei-me entre os skatistas, e construí com eles um novo movimento que está marcado profundamente de afetos.



Figura 7 – Cidade de Luís Correia - PI.
Fonte: <http://encantოსdopiaui.blogspot.com.br>

2 Conhecendo o território dos skatistas: mapeando um mundo novo e deixando-me afetar

O Skate Park surge como o marco de encontro dos jovens da ASLP, o local onde se reúnem cotidianamente para fazer um pouco de tudo. É possível perceber isto a todo momento quando se con-

vive com eles e também em vários depoimentos gravados durante pesquisa exploratória junto a eles:

Eu venho todo dia para cá por que o skate é a minha vida. Skate é vida, não tem para onde fugir. Adoro quando “tô” aqui com meus amigos. Me sinto bem demais. A gente anda de skate, a gente conversa sobre as nossas coisas, é bom demais. Todo dia a gente vem para cá. Não pode deixar de vir, até por que se a gente deixar de vir, a gente perde a prática com skate, E aí tem que começar tudo outra vez. Skate é assim, se você não pratica todo dia, você vai se esquecendo. E quando você volta “tá” enferrujado (DITO, 17 ANOS).

A essência do skate é a rua. Não é a pista. Mas aqui em Luís Correia a gente “tava” tendo muito problema em andar na rua. Tinha pai e mãe que não deixava mais a pessoa andar porque dizia que era muito perigoso andar na rua. Então, graças a Deus, conseguimos aí o *Skate Park* que virou o nosso centro. A gente se encontra aqui para combinar nossas coisas também, por exemplo, vai ter um campeonato, a gente vai participar, faz a reunião aqui ou na casa de qualquer um e combina tudo. Se a gente vai andar em um local diferente, vem para cá para avisar os “brother” para saber de qual vai ser, essas coisas... mas também a gente avisa pelo *face* ou *whats*, depende. Mas é mesmo mais é aqui mesmo, pode crer (TRANQUILO, 18 ANOS).

Como aqui é perto dá para vir todo mundo sabe, não é difícil não. As vezes até quando a gente quer falar com alguém do grupo, e a pessoa não responde no *whats*, ou não atende o celular, a gente vem logo é direto para cá por que sabe que a pessoa vai tá aqui (POLLY, 14 ANOS).

Refletindo sobre os depoimentos dos jovens skatistas, percebe que o *Skate Park* é o lugar onde tudo acontece para os skatistas.

Antes da construção dele, como já foi exposto em declarações anteriores, os jovens se encontravam em diversos espaços da cidade para andar de skate, como as praças, galpões, a BR 343 que liga Luís Correia a Parnaíba e o calçadão da beira-mar. Entretanto, após o início da sua construção, é lá que essa juventude skatistacostuma se encontrar com maior frequência, por conta da afinidade em comum pelo mesmo esporte e a amizade entre o grupo. Os “rolês” pela cidade ficam reservados para os finais de semana ou encontros determinados pelo grupo com antecedência.

Sales (2010) comenta que para os jovens, agrupar-se é quase que uma necessidade. As relações entre os pares são de extraordinária importância para a vida destes indivíduos que estão em processo de construção de si, por isso os jovens se encontram em diversos espaços e quase nunca estão sós.

Carrano (2003) também discorre sobre essa formação dos jovens em grupos, voltada para as vontades/desejos em comum. O autor diz que as relações sociais dos jovens no contemporâneo se organizam em torno dos gostos, amizades, afetos e relações comuns no quais os centros se encontram voltados para a música, os shows, os esportes, os divertimentos e as festas. As cidades, portanto, acabam sendo reinventadas pela juventude, que constrói uma série de espaços de celebração, “as celebrações do corpo, do sexo, da imagem, do esporte [...] o denominador comum é o lugar onde faz essa celebração. Assim o lugar torna-se o laço” (MAFFESOLI, 1994, p.64).

O *Skate Parké* justamente o laço que une esse grupo de skatistas. Em seguida, foto da situação deste local que, em setembro de 2015, ainda estava em construção. Segundo os jovens participantes dessa pesquisa, a promessa de entrega da obra já está há mais de um ano atrasada.



Figura 8 – Skate Park de Luís Correia - PI.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Luís Correia - PI

Diário de Campo: 16 de Abril 2015

No final do dia de hoje, quando já estava prestes a ir embora do **Skate Park**, fiquei a pensar comigo mesma o quanto de potencial que tinham meus amigos skatistas, o quanto de resistência eles criavam todos os dias. O próprio fato de andarem cotidianamente no **Skate Park** construindo seus próprios obstáculos, metamorfoseando a todo o momento seu espaço.. é pura criação! É perceber que mesmo sem estar inteiramente construído, os jovens já habitam este território, clamando por um espaço de sociabilidade juvenil, que é frequentado não somente pelos jovens skatistas de Luís Correia, mas pelos de Parnaíba também, pois o piso do **Skate Park** desta última é muito inferior ao da primeira cidade, sendo este mais liso e mais resistente ao aparecimento de buracos na pis-

ta, o que facilita a prática do esporte. É interessante perceber que após este maior convívio com o grupo, enquanto pesquisadora, amiga e skatista que acabei me tornando também, passei a observar o chão das praças e das ruas por onde passava, à procura de outros espaços para os quais poderia convidar meus novos amigos e companheiros de pesquisa a andarem de skate comigo.

O *Skate Park* também é local de interação e aprendizagem com outros sujeitos da cidade, pois ao habitar este ambiente, os *skatistas* transformam suas relações com a comunidade e reconstroem a si mesmos, tornando-se referência também para seus interlocutores, como pessoas que vão assisti-los a andar de skate. Além do mais, “produzem lugares identitários para si e para os outros. Reinventam a cidade. A simples presença e/ou as intervenções do cotidiano juvenil organizado no espaço urbano - os treinos e as vivências - modificam os ambientes” (SILVA, 2013, p.110). Desta modificação surge a vida, a criação, a potência. O *Skate Park* torna-se um espaço cheio de vivacidade quando povoado por varios skatistas se movimentando a todo momento, e levando consigo todas as cores de suas roupas, os barulhos de seus corpos e suas presenças.

Muito dos “expectadores” do *Skate Park* colaboram com a prática do esporte. Crianças, principalmente, vão para lá não somente para assistir as manobras radicais, mas também para começar a andar de skate aprendendo com os jovens mais experientes e ajudando-os na realização de saltos, pulos, manobras, enfim, na realização dessa “dança radical”⁹. Passam velas nos obstáculos improvisados pelos skatistas, para que os skates deslizem melhor, correm para buscar as peças quando caem longe de seus donos por meio de ma-

⁹ “Dança radical” ou “dança sobre rodas” são termos criados pelo educador físico e Doutor em História Leonardo Brandão (2013), para definir artisticamente a prática do skate como uma performance, uma evolução dos movimentos humanos que se releva radical ao evocar novos desejos e concepções juvenis voltadas para o risco, o prazer e a ludicidade.

nobras mal sucedidas ou simplesmente aplaudem e vibram quando alguém consegue evoluir em seus treinos. Os mais pequenos deitam-se nos bancos ou nas escadas sem acabamento, em estado de intimidade com os jovens e com o território que habitam.

É habitando estes espaços que os jovens constroem uma educação voltada para o âmbito cultural, marcada pela sociabilidade, a experiência em comum, a troca de saberes, a produção de sentido coletiva e a amizade. Assim, segundo Silva (2013), não existe discriminação ou empecilhos às pretensões dos que desejam iniciar na prática do skate por parte dos mais experientes, independente da idade que o iniciante tenha, como no caso das crianças que frequentam o *Skate Park*. Pelo contrário,

essa experiência, produz um novo tipo de interação entre esses sujeitos, orientadas por novas práticas e valores que, de algum modo, operam cortes transversais nas classificações etárias, socioeconômicas, estéticas, territoriais, de consumo etc., consolidando a praça num cenário de acolhimento solidário, polissêmico e plural e, também por isso, mais democrático. Dessa forma, reinventam as possibilidades da política como experiência viva da convivência humana (SILVA, 2013, p.105).

A prática do skatereinventado amplia a política como experiência viva, portanto, é uma prática educativa que aproxima os sujeitos e os faz produzir novos modos de relações sociais, cada vez mais complexas e em processo de transformação. Bomfim (2006) explica que isto acontece porque os jovens estão em busca de outros modos de sociabilidades consigo mesmos e com os outros, pois nesse sentido,

provavelmente, elas (moças) e eles (rapazes), estão buscando expressar suas subjetividades com suas formas de agir, buscando também serem percebidos e terem visibilidade naquilo que fazem e vivem nas sociedades contemporâneas (BOMFIM, 2006, p. 67).

Por meio do skate também os jovens são levados a viver um processo de experiência que “é tudo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2000, p.21). Sendo assim, é por meio do skate que os jovens são atravessados por algo que lhes mobiliza ou lhes tem verdadeiro significado. Algo de tamanha intensidade e significado para os skatistas, que lhes fazem parar todas as outras atividades e andar de skate. Tranquilo, por exemplo, na oficina de negociação desta pesquisa, traz um relato que mostra como o skate tem se mostrado um processo de experiência para esse coletivo.

Acho que todo skatista sente muito prazer em andar de skate, por isso que muitas vezes deixa de fazer tudo para ir andar de skate, só pensa em andar de skate. Meu corpo sente uma sensação de liberdade, esquece todos os problemas da vida, tipo, quando eu tô muito estressado, eu pego meu skate e vou andar. Para mim é a solução, é como se me desse uma amnésia, esqueço de tudo, só quero saber de acertar a manobra (TRANQUILO, 18 ANOS).

Deste modo, percebo que por meio do skatismo o tempo se torna outro. O aprender tem outra dimensão, onde o corpo fica tenso de prazer. Sendo assim, o skate é uma prática educativa que mobiliza o corpo! É encarnado que este aprender acontece e é significativo porque está no âmbito da experiência.

Deste modo, enquanto educadora, percebo o quanto isto se faz necessário nas práticas pedagógicas a ponto de questionar: Como criar condições para outras práticas educativas que atravessem o educando-skatista de modo a fazê-lo esquecer de tudo e se focar no processo do próprio aprender? Como pensar em um aprender vivo voltado para a experiência do skate? E assim sendo, que sentido tem o aprender para este coletivo radical? Quais os problemas que os mobilizam em relação a este aprender? Que potencialidades corporais são desenvolvidas pelos skatistas enquanto prática

desse esporte frente aos problemas que os mobilizam no contemporâneo acerca do aprender na relação com o movimento?

É reverberando sobre essas questões que iniciei as oficinas sociopoéticas com os jovens skatistas de Luís Correia, e mergulhei junto com eles na divertida aventura que é a pesquisa Sociopoética.



Figura 9 – Skates dos jovens da pesquisa.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

III MANOBRA

DO LITORAL A CAPITAL: DO MEU CAMINHO MOVENTE À TRAVESSIA PARA SOCIOPOÉTICA

[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam [...].

RIOBALDO

Por formação, vim de uma universidade pequena onde a perspectiva de pesquisa era de base qualitativa, mas meus professores trabalhavam prioritariamente com entrevistas, questionários, observações, nada mais que isso. Na pesquisa de monografia, almejando por algo mais dinâmico ou divertido, optei por uma orientadora que trabalhava com grupos focais, onde os pesquisadores levavam músicas e vídeos relacionados aos temas da pesquisa, e ouviam ou assistiam juntamente com os sujeitos participantes dela, para que após o término discutissem em conjunto. Fiquei feliz em realizar a pesquisa desta forma, pois, acredito que incluir músicas e vídeos na pesquisa já é, de antemão, algo mais lúdico e inovador.

Quando passei no mestrado objetivava dar continuidade à pesquisa da graduação, usando ainda a mesma metodologia. Dessa vez, tinha em mente aliar o grupo focal ao estudo de caso do tipo etnográfico, porém, muitos acontecimentos ainda estavam por vir. Como já relatei, logo no primeiro período do mestrado, minha orientadora me convidou a acompanhá-la na disciplina que lecionava na graduação, no caso, Sociologia da Educação II. Ela, como toda pesquisadora experiente, percebeu minha inexperiência quanto aos estudos contemporâneos e quanto às metodologias de pesquisa realmente dinâmicas como a Sociopoética. Eu, obviamente feliz com o convite, aceitei e dei início ao meu primeiro contato com essa abordagem teórico-metodológica, pois é durante as aulas na graduação que a profa. Dra. Shara leva muitos alunos a experimentá-la e a conhecer seus pensadores.

No princípio de meu conhecimento sobre esse método de pesquisa, fiquei assustada, pensando que fazer oficinas, além de difícil não deveria ser reconhecido, pois como reconhecer que fazer pesquisa é também dançar, sentir o outro, estranhar, pintar, bolar

no chão, se sujar, gritar, enfim, como pensar que fazer pesquisa era fazer tantas coisas sem sentido a priori e ao mesmo tempo? Fiquei relutante por dentro, e nos primeiros meses estava decidida que não faria uso da Sociopoética na pesquisa do mestrado, pois o medo e choque daquela nova metodologia que estava conhecendo me to-mavam por completo, entravam em contraste com tudo que eu sabia que era pesquisar até então.

Com o desenrolar do semestre e acompanhando a disciplina de Sociologia da Educação II com minha orientadora, meu estranhamento começou a diminuir, passei a compreender a filosofia que permeava este método de pesquisa e me permiti conhecê-lo pouco a pouco. Descobri que ele nasce da insatisfação de alguns pensadores com procedimentos metodológicos mais clássicos de pesquisa que, na maioria das vezes, se limitam ao que os participantes relatam nas entrevistas, logo, impossibilitados de tocarem as subjetividades produzidas por esses sujeitos (GAUTHIER, 2012).

Assim, comecei por iniciativa própria um processo que Pelbart (2013) chama de “dessubjetivação”, ou também “virar do avesso”. Pelas palavras do autor: “trata-se de extrair da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar aquilo que ainda somos, fazemos e pensamos” (2013, p. 203), era exatamente abandonar as medidas que existiam em mim sobre o que era pesquisar, dissolvê-las, para percebê-las de uma forma completamente diferente, pois a desmedida rompe com o que está instituído dentro de mim.

Deste modo, comecei a me tornar uma sociopoeta para quebrar com a medida da pesquisa, acreditando que esse processo de “virar-me do avesso” possibilitaria em mim a criação, a potência, e a minha expansão enquanto pesquisadora e docente.

Essa absoluta potência não é uma manifestação de nossa viril subjetividade, onipotente, abrindo caminho através da multidão. Ao contrário, é nossa subjetividade viril que se vê revirada pelo avesso

pela potência inumaníssima que a esgarça, é nosso contorno psicopolítico que se desmancha em meio a mutação. Enfim, há algo que sucede como que a nossa revelia, as nossas costas, quando já estamos esgotados, exauridos, quando algo já caducou, quando saímos dos trilhos - num estranho limite entre a potência e a impotência (PELBART, 2013, p.198).

Entretanto, sair da medida não é algo cômodo. Destruir as medidas que existiam em mim não foi um processo fácil. Foi doloroso, e o próprio autor citado acima afirma que a dor faz parte do procedimento de dessubjetivação, já que é impossível chegar à desmedida sem passar pelas dores que são geradas por este salto ou pelas novas dores que este salto pode provocar (PELBART, 2013). Deste modo, em muitos momentos, sentia que estava deixando de ser quem inicialmente eu era ao entrar no mestrado, e sentia dores em meu corpo em consequência disto, desconstruía certezas, perdia-me entre novos estudos, sentia-me deslocada, e às vezes até mesmo sozinha em um mundo de pessoas desconhecidas e diferentes de mim.

Pensava que deixar de ser o que eu era não era bom, pelo contrário, era arriscado e duvidoso. Sentia-me novamente dentro do livro “Alice no País das Maravilhas”, desta vez no momento em que personagem principal após ter vivenciado inúmeras aventuras surreais, confia ao amigo coelho a seguinte frase: “quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então” (CARROLL, 2002, p. 16). E assim como Alice, eu também vivi muitos momentos incríveis, que me transformaram no âmbito pessoal e profissional nestes últimos dois anos. Conhecer Shara, a Sociopoética e o grupo de sociopoetas foi sem dúvida um grande marco em minha vida.

No princípio, iniciei meus estudos sobre a filosofia deste método a partir das disciplinas no mestrado e também nos estágios de docência na graduação, comecei lentamente a me encantar, pois ao mesmo tempo em que começava a apreender saberes sobre essa

metodologia, começava a não mais me sentir sozinha neste percurso, pois laços de amizades passavam a atravessar o meu caminho. Passei a fazer parte de um coletivo de pesquisadores que se tornaram próximos a mim não somente pela vida profissional, mas também pelo calor dos nossos encontros e dos momentos vivenciados juntos. Não por acaso, um dos princípios da Sociopoética é justamente pesquisar entre as pessoas de um grupo, trabalhar no coletivo, pertencer a um grupo efetivamente, Adad (2014) ajuda a compreender este princípio ao afirmar que:

Pesquisar entre as pessoas de um grupo é propiciar o aflorar das dúvidas, do pensamento e das questões dos próprios copesquisadores e experienciar, por meio das oficinas, o gozo de ser bando. [...] é deixar de ser um único autor e, ao contrário disso, proliferar encontros entre pessoas diferentes, tanto de um lado quanto de outro (ADAD, 2014, p. 45-46).

Deste modo, ao me sentir parte do grupo de sociopoetas, senti-me mais forte para me aventurar e realizar minha pesquisa, bem como feliz por ter a consciência de que seria possível dentro deste método criar laços afetivos com os jovens que iriam participar dela, fortificar a noção de coletividade, afeto e respeito com/entre eles, diferentemente de algumas pesquisas tradicionais que exigem distanciamento do pesquisador e do seu “objeto de estudo”.

Outro princípio que me chamou atenção nesse método de pesquisa foi o pesquisar com as culturas de resistência às práticas culturais vigentes na sociedade. Em outras palavras, são exploradas outras formas de interpretar o mundo, que resistem à normatização ou disciplina imposta pelo Estado e pela sociedade, e que são representados por grupos marginalizados tais como: prostitutas, travestis, homossexuais, negros, pobres, **hippies**, **RPgistas**, e neste caso, jovens skatistas. Em resumo, coletivos que fogem à regra padrão de se viver em sociedade e inventam outros modos de educar e viver no contemporâneo.

Outro ponto que levei em consideração na escolha desta metodologia foi a possibilidade de pesquisar com o corpo todo, em especial se tratando de uma pesquisa voltada para jovens skatistas-que têm como principal dispositivo o corpo. Assim, na Sociopoética:

Os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da intuição, da gestualidade, da imaginação... muitos saberes não se expressam com palavras, por terem sido recalçados nos nossos músculos e nervos por opressões diversas ou por pertencerem a ordem do silêncio, do sagrado, da dança (GAUTHIER, 1999, p. 74).

Deste modo, neste método de pesquisa os pesquisadores valorizam as inúmeras possibilidades que o corpo tem para se expressar, que muitas vezes não são a fala propriamente dita, pois

Ao transformar o corpo em temática, percebo que ele não é único, é uma multiplicidade em fusão, pois fazer sociopoética é não separar a cabeça do resto do corpo. O corpo pensa como já foi dito. Não só a razão, mas a emoção, os sentidos e a intuição pensam (ADAD, 2014, p. 48).

Os dispositivos artísticos, dessa forma, são utilizados com o intuito de fazer com que múltiplos sentidos do corpo falem, despertando novas formas de olhar, que podem ser percebidas pelo tato, pelo olfato, pela audição, despertando uma maneira inusitada, inesperada de produção de saberes e, portanto, de ciência, que perpassa e se expressa por todo o corpo humano. É valorizando as múltiplas formas de linguagem do corpo que tornam-se ricas as possibilidades de dados neste método, e que muitas vezes encontram rigorosas críticas pelos leigos, que desconhecendo tal princípio afirmam ser a Sociopoética uma metodologia “ininteligível” como ocorreu em uma palestra em Parnaíba/PI, onde minha orientadora foi ques-

tionada sobre isso por seu entrevistador. Recordando-me do evento, percebo o quanto aquele homem não compreendia que muitas das linguagens do corpo não estão no âmbito da racionalidade, mas sim das sensações, das emoções e da intuição.

Entretanto, para aquele entrevistador e para muitos outros é difícil compreender que o corpo também produz conhecimentos, pois há séculos a ciência tem difundido a ideia de que só se faz conhecimento por meio de processos racionalizados, no qual a cabeça é separada do resto do corpo; o pesquisador é separado do seu objeto de estudo.

Porém, tal verdade deve ser desconstruída, tendo em vista que se tem criado novos modos de aprender, criar e conhecer a vida na contemporaneidade. As pesquisas sociopoéticas têm demonstrado isso ao fazer uso da arte na pesquisa, possibilitando o aflorar de diversas sensações que se transformam em inúmeras possibilidades de linguagem do corpo. O uso da arte, aliás, refere-se a mais um princípio que fundamenta essa abordagem teórico-metodológica. Os dispositivos artísticos surgem para possibilitar o estranhamento do mundo pelo grupo de copesquisadores, proporcionando a multiplicação e a invenção de novas formas de potência do grupo (ADAD, 2014).

Como último princípio, mas não menos importante, destaca-se a responsabilidade ética e espiritual do grupo-pesquisador no momento do processo de pesquisa. Adad (2014) ressalta que esta espiritualidade aparece nesse tipo de pesquisa quando a resolução analítica dos dados encontra seu limite, no qual as coisas não podem ser mais explicadas pela razão, mas sentidas, produzindo no grupo de pesquisa devires inesperados.

Diante de meu embasamento e reflexão sobre esses princípios, tive consciência enquanto pesquisadora que estava optando por uma metodologia que me satisfaria tanto profissionalmente, pois atendia aos objetivos de minha pesquisa, como também pessoalmente, pois como jovem e pesquisadora de juventudes, encon-

trei nessa abordagem metodológica a possibilidade de pesquisar com alegria, com a arte, com a dança e com o lúdico, características que sempre almejei realizar concomitantemente ao processo de pesquisa.

Assim, escolhido o método e embasada de seus princípios, iniciei junto aos meus colegas de estudo uma formação de 60 h/a, em janeiro de 2015. Esta formação nos ensinou como desenvolver uma pesquisa utilizando as oficinas sociopoéticas. Deste modo, passei quinze dias, manhã e tarde, conhecendo técnicas de produção de dados, aprendendo a analisá-los, realizando leituras, enfim, me deleitando e aprofundando nos procedimentos sociopoéticos. Por fim, escolhi para a pesquisa do mestrado as técnicas: “Lugar do aprender” e “Tarô do aprender”.

1 Construindo a pesquisa Sociopoética

Segundo Carneiro (2013), para se fazer uma pesquisa Sociopoética, torna-se necessário a aplicação das seguintes etapas: negociação, produção de dados, análise dos dados, contra-análise e momento filosófico. A primeira etapa, negociação, tem como finalidade esclarecer os objetivos da investigação e a frequência dos encontros; negociar o território da pesquisa e definir o público-alvo/copesquisadores, momento em que os convidamos para a formação com o pesquisador oficial, aqui chamado de facilitador. Assim, é instituído o grupo-pesquisador que irá participar de quase todo o procedimento de pesquisa. Pelas palavras de Petit (2014):

[...] a sociopoética transpõe para dentro da pesquisa o dispositivo do grupo-pesquisador. Assim, na pesquisa sociopoética, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornar copesquisadores de um tema-gerador, a partir de uma negociação conjunta. Os que aceitarem o convite passam a investi-

gar com o pesquisador-facilitador, a participar, com poder de decisão compartilhado, de todo o processo de pesquisa, inclusive da análise dos dados e da socialização da investigação (PETIT, 2014, pp.22-23).

No caso da negociação de minha pesquisa, formou-se um grupo com sete jovens, entre menores e maiores de idade, 4 meninas e 3 meninos. Agendamos um encontro semanal que seria realizado sempre às segundas-feiras à tarde, único dia da semana em que Kamalyon tem folga do trabalho. A localidade escolhida para serem realizadas as oficinas ficou em aberto, pois a ASLP não tem sede fixa, os corpos dos skatistas no ato do encontro é que formam a associação, que, portanto, é nômade.

Para as oficinas de produção dos relatos orais ou narrativas o facilitador seleciona e/ou cria técnicas sociopoéticas que envolvem dispositivos artísticos de produção dos conhecimentos por intermédio do corpo e do trabalho em grupo. Logo depois, pedimos que cada um dos sujeitos discorra sobre suas produções diante do que viveram durante a oficina e que se relacionem com o tema gerador que é proposto pelo facilitador, em outras palavras:

[...] pede-se que os copesquisadores expressem numa linguagem simbólica e criativa, os seus conceitos referentes ao tema-gerador. Chamamos de confetos (conceitos + afeto) os conceitos produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos, por estarem perpassados de razão, intuição, emoção, sensação (PETIT, 2014, p.33).

A criação de confetos é uma das principais metas desse método pois, como afirma Santos (2014), essa abordagem teórico-metodológica de produção de conhecimento coletivo não se atenta aos conceitos que já estão naturalizados, mas se preocupa com a produção de confetos, outras maneiras de problematizar o tema-gerador. Para Deleuze e Guattari (1992), a filosofia é a arte de criar conceitos, por sua vez, os conceitos são infinitos, e sendo criados nunca sur-

gem do nada, pois é preciso um plano de imanência para criar os confetos. Pelas palavras dos autores:

Os conceitos ladrilham, ocupam ou povoam o plano, pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é o meio indivisível em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a continuidade: eles ocupam sem cortar (a cifra do conceito não é um número), ou se distribuem sem dividir. O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar [...] É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável (DELEUZE, GUATTARI, 1992, pp. 46-47).

Para a Sociopoética, portanto, as oficinas funcionam como planos de imanência para a criação dos confetos, levando os copesquisadores a problematizarem sobre o tema gerador a partir de dispositivos artísticos levados ao grupo. Deste modo, concordo com Santos (2014) quando afirma que durante a realização das técnicas sociopoéticas é possível perceber as ambiguidades e as divergências existentes entre os copesquisadores, levando-os à reflexão e à criação, transferindo suas ideias e seus pensamentos do plano de imanência, no caso, da oficina de produção dos relatos orais, para o plano de consistência, que é o da criação de conceitos.

Por conseguinte, a escolha da técnica a ser realizada se orienta pela familiaridade do facilitador com sua prática, já que deste modo poderá melhor desenvolver a oficina (PETIT, 2014). Geralmente o facilitador escolhe uma técnica a qual já tenha vivenciado, como é o caso das três oficinas que realizei com os copesquisadores deste trabalho, todas já vivenciadas por mim e pelo grupo de sociopoetas da UFPI durante nossas aulas e nossos cursos de formação. A escolha das técnicas deve-se também ao nível de estranhamento que elas podem causar aos membros do grupo-pesquisador permitindo o “desenraizamento” de seus referenciais (SOUZA, 2014).

Segundo Santos (2014), depois da análise pelos copesquisadores, o facilitador também realiza sua própria análise das produções do grupo, em busca das linhas que perpassam o pensamento que lhes foi produzido diante do tema-gerador nas suas múltiplas dimensões. Logo após, no momento transversal, o facilitador leva esses resultados analíticos para os copesquisadores, de preferência, de forma mais sintética, literária ou lúdica. Esse momento é chamado de contra-análise e permite aos copesquisadores conhecer, confirmar, corrigir, reexaminar e, principalmente, contrapor-se às ideias tomadas pelo facilitador, tornando mais concisas as suas reflexões.

Para finalizar a investigação, faz-se a transversalização dos confetos produzidos pelo grupo-pesquisador com abordagens de filósofos e outros pensadores, que dão suporte à filosofia produzida pelo grupo durante as oficinas de produção das imagens e seus respectivos relatos orais e/ou narrativas.

Gauthier (2003) diz que a Sociopoética é uma metodologia que se encontra no *entre* da arte, da ciência e da filosofia. Pois o que se faz na Sociopoética é exatamente um furo entre essas três fronteiras, transversalizando-as de tal forma que o resultado é um “tecer-juntos, é uma criação coletiva de um intertexto, de um tecido onde se cruzam os saberes, na esperança da emergência de uma roupa nova, nunca vista: de um conhecimento inovador” (GAUTHIER, 2003, p.302). Na busca por esse caminhar que constrói saberes no coletivo, que se propõe ao movimento, ao novo, às trocas e aos afetos, é que iniciei o planejamento de minha oficina de negociação com os jovens skatistas, onde, de antemão, queria saber mais sobre eles a partir deles mesmos, do grupo em si, como também fortificar mais do que nunca nossos laços como grupo de pesquisa e de amigos. Decidida a isto, me entreguei à Sociopoética de corpo, coração e mente e junto aos jovens skatistas mergulhei no mar da pesquisa.

2 Entre os skates, o litoral e a pesquisa: dando início à negociação

Godard (2004) em entrevista a professora Lygia Clark reflete especialmente sobre o olhar cego na pesquisa, quanto as questões da subjetividade e objetividade na produção desse olhar. Ele inicia este diálogo enfatizando que Lygia Clark tem uma frase que o inspira muito quando vai estudar sobre este tipo de “olhar”, em que diz: “através do caminhando, dissolvo-me no coletivo”. Essa frase, portanto, me leva a pensar que quando fazemos pesquisa é justamente o caminhar com os sujeitos participantes dela, o habitar os espaços com/entre eles que me fazem dissolver em seu território, transforma-me em um membro do grupo, que aos poucos vai se tornando parte de mim também, pois deixei-me ser afetada por eles, deixe-me dissolver, sendo o olhar cego:

um olhar através do qual a pessoa se funde no contexto, não há mais um sujeito e um objeto, mas uma participação no contexto geral. Então esse olhar não é interpretado, não é carregado de sentido [...] há sensorialidade que circula sem ser necessariamente consciente e interpretada. Isso é possível porque efetivamente há um olhar que está além do olhar objetivo (GODARD, 2004, p.1).

Com esse olhar, é possível, portanto, extrair algo do outro, deixar-se habitar por ele. O olhar cego, subjetivado, engrandece a construção da pesquisa justamente por proporcionar ao pesquisador perder-se de si mesmo e construir um devir outro, coletivo. Tal concepção vai de encontro ao próprio conceito de “grupo-pesquisador” formulado por Gauthier (2012), que diz:

Não se trata de um grupo de pesquisa, mas de um coletivo, que se constitui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir. Gostamos de dizer que ele age na pesquisa como se fosse um único pensa-

dor, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem (2012, p.78).

Assim sendo, ao me dissolver no coletivo de skatistas, e constituir com eles um grupo-pesquisador, optei neste trabalho por desenvolver um olhar cego, subjetivado, que descreve os fatos não apenas com o olhar, como acontece muitas vezes em perspectivas clássicas de pesquisas, mas descrever os acontecimentos aqui por meio das sensações que tive neste percurso, no caminhar do processo, pois:

o artista é que inventa um novo objeto, mas é antes uma mudança na percepção social, na percepção geral das pessoas que faz com que de repente, novos atores se põem em funcionamento. Quem vai captar esse atrator é aquele a quem chamamos de artista (GODARD, 2004, p. 03).

Neste caso, a artista de que trato sou eu, que construindo linhas e ligações de sentido único e novo ao território e aos sujeitos desta pesquisa, pude desenvolver o que Godard (2004) chama de “desreificação do olhar” que permite pôr a imaginação em movimento, os sentidos em ação, evitando o que a autora nomeia de “neurose do olhar”, que é simplesmente quando o imaginário deixa de trabalhar.

Colocando minha imaginação em movimento, e pensando em negociar minha pesquisa com os jovens skatistas, em meados de abril eu e minha orientadora começamos a pensar em técnicas que eu pudesse usar para minha negociação da pesquisa e para a primeira oficina de produção de dados, já que ambas iriam ocorrer no mesmo dia, por conta da falta de disponibilidade de tempo dos jovens. Em orientação, discutimos sobre as técnicas das quais eu já havia participado, e que por isso, eu teria mais facilidade de desenvolver. Recordei-me de uma oficina que havia gostado bastante e que conheci acompanhando as aulas de Shara na graduação. De lá,

das memórias daquelas aulas tão divertidas, escolhi a primeira oficina de dados a ser realizada com os jovens: “Lugares do aprender”. Em especial, devido a elaboração do roteiro da técnica nos darposibilidades de inserção de inúmeros e diferentes elementos, tais como: tipos de desafios, de dificuldades, de aliados, dentre outros, levando os participantes imaginariamente a percorrer diversos lugares do tema-gerador.

Por sua vez, para a negociação, momento em que se negocia a responsabilidade coletiva da pesquisa instituindo o grupo-pesquisador, eu desejava alcançar a confiança dos jovens, bem como seduzi-los para as vivências sociopoéticas; desejava, ainda, realizar uma técnica que fizesse com que os jovens falassem mais sobre si mesmos, pois queria conhecê-los mais a fundo, saber do que gostavam de fazer, conhecer um pouco sobre seus sonhos, assim, escolhi para este momento a técnica: “Quebrando o espelho da verdade única”.

Decidi, ainda, que com essa técnica os jovens, além de falar de si, iriam realizar a criação de um personagem conceitual que, por sua vez, possibilita a liberdade de fala entre os coparticipantes e enfatiza a presença do coletivo na criação dos confetos, pois segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 78), “os personagens conceituais, operam movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de conceitos”.

Portanto, após algumas semanas pensando e planejando a negociação, eu e minha orientadora colocamos em prática com nosso grupo a técnica “Quebrando o espelho da verdade única”, e percebi naquele momento o quanto é forte a noção de coletividade em nosso grupo, que efetivamente não me permitiu ir a campo sem antes estar preparada para realizar a oficina junto aos jovens. Deste modo, somente após ter experienciado a oficina junto aos sociopoe-tas é que segui viagem a Luís Correia e realizei a negociação.

Luís Correia - PI,

Diário de campo: 11 de Maio de 2015

No dia combinado para a negociação e para a primeira oficina, eu estava extremamente nervosa. Havia combinado tudo com jovens skatistas, para nos encontrarmos no Centro dos Idosos de Luís Correia às 15h30, local onde Kamalyon havia conseguido autorização da prefeitura para que fizéssemos nossas oficinas. Entretanto, tive alguns imprevistos antes chegar até lá. O lanche que havia encomendado para o encontro com os garotos tinha demorado a ser entregue. Isso me atrasou, passando da hora que havíamos combinado inicialmente. Por sua vez, isso fez com que me atrasasse para pegar Tranquilo, que mora em Parnaíba, e Lucivando, que veio de Teresina para cofacilitar comigo as oficinas. Quando finalmente chegamos ao local marcado, já estávamos cerca de meia hora atrasados. Porém, para nossa surpresa nenhum dos jovens convidados estava lá! Fiquei imensamente triste. Comecei a pensar que os garotos não iriam para o encontro, o que me muito afetou, pois eu já havia criado laços de amizade com eles. Porém, minutos depois, um a um eles foram chegando. Todos com seus skates, com a sua energia e sua vitalidade juvenil. Só de vê-los chegar, eu já me sentia alegre. Mais calma, comecei a conversar com o grupo enquanto esperávamos a presença dos sete que haviam se proposto a participar da pesquisa.

Quando o grupo estava completo, sentamos no chão em roda. Falei brevemente sobre mim, expliquei um pouco sobre o que é a Sociopoética, os objetivos da pesquisa e a importância da participação do grupo-pesquisador em todo o processo. Embora houvesse feito isso em momentos da pesquisa exploratória, achei necessário fazê-lo novamente, pois dali em diante era preciso que todos soubessem que o resultado da pesquisa era responsabilidade de cada um enquanto grupo-pesquisador. Esclareci, ainda, que todos deve-

riam assinar um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), garantindo participar voluntariamente da pesquisa, e os menores de idade levariam para seus pais um termo a mais de Assentimento Livre e Esclarecido, pedindo o consentimento de seus responsáveis e autorizando-os a fazerem parte da pesquisa.

Para finalizar, pontuei que, como muitos dos participantes da pesquisa eram menores de idade, não deviam ser expostos de nenhuma maneira em conformidade com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Por essa razão, durante a pesquisa eles iriam inventar pseudônimos, ou seja, outros nomes para si, como também iriam criar um heterônimo (personagem conceitual) para o grupo, com características, gostos e personalidade. Para isso, o grupo iria vivenciar pela primeira vez uma técnica Sociopoética, que servia tanto para criação dos pseudônimos quanto para o heterônimo¹.

Enquanto terminava a conversa com os jovens, Lucivando arrumava o restante dos materiais e Daniel gravava e tirava fotos daquele momento.



Figura 10 – Momento de negociação com os copesquisadores.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

1 Segundo Nicola (1996), pseudônimo é um nome falso, sob o qual alguém se oculta por uma alguma circunstância. O heterônimo, entretanto, vai além: trata-se de uma outra personalidade, diferente, portanto, do seu criador, ou seja, o autor assume outras características para escrever o texto, cria um personagem para discorrer sobre algo, e desenvolve sua obra como se esse personagem fosse real.

Esclarecidos os principais pontos da pesquisa, demos início a oficina para apresentação do grupo. Pedi para que todos deitassem no chão e se deixassem relaxar, que esquecessem os eventos fora de onde estávamos e se dedicassem ao presente. Em seguida, realizei uma atividade de relaxamento com a leitura do roteiro da seguinte viagem imaginária:

E é no meio do espaço, que conta-se uma história sobre uma única verdade no mundo. Entre o Orun, mundo espiritual e o Aiyê, mundo material, havia um espelho. Daí é que, tudo que se mostrava no Orun materializava-se no Aiyê. Ou seja, tudo que estava no mundo espiritual refletia-se exatamente no mundo material. Ninguém tinha a menor dúvida sobre os acontecimentos como verdades absolutas. Todo cuidado era pouco para não quebrar o espelho da verdade. O espelho ficava bem perto do mundo material e bem perto do mundo espiritual. Naquele tempo vivia no Aiyê uma jovem muito trabalhadora que se chamava Mahura. A jovem trabalhava dia e noite ajudando sua mãe a pilar inhames. Um dia, inadvertidamente, perdendo o controle do movimento ritmado da mão do pilão, tocou forte no espelho que se espatifou pelo mundo. Assustada, Mahura saiu desesperada para se desculpar com Olorum. Qual não foi a sua surpresa quando o encontrou tranquilamente deitado à sombra do Iroko. Olorum ouviu as desculpas da jovem com toda atenção. Em seguida, declarou que, daquele dia em diante não existiria mais uma única verdade no mundo. Declarou ainda: de hoje em diante quem encontrar um pedacinho de espelho em qualquer parte do mundo, estará encontrando apenas uma parte da verdade, provavelmente a sua verdade própria. Por que o espelho reproduz a imagem do lugar onde ele se encontra. Assim, imagine agora, que você também é um espelho da verdade única, que foi quebrado e transformado em várias verdades de você. Escolha um destes pedaços para falar de você. O que este pedaço diz de você? Escolha um nome

para este pedaço de você para permear todo o percurso da pesquisa. (Roteiro adaptado do arquivo da profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad).

Quando retornaram da viagem, pedi que se sentassem novamente em círculo. Lucivando, então, posicionou um espelho entre eles e entregou uma pedra a cada um. Ao pedir que se imaginassem sendo aquele espelho, disse aos jovens que o quebrassem e escolhessem um pedaço para falar sobre si mesmos e criar seus pseudônimos.



Figura 11 – Jovens quebrando o espelho

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

3 Quebrando o espelho da verdade única: criação do heterônimo do grupo-pesquisador

Durante a realização desta produção, percebi os jovens muito concentrados, não conversavam e se dedicavam cada um a sua produção plástica do espelho. Eu e Lucivando ficamos encantados com a dedicação deles durante aquele momento, e quando concluíram com as suas produções, eu e meu amigo sentamos em círculo junto a eles e passamos a ouvir o que os jovens tinham a falar sobre si mesmos.

POLLY

(É uma jovem de 14 anos, nasceu e cresceu na cidade de Luís Correia, faz o Ensino Fundamental Maior numa escola pública localizada neste mesmo município).

Eu não sou muito boa de falar, nem de escrever, mas então eu tentei mostrar com o meu desenho tudo que eu sou e que eu gosto de fazer. Aqui tem uma rua com o asfalto, uma pista, é claro, bem feita... e tem uma casa para significar a minha família, que eu amo muito, sou uma pessoa que valoriza muito a presença da família. Também aqui tem um coqueiro, tipo, muita natureza, o sol, e aves, porque eu respeito a natureza acima de tudo. O nome que eu escolhi foi Polly, porque Polly significa muitas, e eu sou muitas dentro de mim. [...] A Polly é uma pessoa calma, às vezes também é um pouco bem desaforada, e ela gosta muito da natureza, como eu já falei! É uma coisa que faz ela refletir muito... a natureza! Mas então... esse desenho já falou tudo... uma pista, família e natureza, isso é a Polly!



Figura 12 -Produção do pseudônimo Polly.
 Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

HIAMASHYTA

(É uma jovem de 14 anos, nasceu e cresceu na cidade de Luís Correia - PI, faz o Ensino Fundamental Maior numa escola pública desta cidade).

Hiamashyta é uma pessoa de várias personalidades, pode tá alegre, mas de uma hora para outra ficar triste. Extrovertida, gosta de sonhar bastante, não tem limite... e que não sabe nada sobre a existência. Só isso. [...] Ela se vê como um espelho quebrado, ela se reflete nele. Se vê como uma pessoa não completa. No desenho eu coloquei uma carinha alegre e outra triste, que tenta mostrar isso um pouco. Ela também gosta de cantar, ela canta no coral da igreja e isso deixa ela muito feliz, também gosta de jogar bola e andar de skate quando ela pode, muito bem, é só isso.

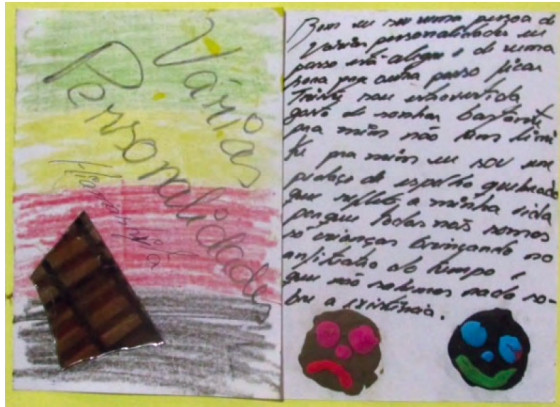


Figura 13 – Produção do pseudônimo Hiamashyta.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

TRANQUILO

(É um jovem de 18 anos, nasceu e cresceu na cidade de Parnaíba -PI, estuda no IFPI (Instituto Federal do Piauí) e faz o Ensino Médio integrado ao Técnico em eletrotécnica).

Esta parte do espelho quebrado é a parte de mim que é skatista e que ama o que faz, vai às aulas todas as manhãs, sempre tenta ser humilde, e eu botei o boneco aqui em cima do espelho representando que tipo essa parte do espelho é a parte de mim que pensa primeiro nos outros, em vez de pensar logo em si mesmo, que é o que acontece muito hoje em dia. Eu gosto muito de ajudar o próximo e às vezes acabo me prejudicando por isso. Sei lá, sou um cara bom. [...] Adora andar de skate, e essa parte de mim aprendeu muito com o **skateboarding**. O nome dele é Tranquilo. Ele é tranquilo, calmo, não se estressa.

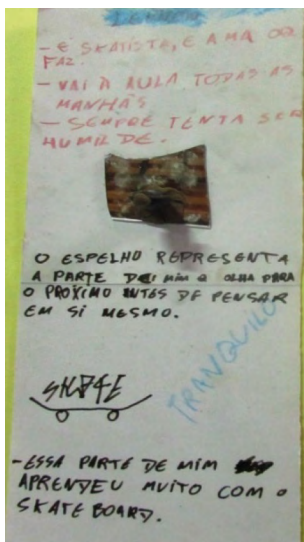


Figura 14 – Produção do pseudônimo Tranquilo

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

VAIOLA

(É uma jovem de 16 anos, nasceu e cresceu na cidade de Luís Correia - PI, estuda no IFPI (Instituto Federal do Piauí), campus Parnaíba, e faz o Ensino Médio integrado ao Técnico em eletrotécnica).

Meu pseudônimo vai ser Vaiola, é porque tem um filme chamado “ela é o cara”, que eu me identifico bastante com a personagem principal, que ela é uma menina com mais espírito masculino. Aí eu escrevi que a Vaiola ela é uma menina alegre, feliz, de bem com a vida, que estuda, que gosta muito, muito de jogar bola, anda de skate e não é paciente. É humilde, esforçada, e gosta de pensar coisas boas, pensar positivo, e sempre olhar o lado bom das coisas, o lado bom da vida, não ver as coisas com negatividade. É isso. Acabou. [...] o relaxamento foi muito legal, pois foi uma experiência que eu nunca havia parado para pensar sobre

tudo que pode envolver algo como a quebra de um espelho. [...] acho que a relação com o espelho é a questão de ser uma pessoa totalmente construída por fora, mas por dentro um pouco despedaçada, é a relação de juntar tudo, e formar uma experiência só. Aqui no meu desenho tem um cara andando de skate, tem uma bola, tem a palavra “paz”, “vaiola”, “ela é o cara”, e isso foi o que eu produzi.



Figura 15 -Produção do pseudônimo Vaiola.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

GESSY

(É uma jovem de 19 anos, nasceu e cresceu na cidade de Luís Correia - PI, faz o curso de Licenciatura plena em Matemática, na UFPI (Universidade Federal do Piauí), campus Parnaíba).

Como eu não gosto de dar nome para as coisas, preferi me chamar de Gessy, que é a metade do meu nome. E acredito que eu seja bastante calma, na medida do possível, adoro números e novas descobertas, e tenho um eterno amor por computador. É isso... resumindo a Gessy gosta de números, de surpreender as pessoas, de se surpreender também e descobrir coisas novas.

[...] a quebra do espelho ele pode mostrar que algo que pode ser perfeito, pode se acabar, mas que a gente pode usar um pedaço do que foi quebrado e refazer para ficar melhor, na medida do possível.

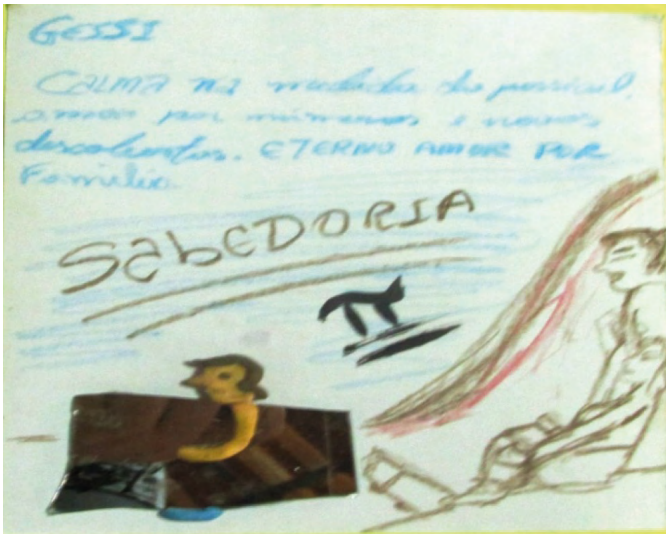


Figura 16 -Produção do pseudônimo Gessy.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

DITO

(É um jovem de 17 anos, nasceu e cresceu na cidade de Luís Correia - PI, faz o Ensino Médio integrado ao Técnico em eletrotécnica no IFPI (Instituto Federal do Piauí), campus Parnaíba).

Aqui tem o Dito, ele gosta de jogar basquete, de jogar no computador, sonha um dia em trabalhar com a edição de foto e vídeo. Mas este espelho, ele é sem imagem. A relação dele com o espelho é que ele sonha em trabalhar com o que ele gosta, fazer o que gosta, e ele é sem imagem porque ele ainda não conseguiu alcançar o sonho dele, então ele não existe ainda, e aí não tem imagem.

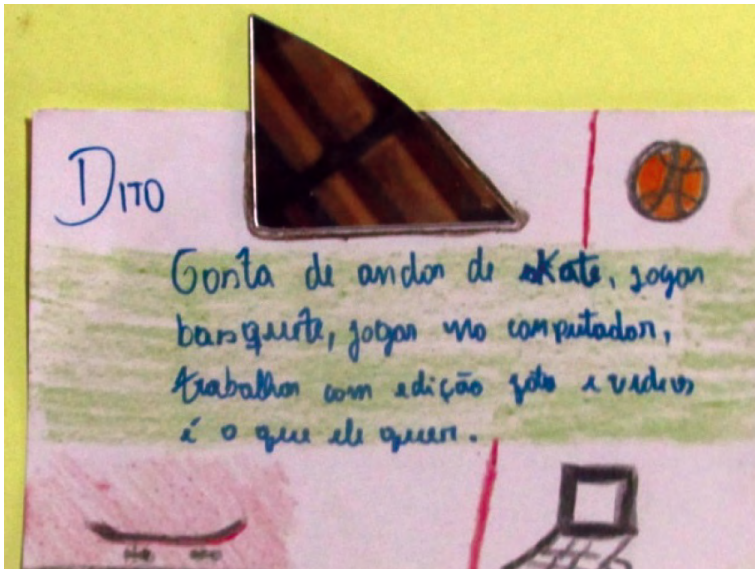


Figura 17 – Produção do pseudônimo Dito.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

KAMALYON

(É um jovem de 20 anos, nasceu e cresceu na cidade de Luís Correia - PI, faz o Ensino Médio integrado ao Técnico em eletrotécnica no IFPI (Instituto Federal do Piauí), campus Parnaíba).

O nome da viagem que fiz durante o relaxamento chama “reflexo dos espelhos”, e aqui na minha produção tem o Kamalyon, que gosta de desafios, aventura, basquete, skate, futebol e de família também... aqui tá representando minha família... e se esquece de tudo! [...] aqui é o skatista com seus defeitos, aqui é a demonstração física dos defeitos, como cair porque o skatista sabe cair. Então esse skatista, que sou eu, ele é um reflexo do que deve ser superado, dos defeitos que devem ser superados na vida.



Figura 18 – Produção do pseudônimo Kamalyon.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Como é possível perceber nas falas desses jovens fica evidente a aproximação que todos têm com o lazer, o esporte, a alegria. Eles ressaltam a importância dos amigos e da família para a constituição de si, e a forma como o skate se revela um modo de aprender na rua que é feito a partir das quedas e proporciona muitos momentos de diversão. Compreendendo a necessidade de um maior aprofundamento dessas questões, irei adicioná-las às outras que surgiram após as oficinas de produção de dados para compor o momento filosófico deste estudo.

Ao final da nossa oficina de negociação, ainda sentados em círculo pedi que os jovens refletissem sobre suas produções e trabalhassem em uni-las em apenas uma só, para que a partir dessa atividade eles pudessem criar um heterônimo onde nele estariam contidas as características de cada um, os gostos e a personalidade que desejassem. Assim, os jovens começaram a criar coletivamente

o personagem conceitual do grupo-pesquisador, o qual chamaram de Ted.

TED

O TED é uma característica importante de cada um do grupo. Usando uma parte de cada um é que fez um corpo só. E ele é TED por que também é nosso bichinho de estimação. Ele é skatista, e o skate é o estilo de vida dele. A relação dele com o skate é vida! O estilo de vida TED! O estilo de vida TED é skatista, ele é tranquilo, extrovertido, divertido, aventureiro, não se importa muito com o que os outros vão pensar dele, quer se divertir, ele gosta da natureza e é muito esportista... é uma pessoa da natureza! Ama acima de tudo a natureza! E então ele gosta muito do mar. Ele mora aqui em Luís Correia, na praia. Ele consegue conciliar o mundo material com o mundo espiritual e por isso ele é muito diferente. Ele não tem sexo, ele tá no meio dos dois, entre ser homem e mulher. É assexuado. Uma pessoa tipo assim, hermafrodita. Ele não tem artigo, ele é só TED! O coração do TED é o jovem skatista, mas o coração dele ficou no braço, (risos) ele tem o coração no braço! Por isso ele abraça os outros é com o coração! E por isso é que ele é muito bonito!

Percebe-se aí que os jovens criaram o personagem conceitual do grupo efetivamente a partir das suas próprias características e gostos, firmando esse heterônimo como pensador do grupo de skatistas.

O rosto e o corpo dos filósofos abrigam estes personagens que lhe dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos. As anedotas vitais contam a relação de uma personagem conceitual com animais,

plantas ou rochedos, relação segundo a qual o próprio filósofo se torna algo inesperado, e adquire uma amplitude trágica e cômica que ele não teria sozinho. Nós filósofos, é por nossos personagens que nos tornamos sempre outra coisa, e que renascemos como jardim público ou zoológico (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p. 89).



Figura 19 -Heterônimo do grupo-pesquisador: TED.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

É a partir da criação do TED que os jovens renascem na pesquisa de outro modo, poetizado, ludificado e desenvolvido a partir da criatividade do grupo. É deste modo que optam por ser um só

personagem conceitual que se relaciona com a natureza, que não tem sexo algum e que abraça as pessoas com o coração. Não por acaso, os personagens conceituais têm este papel, de manifestar os percursos, as mudanças e desterritorializações absolutas do pensamento (DELEUZE; GUATTARI, 1992), ou seja, de manifestar os caminhos do pensamento do grupo-pesquisador que, neste caso, é a voz filosófica que problematiza e cria conceitos sobre o aprender na relação com o movimento.

Após a produção do heterônimo pelo grupo, convidei-os para um lanche que havia levado a fim de confraternizarmos e compartilharmos nossas experiências de vida, para que logo depois, eu e Lucivando organizássemos rapidamente os materiais para dar início à primeira oficina de produção das plasticidades e dos relatos orais - narrativas advindas de suas experiências na oficina.



Figura 20 – Jovem skatista realizando manobras em tarde de pesquisa exploratória.

Fonte: arquivo da ASLP (Associação de Skate do Litoral Piauiense)

IV MANOBRA

LUGARES DO APRENDER EM MOVIMENTO: PRODUÇÃO, ANÁLISE E CONTRA-ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Me disseram que para quem sonha alto,
o tombo é grande. Só que se esqueceram
de me perguntar se tenho medo de cair.

BOB MARLEY

Conheci a técnica **Viagem Imaginária aos Lugares do “tema-gerador”** durante as aulas da graduação de Sociologia da Educação, ministrada pela minha orientadora, no curso de Pedagogia, e para a qual fui estagiária da docência superior. Durante a orientação coletiva, como já relatei, era proposto que levássemos algumas das técnicas sociopoéticas para que os alunos experimentassem, aliás, essa foi uma das primeiras técnicas que vivenciei. Particularmente, gostei desde o início, pois achava que existia nela um grande potencial para a criação, usando de materiais plásticos facilmente encontráveis e de preços acessíveis. Foi no decorrer destas experimentações que percebi o quanto os dispositivos artísticos potencializam a criação denarrativas - imagens e relatos orais - pelos copesquisadores e, deste modo, descobri que assim tornaria minha pesquisa inventiva e potente.

Escolhi colocá-la em prática com o grupo de jovens skatistas porque a mesma ia ao encontro de alguns dos objetivos dessa pesquisa, ou seja, de pensar outros modos e locais para se aprender, que não se remetiam apenas à escola, à aprendizagem institucionalizada. Assim, construí e planejei essa técnica, tomando bastante cuidado para desmontar pensamentos prontos e naturalizados sobre o aprender na relação com o movimento. As análises e criações feitas no coletivo pelo grupo-pesquisador me deixaram clara a potencialidade que a Sociopoética tem para construir uma pesquisa inusitada, pois, no decorrer do processo da pesquisa vivendo com/entre os jovens skatistas, soube que, por meio dela, são fortificados os laços de amizade e do coletivo, as subjetividades afloram, e a descoberta do pensamento do grupo-pesquisador vem à tona.

Portanto, após o lanche que levei para a confraternização, eu e Lucivando começamos a arrumar o espaço do Centro dos Idosos de Luís Correia para mais uma oficina com os skatistas, dessa vez tendo como meta a primeira produção de dados sobre o aprender em movimento. Deste modo, quando já estava tudo arrumado, pedi para que os jovens retornassem ao centro da sala, pois faríamos al-

gumas brincadeiras para descontrair um pouco e gastar as energias absorvidas durante o lanche.

Distribuindo pedaços de fitas a eles, pedi que as pegassem no chão e ficassem em pé exatamente em cima delas. Somente um dos jovens ficaria sem lugar no círculo, ficando no centro dele, pronto para “roubar” o local do outro, quando ele se movimentasse. E, a partir daí, passei a dar várias instruções a eles: mudando de lugar com um pé só, pulando, devagar, de costas, enfim. Aos poucos, todos os garotos passaram pela experiência de estar no centro do círculo e ter de encontrar uma forma de entrar na roda novamente.

Esse momento foi bastante prazeroso para os jovens pelo que pude perceber, pois todos sorriam muito e mostravam estar se divertindo com a atividade. Entendi ali o quanto o movimento é capaz de alegrar o corpo, de despertá-lo, pois após o lanche o grupo havia ficado muito cheio e com preguiça, e após a brincadeira, todos haviam ficado espertos e empolgados novamente para viver mais uma oficina sociopoética. Assim, ao término da brincadeira pedi para que todos se sentassem e buscassem acalmar seus corpos, pois iríamos dar início a mais um relaxamento. Segundo Gauthier (2012), o relaxamento é de suma importância durante a produção de dados e por isso é desejável que ocorra em cada sessão, tanto em seu início quanto em seu término, já que marca o encontro ritualístico do grupo e sua formação como grupo pesquisador.

Deste modo, o relaxamento propicia o encontro entre os copesquisadores, a confiança recíproca, a expressão impensada, a superação dos temores, a formação de um coletivo acolhedor, mas que por outro lado, não deixe de mobilizar um espírito crítico e autocrítico. Sendo que nenhum dos copesquisadores deve julgar o outro ou avaliá-lo, embora possa comentar as falas dos colegas, mas somente para que se evolua o conhecimento coletivamente. Pelas palavras do autor: “comentam-se dados e não atitudes ou intenções pressupostas. É a ética de qualquer grupo” (GAUTHIER, 2012, p. 82).

Por conseguinte, dando instruções para que os jovens deitassem em círculo, esperei que estivessem todos bem à vontade, e fiz

a seguinte leitura de uma viagem imaginária ao lugar do aprender em movimento:

Nesse momento, feche os olhos e respire profundamente 3 vezes pelo menos. Procure se concentrar. Respire. Tente relaxar o seu corpo, esquecer dos eventos que ocorrem fora deste espaço. Esquecer e respirar. Enquanto respira, comece a se imaginar em outro lugar. Para chegar em outro lugar, você deve caminhar. Se puder, caminhe com os pés descalços pelo chão. Sinta este contato com a terra... Prepare-se para a viagem. Para isso você caminha, olha para os lados, observa o caminho que te leva ao lugar do Aprender na relação com o movimento. O que você vê? De repente, você encontra um obstáculo que te impede de continuar andando pelo caminho que te levará ao lugar do APRENDER. Como é esse obstáculo? É uma pessoa? Uma coisa? Quais seus sentimentos em relação a este obstáculo que te impede de chegar ao lugar do APRENDER? O que pode seu corpo frente a este(s) obstáculo(s)? Como superar o obstáculo que te impede de chegar ao lugar do aprender em movimento? De repente, chega uma ajuda que potencializa a ultrapassa o obstáculo. Quem é essa ajuda? Como essa ajuda te leva a passar pelo obstáculo que te impedia de chegar ao lugar do APRENDER? Com a ajuda você continua caminhando e vê ao longe uma ponte que te leva direto ao lugar do APRENDER. Aproxime-se da ponte. Você consegue passar? O que você vê? O que você sente? Você atravessa a ponte e chega ao lugar do aprender. Como é o lugar do aprender? O que ou quem você encontra no lugar do aprender? Que relação há entre o APRENDER E O MOVIMENTO neste lugar? Quais são os personagens que habitam este lugar? O que se aprende neste lugar? Quais os saberes de quem vive neste lugar onde se APRENDE NA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO? Retornando, você começa a voltar da viagem para o lugar do APRENDER. Mas continua a lembrar de tudo que viu neste lugar. Retornando você mexe os pés, lentamente mexe as pernas e os braços. Abra os olhos. Não converse com ninguém para não perder a concentração deste lugar do APRENDER.

(Roteiro adaptado do acervo da profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad).

Após a viagem, pedi que os jovens se sentassem e escolhessem entre o material plástico disposto pelo chão para fazer sua produção. Na ocasião, novamente foi grande a concentração e a entre-

ga dos jovens a atividade, os quais, talvez ainda anestesiados pelos seus pensamentos surgidos durante a viagem, ficaram quietos e centrados cada um na sua própria produção. Abaixo, fotos do relaxamento e da produção plástica dos jovens:



Figura 21 – Momento do relaxamento.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 22 – Jovens durante a produção plástica

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Concluídas as produções, pedi que todos sentassem em círculo para começarmos uma Roda de Conversa onde todos falariam sobre a experiência vivida e a relação com o lugar do aprender. Naquela oportunidade, coloquei as seguintes questões para os copesquisadores: Qual o nome desse lugar do aprender? Como se aprende nesse lugar? E como o seu corpo se sente estando lá? A seguir, apresento as imagens das produções, o nome do copesquisador e seu relato oral:

KAMALYON

“LUGAR DO APRENDER NA ESPIRITUALIDADE”

O meu desenho aqui representa o bem da vida aqui e agora, tem várias cores que é para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. Aqui no meu caminho do aprender tem a natureza, os seres humanos, a paz que é esta parte do preto e branco, e o que vai dificultar esta passagem para tudo isto é a vaidade, representado pelo preto aqui, e ambição representado pelo dourado. E a vida, assim, é como uma viagem espacial, um voo, ou um estilo de cinema, e que só você pode superar o que tá no seu caminho. Aqui tem uma representaçãozinha do skate, porque através do esporte a gente pode usar pra superar a vida, superar obstáculos. [...] aprender em movimento é aprender com a vida, aprender com os seus erros, com o que você pode oferecer à vida e você vai aprendendo com tudo que ela te retribui. E só depende de você, você tem que se movimentar para ir atrás e se superar né. Aprender na espiritualidade é fazer o bem, seguir o caminho certo. [...] para aprender você tem que estar bem espiritualmente e fisicamente então o movimento do corpo é essencial para todo o aprendizado na vida. Nessa viagem meu corpo se sentiu muito bem, pois nesse lugar desse aprender, a gente não é obrigado a nada, a gente faz as coisas pois gosta de fazer, de aprender e de viver.



Figura 23 – Produção “Lugar do aprender na espiritualidade”.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

GESSY

“LUGAR DO APRENDER SE”

Bem, disseram para a gente desenhar como a gente tinha feito esta viagem né... Então veja, aqui era para ser uma ponte para dizer o como ninguém sabe do futuro! E como o amarelo em excesso ele ofusca, então eu coloquei muito amarelo, para dizer que eu não faço a mínima ideia do que vem depois. E por que que não tem ninguém no meu desenho? Porque a partir do momento que você para para pensar qual seu obstáculo, você vê que o seu obstáculo é você mesmo, você que se impõe limite. Por isso que eu botei o “SE”, porque eu vivo do “SE”, “e se der certo”, “e se não der certo” ... e aqui era para ser uma barraca, porque pelo menos eu quando eu acampeei eu senti muita tranquilidade. Foi muito relaxante. Então é isso que o desenho tenta mostrar. [...] A partir

do momento que a gente se limita, a gente também limita a nossa mente, e a gente se prende em algo que não devemos nos prender. Então, por isso no desenho eu tentei mostrar isso, que não tem nada nem ninguém; é só você e você para tentar lhe superar, e não precisa ninguém para lhe barrar e nem para lhe colocar para frente, só você que tem que ir atrás dos seus objetivos. No movimento, assim como no skate, que o Kamalyon briga muito comigo, porque ele diz que eu me limito, então se eu não me limitar eu posso me movimentar, posso aprender com o tanto que eu me movimento, e tanto que meus objetivos vão de acordo com os meus movimentos. Meu corpo no aprender “se” pode muitas coisas que às vezes eu desconheço, então é algo como tentei retratar aqui no desenho, é algo que eu não faço ideia de até onde eu posso chegar, de onde meu corpo pode chegar, depende apenas das minhas decisões.



Figura 24 – Produção “Lugar do Aprender se”.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

DITO

“LUGAR DO APRENDER EM UM DIA DE MUITO SKATE”

Quando você falou para gente pensar no lugar né, eu me vi numa estrada de terra, e fui caminhando e meu obstáculo foi uma megarampa, que um skatista famoso tem na casa dele, aí nessa mega-rampa ele foi minha ajuda, que ajudou a “dropar” nessa rampa. “Dropar” é descer a rampa. Aí eu desci nessa rampa, como fala aqui neste texto. Aí tinha uma ponte, a gente passou de skate por cima da ponte, aí eu tentei desenhar um cara andando em cima da ponte, mas não deu por que sumiu aqui. Aí depois dessa ponte, cheguei no **Street League** que é o maior campeonato de skate do mundo, em Los Angeles, aí fui lá assistir e de lá eu acordei. No lugar do dia de muito skate a gente aprende com muita movimentação, muita movimentação mesmo e adrenalina. Aprender neste dia de muito skate é fazer novas amizades, andar pelas ruas, andar de skate, aprendizagens, coisas novas também, é uma viagem! Meu corpo aprende se movimentando, se relacionando com as outras pessoas, conversando. Meu corpo nesse aprender ele pode ir até o limite dele, mas nunca cheguei nesse limite. Não há limite do aprender, sempre posso ir além.



Figura 25 – Produção “Lugar do Aprender em dia de skate”.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

TRANQUILO**“LUGAR DO APRENDER NA CIDADE”**

Eu fiz o meu desenho aqui representando o caminho para o aprender. Nesse caminho eu desenhei uma barreira né, que acho que todos os skatistas passam ou já passaram que é um pouco de preconceito. Você sofre muito quando você anda de skate, por ser chamado de vândalo, vagabundo, marginal, mala, o pessoal acha que você não quer nada com a vida, e na verdade não é nada disso! E por esse caminho você vai aprendendo muita coisa, eu desenhei o caminho chegando ao skate, que para mim é o principal veículo para se aprender com o movimento. Porque se movimentando você aprende a cair e com a queda seu corpo se adapta. [...] e se você não se movimenta você não é skatista, você não anda de skate de verdade. Você tem que se movimentar bastante e cada movimento novo que você aprende você tá sujeito a cair, e aprender mais ainda com as quedas; porque é andando de skate que você aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas sim que cair é necessário para o aprendizado.[...] O nome deste lugar acho que seria a pista de skate, mas não só a pista de skate, a rua também, toda a cidade, porque na verdade a nossa modalidade é o **street**, então o verdadeiro sinônimo é andar na rua e é lá que você aprende muito mais porque na rua você pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas, com cada tipo de pessoa você vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista, é o modo como ele aprende com cada pessoa que vai passando por sua vida. Você vai andar de skate, vai procurar um pico na rua, você não vai ficar só em um lugar e nesse movimentar de um lugar para o outro você vai ter contato com vários tipos de pessoas, aí ao interagir com cada pessoa dessas você vai aprendendo algo diferente. [...] meu corpo sente muito prazer. Acho que todo skatista sente muito prazer em andar de skate, por isso que muitas vezes deixa de

fazer tudo para ir andar de skate, só pensa em andar de skate. Meu corpo sente uma sensação de liberdade, esquece todos os problemas da vida, tipo, quando eu tô muito estressado, eu pego meu skate e vou andar. Para mim é a solução, é como se me desse uma amnésia, esqueço de tudo, só quero saber de acertar a manobra. E nesse acertar a manobra que você aprende a cair e não se machucar com as quedas e valorizar que cair é sinônimo de aprendizado. Aprender com o movimento é o que tá em foco né, então a queda é um grande movimento, é um esforço que você faz para superar o medo, você aprende a vencer os medos através da queda. Você cria coragem para acertar aquela manobra... você tem certeza que vai cair e você vence esse medo de cair. É caindo que você aprende a se levantar.

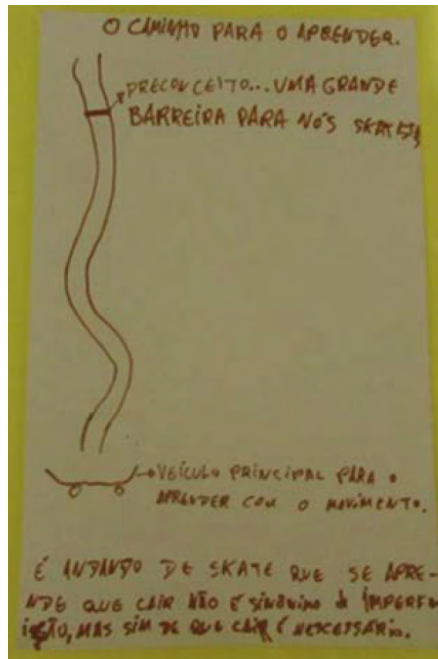


Figura 26 – Produção lugar do aprender na cidade.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

VAIOLA**“LUGAR DO APRENDER PARAÍSO”**

Meu desenho ficou muito gay né (risos) eu quis mostrar bem a natureza aí fiz o sol, essas árvores e o mar e eu coloquei algumas frases. Na verdade eu imaginei um local aberto, a natureza onde eu imaginava os obstáculos... no começo eu imaginava que seriam motivos para mim desistir, mas depois a gente aprende que os obstáculos são para tentar nossos limites e para quem tem fé o céu não é o limite. Aí eu coloquei umas frases, coloquei “livre para poder buscar o meu lugar ao sol”, e coloquei outra, eu coloquei “os obstáculos da vida são feitos para testar nossos limites, mas para quem tem fé o céu não é o limite”, aí eu coloquei “para quem tem o pensamento forte o impossível é só questão de opinião”. Coloquei “vá em frente e não pare de viver as dificuldades da vida”. [...] O nome desse lugar é Paraíso. Na verdade o meu paraíso aqui eu imaginei bastante assim com a natureza, não imaginei uma pista de skate, nem imaginei nada... eu imaginei eu num local tranquilo onde não houvesse nenhum barulho, o único barulho que tinha era o das ondas do mar, numa praia assim deserta, mas não tem a ver com o skate. [...] como a natureza é uma coisa simples, a gente aprende a dar valor às coisas simples da vida, porque tem vezes que não é qualquer local que é considerado paraíso, o paraíso muitas vezes não é um local simples, é uma mansão, uma casa, um carro, riqueza etc. Aí a gente aprende que a humildade também é essencial na vida da pessoa. Meu corpo no aprender no paraíso aprende a não se limitar a certos obstáculos da vida, não parar em meio qualquer coisa, a gente tem que saltar os obstáculos e ver que tudo é possível, que a gente pode seguir em frente, que a gente é capaz do que a gente quiser.



Figura 27 – Produção “Lugar do Aprender Paraíso”.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

POLLY

“LUGAR DO APRENDER NA VIDA”

Naquela hora que ela pediu que a gente fechasse os olhos e imaginar, tudo o que eu queria era a natureza! Aí eu desenhei tipo que eu “tava” lá na natureza encantada com as flores, com as arvores, enfim com a natureza... e aí tinha um rio que era o obstáculo e aí eu relatei a algumas pessoas, porque quando eu comecei a andar de skate minha mãe não deixava e as pessoas da rua sempre falando, falando... e também porque eu sou menina, e a maioria é só menino. E aí quando as meninas deixaram de andar um pouco e aí só eu que “tava” lá, e aí ficou muito chato e a minha mãe também me proibiu um pouco de andar de skate. Mas eu tive que pensar rápido e pensar numa coisa, e aí eu achei um cipó numa árvore e dei uma de Tarzan e pulei o rio e aí continuei na natureza. Aí na natureza continuei apreciando a natureza, as coisas lindas, e achei uma ponte. Por essa ponte eu fui pro paraíso, lá era uma pista de skate enorme com várias pessoas, e anotei aqui que lá tinha diversidade, tinha leveza, diferença, muito aconchego e várias pessoas diferentes que eu podia me

relacionar e o nome disso tudo junto do paraíso, os obstáculos e o rio é a vida, porque a gente aprende é com a vida. [...] No skate a gente aprende quando a gente tá caindo, aí a gente vai e tenta de novo, assim como a gente pode usar na vida onde um dia a gente pode tá mal mas a gente pode se levantar no outro. Tipo isso. Aprender com o skate é tipo aprender com a vida, a gente cai mas tem que aprender a levantar como a gente tem que aprender a usar isso no dia a dia. [...] A mente torna meu corpo potente para aprender na vida, a mente é tudo! Tudo que eu achar que eu possa fazer, realmente eu posso porque a mente é tudo! O que faz eu acertar uma manobra ou algo assim, é meu pensamento positivo naquilo, tipo, eu vou acertar, e vou na fé naquilo, e eu vou na fé e sempre dá certo. Na vida também se eu for achando que não vai dar certo provavelmente não vai dar certo, mas se eu for com o pensamento positivo e muitas energias boas eu posso ter certeza que aquilo vai dar certo. [...] Aprender pulando o rio foi não dar ouvido ao preconceito, às outras pessoas, eu não dei ouvido e pulei.



Figura 28 – Produção “Lugar do Aprender na Vida”.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

HIAMASHYTA

“LUGAR DO APRENDER NA REALIDADE”

Bom, seguindo o que ela falou eu me imaginei caminhando no deserto... eu caminhava e de repente eu cheguei a um muro, nesse muro estava escrito “crítica” que é o que eu mais sofro, mas daí eu consegui superar a crítica. Consegui superar! E então cheguei numa ponte, atravesso a ponte e chego a um paraíso que se chama “realidade” e lá não havia crítica nem pessoas falando mal de você, era um lugar só meu que eu poderia me expressar como eu quisesse. [...]no lugar da minha realidade não existe pessoas melhores do que as outras. [...] neste lugar meu corpo pode superar a preguiça, a crítica e a desanimação. Aprendo a fazer novas amizades, a superar as coisas, aprendo a valorizar e acho que é só isso.



Figura 29 – Produção “Lugar do Aprender na Realidade”.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Após a produção dos dados pelo grupo, eu e Lucivando tiramos fotos das produções e conversamos com os jovens sobre nossos próximos encontros, onde todos concordaram com a data, que seria na próxima segunda, e com o local, uma barraca na beira da praia

de Atalaia. Após esses breves avisos, nos levantamos, e com todos de mãos dadas, perguntei a eles quais as palavras que expressassem a vivênciadaquele dia. Surgiram as seguintes: Amizade - movimento - experiência - tranquilidade - arte - positividade. Pedi que escolhessem entre elas apenas uma para gritarmos coletivamente e a vencedora foi “experiência”. Assim, corremos todos para o centro do círculo e gritamos juntos a palavra EXPERIÊNCIA - expressão daquela tarde e noite para os jovens.

1 Caminhos do aprender: uma análise plástica da facilitadora

Na pesquisa Sociopoética, antes que o pesquisador-oficial realize sua análise, os copesquisadores têm a oportunidade de analisarsuas produções. Tal análise, apresento no próximo capítulo, de modo a facilitar a compreensão do processo de pesquisa, já que as duas oficinas de produção de dados foram analisadas juntamente pelo grupo pesquisador.

Assim, nesse item, trago minha análise plástica das imagens do lugar do aprender em movimento considerando o processo de produção dos dados em sua totalidade. Para tanto, organizei as fotos das produções lado a lado sobre uma mesa, levando em conta a riqueza visual produzida pelos jovens skatistas. Durante esse momento, tive a ajuda de minha orientadora, que atenciosamente se debruçou comigo sobre as fotos das produções. Buscamos não ter contato com os relatos orais para que esta análise não fosse suggestionada ou relacionada aos relatos orais, e assim, criamos um poema que expressava tudo o que sentíamos ao ver cada produção, cada detalhe, cada emoção expressa nas imagens como se as tivéssemos produzido.

TIPOS DE CAMINHOS DO APRENDER

Jovens skatistas tem o caminho
como lugar do aprender em movimento.
Porém há vários tipos de caminhos.

Caminhos lisos do aprender

São inicialmente sem obstáculos
Mas algo faz parar
O corpo em movimento
Ao esbarrar no preconceito
o caminho do aprender se torna nebuloso

Caminhos do aprender nebulosos

É outro tipo de caminho
São rodeados de abutres que voam
E são obstáculos do aprender em movimento.
O que são preconceitos abutres do aprender?

Caminhos do aprender almas penadas

São atravessados
Por almas de olhos grandes e cérebro de botão
Que seduzem e assombram os corpos,
Pela imaginação.
Parte do aprender em movimento.
Como aprender assim?

Caminhos do aprender

Cruzados por montanhas de pistas de skates
Mas para neles chegar
Rio turbulento e buracos invisíveis,
O corpo tem que atravessar.
Quais os obstáculos invisíveis do aprender em movimento?
Como criar com estes obstáculos?

Caminho da diversidade

De longe não é diverso,
De perto tem movimentos imperceptíveis
Causam transformações

Que escapam a percepção:
 Da borboleta em flor, da árvore em cipó, do rio em mata.
 Tem flora e cor.
 Quais os movimentos que não se vê
 E potencializam o corpo em movimento no aprender?

Caminho horizonte do aprender

O movimento se expande
 É tão veloz que se perde
 Não se sabe o que vai acontecer,
 É caminho incerto.
 Como se aprende se perdendo?

Para surpresa dos jovens skatistas

Caminho perdido do aprender

Requer ao corpo se aventurar,
 Ter penas coloridas e asas
 Para movimentos nas nuvens alcançar
 Como potencializar o aprender sem limites?

2 Reencontrando os jovens skatistas: a contra-análise começa a rolar

Na Sociopoética, a contra-análise é o momento em que o pesquisador oficial volta a se reunir com o grupo-pesquisador para que este retifique, reexamine e torne mais precisas suas análises. Nessa fase, é interessante que o pesquisador leve suas análises, geralmente muito extensas, de forma mais comunicativa e lúdica, de modo a facilitar ao grupo a compreensão do resultado exposto (SANTOS 2014).

No dia 19 de outubro de 2015, feriado do dia do Piauí, aproveitei para realizar com os jovens a oficina de contra-análise. Marquei o encontro às 17h no Centro dos Idosos de Luís Correia, local onde Kamalyon havia arrumado mais uma autorização para realizarmos nossas oficinas. Porém, por imprevistos de seu trabalho, este copesquisador não pôde estar presente naquele momento.

Cheguei cedo ao local marcado, junto a Daniel, Lucivando e Tranquilo. Arrumamos algumas cadeiras em formato de círculo no terraço do Centro dos Idosos, pois a parte interna daquele local estava sem luz e demasiadamente empoeirada, nos impossibilitando de realizar qualquer atividade em seu interior. Assim, nos organizamos na área externa e ficamos conversando, esperando que todos do grupo chegassem.

Compareceram cinco jovens: Polly, Tranquilo, Dito, Hiamashyta e Vaiola. Entretanto, para minha surpresa, antes de começar a contra-análise, mais dois skatistas se fizeram presentes: Samuel e Gabriel. Eu os havia conhecido no período da pesquisa exploratória no *Skate Park* da cidade e os convidados para participar dela junto a seus amigos, mas por motivos pessoais eles não puderam participar de nenhum dos encontros passados, fazendo-se presentes, entretanto, naquele momento de fechamento da pesquisa. Durante a contra-análise é interessante para a Sociopoética ter participantes que não estiveram presentes no percurso da pesquisa. Esses, por sua vez, são chamados de Coringas, e colaboram com o grupo-pesquisador permitindo que este perceba o que tem em comum, e que lhe é tão obvio que parece ser imperceptível. Os coringas, desse modo, ao trazerem um “olhar de fora” da pesquisa, enfatizam a diferença e multiplicidade existente no pensamento do grupo-filósofo (GAUTHIER, 2000).

Com esses sete jovens presentes iniciei a contra-análise fazendo um breve relaxamento com o grupo, e depois pedi que se sentassem nas cadeiras que estavam organizadas em círculo para realizarem a leitura dos textos advindos da análise plástica das imagens e da análise classificatória dos relatos orais. Iniciamos com a leitura individual e silenciosa dos textos. Em seguida, a leitura aconteceu em duplas, de modo que discutissem entre si e partilhassem do material presente nas produções literárias por mim desenvolvidas.

Importante realçar que as falas são do grupo-pesquisador, não são mais de um ou de outro jovem, mas sim do personagem

filosófico do TED que ganha força na voz coletiva dos skatistas. Assim, iniciei a contra-análise lendo em voz alta os textos que havia levado para aquele momento com o grupo, iniciando pelo poema “Tipos de caminho do aprender”. À medida que eu ia lendo, pausadamente, o referido poema, o grupo foi parando nos trechos em que havia perguntas ou provocações.

Logo no começo da leitura do poema, o grupo-pesquisador se interessou pelo título, e se mostrou atento à minha leitura em voz alta, intervindo logo na primeira indagação sobre “O que são preconceitos abutres do aprender?”. Naquele momento, o grupo-pesquisador levantou o seguinte debate:

A gente quando anda de skatesofre muito, pois é chamado de mala, vagabundo, de que não quer nada com a vida.

Hoje mesmo eu fui chamada de lésbica e maconheira. Por andar de skatea pessoa já pega fama de drogado. Mesmo que você não use nada, todo mundo vai achar que você usa só por conta do skate, sendo que a droga está aí para quem quiser usar e não é porque você anda de skateque você vai usar.

Quando eu e a Vaiola começamos a andar de skate, as pessoas ficavam dizendo que eu e ela começamos a comprar droga. Foram falar para a minha mãe que a gente “tava” andando com o pessoal que usava droga e por isso a gente iria começar a usar droga também e iria ser traficante, tudo isso por conta que estávamos andando de skate.

Um exemplo dessas pessoas que têm preconceito, são os guardas da Praça da Graça, em Parnaíba. Lá tem uns bancos de mármore ótimos para andar de skate, a gente vai andar lá, mas na mesma hora chegam os guardas, chamam a polícia, como se a gente fosse vândalo ou bandido, sendo que o policial tinha que estar prendendo era bandido mesmo, que está roubando, matando, traficando. Ao invés de se importar com quem está praticando um esporte, sendo que o skate salva vidas, salva muita gente do crime, de drogas, de tudo, skatesalva em todos os sentidos!

Eu vi uma reportagem de um “cara” em São Paulo que foi preso, era do crime, mas começou a andar de skate e pronto, saiu da vida do crime e está sendo patrocinado para ir andar de skate na Califórnia representar o Brasil.

Dando continuidade à leitura, o grupo parou no trecho do poema em que se problematizava a questão dos obstáculos e das superações para se aprender em movimento por meio do skate, dizendo:

É meio complexo, mas eu acho que fala mais de toda a persistência de quem é skatista. Por que apesar de todo o sofrimento que passa, de ter que aprender uma boa manobra e de todo preconceito que passa, ele vai atrás do mesmo jeito.

O skatistatema uma visão totalmente diferente de uma pessoa normal. Por exemplo, uma pessoa qualquer vê uma escadaria, pensa que é uma escada normal, a gente não, já vê de uma forma totalmente diferente, já vê como um obstáculo.

Um corrimão, que muita gente usa para se apoiar e não cair, a gente pelo contrário, vai lá com o skate, tenta a manobra e cai de tudo quanto é jeito. Nesse aprender, cair faz parte, porque para muita gente cair é como se fosse uma imperfeição ou coisa assim, mas na verdade está ajudando a gente melhorar, pois com tempo o corpo se adapta com as quedas e não sente mais a dor como antes, não sente quase nada.

Na sequência da leitura, o grupo, muito concentrado, parou no trecho em que o poema se encontrava na seguinte pergunta: Quais movimentos que não se vê e potencializam o corpo em movimento no aprender? Sobre o que os jovens responderam:

O que potencializa a gente é a motivação de andar de skate melhor, ver pessoas andando de skate muito bem e querer fazer a mesmas coisas que elas.

O fato de você andar de skatenão vai potencializar apenas o teu corpo, mas também a tua mente, por que skateé muito a questão do

psicológico porque você vai atrás de picos para andar de skate, mas você não aprende só isso, a gente vai conhecendo o mundo através do skate, a gente vai vendo a rua de forma diferente, as pessoas de forma diferentes, vidas diferentes e a gente aprende com isso.

A gente é uma “galera” alternativa sabe, não tem um padrão de ser, cada um procura se enturmar com seu jeito de ser, ninguém quer um único padrão de pessoa para o grupo.

Em meio à essa discussão, ao debruçar-se novamente sobre o poema, o grupo pausou na seguinte indagação: como potencializar o aprender sem limites?

O aprender com o skate é um aprender sem limites porque você sempre vai buscar ir em outras cidades, outros países, vai estar procurando novas culturas para conhecer que não somente do skate, mas também com outros estilos de vida.

O aprender sem limites sempre me permite aprender mais com o movimento. Potencializo esse aprender sempre buscando por melhores manobras.

Esse foi o último trecho do poema sobre o qual o grupo-pesquisador se debruçou. Assim, segui com o processo, apresentando a contra-análise dos outros estudos transversais.

3 Categorização e Transversalização Sociopoética: separando e misturando as narrativas da pesquisa

No momento da análise classificatória na Sociopoética, o pesquisador deve eleger as categorias que permeiam o tema-gerador da sua pesquisa. Ao analisar os relatos orais, fui percebendo as ideias e confetos do grupo-pesquisador sobre o tema-gerador, porém, isso não foi fácil, pois requereu uma espécie de sensibilidade, algo que apenas fui desenvolvendo lentamente durante o percurso da pesquisa. Deste modo, para o momento de análise dos relatos

orais, necessitei da ajuda de muitos dos amigos sociopoetas, especialmente Shara, Lucivando e Dilma.

No **Quadro 1**, trago como exemploda análise classificatória um dos relatos dos jovens skatistas, sinalizado de forma colorida, onde cada cor indica uma ideia e/ou um confeto cartografado por mim. Realço que ao final da ideia selecionada e classificada há o número entre os parênteses apontando a categoria a qual pertence. Esse processo é feito de forma delicada e atenciosa, para não alterar o sentido dos relatos(NASCIMENTO, 2014), vejamos:

QUADRO 1 – Categorização dos Relatos Oraís

O meu desenho aqui representa o lugar do aprender na espiritualidade bem da vida aqui e agora, neste lugar tem várias cores que é para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas (1). Aqui no meu caminho do aprendertem a natureza, os seres humanos, a paz que é esta parte do preto e branco (1), e o que vai dificultar esta passagem para o aprender na espiritualidade é a vaidade, representado pelo preto aqui, e ambição representado pelo dourado (2). E a vida, assim, é como uma viagem espacial, um voo, ou um estilo de cinema, e que só você pode superar o que tá no seu caminho. Aqui tem uma representaçõzinha do skate, por que através do esporte a gente pode usar pra superar a vida, superar obstáculos (3). Aprender em movimento na espiritualidade é aprender com a vida, aprender com os seus erros, com o que você pode oferecer à vida e você vai aprendendo com tudo que ela te retribui (4). E só depende de você, você tem que se movimentar para ir atrás e se superar né (3). Aprender na espiritualidade é fazer o bem, seguir o caminho certo (4). Para aprender você tem que estar bem espiritualmente e fisicamente, então o movimento do corpo é essencial para todo o aprendizado na vida (1).

Fonte: Dados da pesquisa

Com base nessa nesta análise, as categorias encontradas nos relatos orais do grupo-pesquisador, foram:

1. Características do aprender
2. Obstáculos do aprender em movimento
3. Superação dos obstáculos ou o que pode o corpo
4. Conceitos de aprender em movimento

Ainda como parte da análise classificatória, realizei o cruzamento entre as ideias de cada categoria, cruzando-as em grupos que se complementam, divergem, opõem-se, ou mesmo, são ambíguos (SANTOS, 2014). Nas ideias complementares, os sentidos são convergentes, e na maioria das vezes ampliam as primeiras ideias aos serem misturadas umas com as outras; as divergentes são ideias que falam do mesmo assunto, entretanto tem sentidos distintos; as opostas são ideias binárias; e as ambíguas são pensamentos paradoxais que ocorrem no meio de um mesmo enunciado, como é possível ver no quadro a seguir:

CARACTERÍSTICAS DO APRENDER

1. **Lugar do aprender na espiritualidade, bem da vida aqui e agora**, tem várias cores que é para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. É o caminho do aprender que tem a natureza, os seres humanos e a paz (1).
2. **O lugar do aprender “SE”** é o lugar onde se vive do “SE”, “e se der certo”, “e se não der certo” (1).
3. **O lugar do aprender na cidade pista de skate**, não acontece só na pista de skate, na rua também, em toda a cidade, por que na verdade a nossa modalidade de skate é o **street**, então o verdadeiro sinônimo é andar na rua e é lá que você aprende muito mais porque na rua você pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas, com cada tipo de pessoa você vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista (1).
4. **Lugar Paraíso do aprender** é na natureza, não é numa pista de skate. É num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, mas não tem a ver com o skate (1).
Lugar Paraíso do aprender é na natureza, não é numa pista de skate. É num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, mas não tem a ver com o skate (1).
5. **Lugar Paraíso do aprender** é na natureza, não é numa pista de skate. É num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, mas não tem a ver com o skate (1).
6. **Lugar do aprender “dia de skate”** é o lugar onde a gente aprende com muita movimentação (1).
7. **Não há limite do aprender, sempre posso ir além** (1).
8. **Caminho do aprender** é o lugar onde se aprende muita coisa com o skate, que é o principal veículo para se aprender com o movimento por que se movimentando se aprende a cair e com a queda seu corpo se adapta. Se o corpo não se movimenta, não é skatista, não anda de skate de verdade. No caminho do aprender tem que se movimentar bastante e cada movimento novo que se aprende se está sujeito a cair e aprender mais ainda com as quedas, por que é andando de skate que se aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas sim que cair é necessário para o aprendizado (1).
9. **Aprender com a natureza** é uma coisa simples, a gente aprende a dar valor às coisas simples da vida, por que têm vezes que não é qualquer local que é considerado paraíso. O paraíso muitas vezes não é um local simples, é uma mansão, uma casa, um carro, riqueza etc. Aí a gente aprende que a humildade também é essencial na vida da pessoa (1).
10. **Paraíso pista de skate** é um lugar enorme, com várias pessoas, tem diversidade, leveza, diferença, muito aconchego e várias pessoas diferentes que eu podia me relacionar e o nome disso tudo junto era paraíso (1).

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS IDEIAS COMPLEMENTARES
<p>Ideias 1, 4 e 9 são complementares: Paraíso do aprender na espiritualidade é o bem da vida, se aprende aqui e agora, tem várias cores para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. É o caminho do aprender com a natureza, não é numa pista de skate, é com os seres humanos e a paz. Aprender com a natureza é uma coisa simples. É aprender num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, que não tem a ver com o skate. Neste lugar a gente aprende a dar valor às coisas simples da vida, por que têm vezes que não é qualquer local que é considerado paraíso. O paraíso muitas vezes não é um local simples, é uma mansão, uma casa, um carro, riqueza e etc. A gente aprende que a humildade também é essencial na vida da pessoa.</p>
<p>Ideias 3 e 10 são complementares: Cidade pista de skate-paraíso do aprender skate não acontece só na pista de skate, mas na rua também, em toda a cidade, por que na verdade a nossa modalidade de skate é o street, então o verdadeiro sinônimo do aprender é andar na rua e é lá que você aprende muito mais porque na rua você pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas, com cada tipo de pessoa você vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista. Por isso é um lugar enorme, com várias pessoas, tem diversidade, leveza, diferença, muito aconchego e várias pessoas diferentes que podemos nos relacionar e o nome disso tudo junto é paraíso.</p>
<p>Ideias 6, 7 e 8 são complementares: Caminho do aprender “dia de skate” é o lugar onde a gente aprende com muita movimentação, onde se aprende muita coisa com o skate, que é o principal veículo para se aprender com o movimento porque se movimentando se aprende a cair e com a queda seu corpo se adapta. Se o corpo não se movimenta, não é skatista, não anda de skate de verdade. No caminho do aprender tem que se movimentar bastante e cada movimento novo que se aprende se está sujeito a cair e aprender mais ainda com as quedas, porque é andando de skate que se aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas sim que cair é necessário para o aprendizado Não há limite nesse aprender, sempre posso ir além.</p>
<p>IDEIAS OPOSTAS Ideias 1, 4 e 9 são opostas as ideias 3 e 10 porque nas ideias 1, 4 e 9 o Paraíso do aprender na espiritualidade é a natureza, um lugar simples, tranquilo e não é a pista de skate, ao contrário das ideias 3 e 10 confeto Cidade pista de skate-paraíso do aprender skate.</p>
<p>IDEIAS OPOSTAS Ideias 1, 4 e 9 são opostas as ideias 3 e 10 porque nas ideias 1, 4 e 9 o Paraíso do aprender na espiritualidade é a natureza, um lugar simples, tranquilo e não é a pista de skate, ao contrário das ideias 3 e 10 confeto Cidade pista de skate-paraíso do aprender skate.</p>
<p>IDEIAS AMBÍGUAS A ideia 2 é ambígua: por que neste lugar do aprender as coisas acontecem “se der certo” e “se não der certo” ao mesmo tempo.</p>

Ambos os processos estão expostos na íntegra no **Apêndice C**, onde é possível acompanhar todo o desenvolvimento da análise dos relatos orais utilizando o método de pesquisa sociopoética.

4 “Dropando”¹ nos Estudos Transversais

Concluída a análise classificatória é preciso transversalizar toda a produção do grupo-filósofo da pesquisa, propondo combinações e inversões inesperadas nos estudos transversais. Esses estudos transversalizam os relatos orais da pesquisa, ou seja, liga o que foi separado pela análise classificatória. No caso de minhas técnicas, produzi o texto literário intitulado: “Manifesto de Jovens do Skateboard: o que a escola precisa aprender na relação com o movimento?” Que foi dividido em partes I e II, conforme confetos produzidos em cada técnica. Vejamos a parte I, referente aos resultados da análise dos relatos orais da oficina “Lugar do Aprender em Movimento”:

Manifesto de Jovens do Skateboard:

O que a escola precisa aprender na relação com o movimento?

(PARTE I)

Um local abandonado, cheio de raízes expostas, com água misturada à terra, formando um lamaçal, treme ininterruptamente e começa a borbulhar soltando labaredas de fogo. Ninguém por perto, somente pássaros, vento e gravetos partilhavam de algo magnífico. Daquela terra nasce um ser enlameado, misto de monstro e de homem. A terra seca mostra a pele. Um avatar se manifesta, um ser supremo, potente. Um mutante, um ser imaginário que nasceu de muitos corpos movediços, deslizantes.

¹ Dropar” como já foi explicitado por um dos jovens da pesquisa, é uma gíria dos skatistas que significa subir algo.

Este avatar mostrou logo a que veio, possui características e tendências próprias por vezes diferentes de quem o criou. Precisava de um nome? Como criar um nome que fosse tantos ao mesmo tempo? Aos poucos, foi ganhando forma, som, tom, cores e muitos jeitos de ser. Em constante processo de transformação de si mesmo, possuía as características de tranquilo, extrovertido, divertido, aventureiro, não se importando com o que os outros iam pensar dele, gostava da natureza e era esportista.

Do avatar, essa multiplicidade, nasceu o TED. Avatar que aprendeu a amar acima de tudo a natureza e que gostava do mar. Sua cidade tem praia, vento, pôr do sol e lugares maravilhosos. Por ter diferentes formas, TED, o avatar, conciliava o mundo material com o mundo espiritual e por isso ele era diferente. Às vezes, ele sentia que não tinha sexo definido, que estava no meio entre ser homem e mulher. Assim, nessa insegurança, pensava que não tinha artigo que o definisse, era TED e pronto! Mas uma coisa era certa, TED era jovem e o coração dele não ficava no peito, mas no braço, deste modo abraçava os outros com o coração!

TED com todas as suas características “metamorfoseantes” percebia que era possível aprender com os outros, na convivência diária e no caminhar pelos múltiplos espaços daquela cidade em que morava. Descobriu que poderia aprender de muitos jeitos e de ser jovem com muitas habilidades. Assim, caminhando, deslizando encontrou num espaço onde tinha jovens praticando algo que nunca tinha visto antes, nem em casa e nem na escola. A princípio nem o nome sabia, mas ficou intrigado. Como aprender aquilo? Que nome tinha? Foi aí que soube que o nome era **skateboard**.

Foi assim, em meio ao acaso, que TED teve sua primeira experiência com o esporte radical. Tinha muito a aprender com o skate, o que o levou para vários lugares. Nem todos os locais serviam ao skate, como foi o caso do **Paraíso do aprender em movimento na espiritualidade**. Neste lugar, que é o bem da vida, se aprende

aqui e agora, e tem várias cores para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. É o caminho do aprender com a natureza, com os seres humanos e a paz, não é numa pista de skate. Aprender com a natureza é uma coisa simples. É aprender num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, que não tem a ver com o skate. TED, já apaixonado pelo **skateboard**, se perguntou: **Como pode o skatista juntar dois amores diferentes: skate e natureza?**

Porém, TED era um avatar e de dentro desta mística e de toda a sua multiplicidade, possuía algo oposto ao **paraíso do aprender em movimento na espiritualidade**, que dizia que aprender em movimento não era na natureza, num lugar simples e tranquilo, pelo contrário, era a **Cidade pista de skate** –o paraíso do aprender em movimento que não acontece só na pista de skate, mas na rua também, em toda a cidade. Na verdade, a modalidade do skate é o **street**. Então, o sinônimo do aprender Cidade Pista de skate é andar na rua, é lá que se aprende muito mais porque na rua se pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas, com cada tipo de pessoa se vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista. Por isso a **cidade pista de skate** é um lugar enorme com várias pessoas, tem diversidade, leveza, diferença, muito aconchego e várias pessoas diferentes que podemos nos relacionar e o nome disso tudo junto é paraíso.

Quanta diversidade há na **cidade pista de skate**, pensou o TED! A sociabilidade era intensa, se aprendia com toda a gente, especialmente no **caminho do aprender em movimento “dia de skate”** que é o lugar onde a gente aprende com movimentação, onde se aprende muita coisa com o skate. Foi assim que TED “metamorfosante” percebeu quanta vida há na cidade pista de skate e também que os lugares de se aprender com o skate eram muito diferentes de se aprender na escola. Por exemplo, na **Cidade pista de skate** há o **aprender-viagem**, que é aprender em dia de skate,

fazer novas amizades, aprendizagens de novas coisas também, é uma viagem! Porque o corpo aprende se movimentando, se relacionando com as outras pessoas, conversando.

Na verdade, nos lugares vividos pelo TED o aprender em movimento acontece de muitos modos e o skate é o principal veículo deste aprender, porque se movimentando se aprende a cair e com a queda seu corpo se adapta. Se o corpo não se movimenta, não é skatista, não anda de skate de verdade. No caminho do aprender tem que se movimentar bastante. Em cada movimento novo que se aprende, se está sujeito a cair e aprender mais ainda com as quedas, porque é andando de skate que se aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas sim necessário para o aprendizado.

Não é à toa, que ao ser uma pessoa de tantas formas diferentes, TED criou vários conceitos para falar deste aprendizado, por exemplo: **aprender-manobra** é o aprender a acertar a manobra, é aprender a cair e não se machucar com as quedas. Bem como o **aprender com o movimento** é aprender a valorizar a queda, pois cair é sinônimo de aprendizado. Então a queda é um grande movimento, é um esforço que você faz para superar o medo, você aprende a vencer os medos através da queda. No skate se aprende quando se está caindo, pois se tenta de novo. E esse aprender se pode usar na vida, onde um dia se pode tá mal, mas se pode levantar no outro dia. Aprender com o skate é aprender com a vida a cair e aprender a se levantar como aprender a usar isso no dia a dia.

Vejo que não há limite nesse aprender, sempre posso ir além. Interessante que na pedagogia do skate com o movimento há que se entender: **como o movimento e a queda, que não são sinônimos da imperfeição, podem fazer parte do currículo do aprender?**

Porém, há obstáculos para esses modos de aprender, como o **obstáculo muro no caminho do aprender em movimento. O obstáculo muro** é a crítica que se faz aos skatistas, é a barreira que todos os skatistas passam ou já passaram, que é o preconceito que se

sofre quando se anda de skate, por ser chamado de vândalo, vagabundo, marginal, mala. O pessoal acha que não se quer nada com a vida, e na verdade não é nada disso! Há também o **obstáculo-rio** que são pessoas que fazem o obstáculo-muro, a crítica. Por exemplo, a **mãe-obstáculo-rio**, que é o obstáculo de quando se começa a andar de skate, a mãe não deixa porque as pessoas da rua ficam sempre falando mal. Também, há preconceito quando se é menina, e a maioria dos skatistas é menino. E “aí as meninas deixam de andar; somente umas permanecem e fica chato, a mãe acaba por proibir a andar de skate”.

Frente a este obstáculo, o que pode o corpo do TED? O corpo do TED resiste a este poder e o faz criar o **aprender pulando obstáculo-rio**, que é o aprender a não dar ouvido ao preconceito, às outras pessoas. Esta é resistência! **Como criar modos de existências capazes de fazê-los conviver com a adversidade?** TED pensou ainda em outras questões: **Como superar a questão da participação das meninas no skate?**

Pensando sobre esses conceitos e questões, TED, o avatar esportista, como mecanismo de resistência começou a desejar que o **skateboard** passasse a ser conhecido especialmente por aqueles que não lhe dão importância. A escola foi a escolhida para conhecer seus modos de aprender! Por isso, TED decidiu organizar com outros skatistas um manifesto estudantil no dia do estudante! Queriam que o **skateboard** invadisse os muros da escola! Pois não poderia mais a escola, lugar onde todos esperavam que eles aprendessem muita coisa, ficar de fora do skate, uma prática radical que lhes ensinava tanta coisa de um jeito divertido!

Assim, TED e seus amigos passaram a se comunicar com mais e mais skatistas e amigos da escola que juntos se organizaram e combinaram de ir para frente da escola com seus skates e microfones falar para os professores sobre como aprender pode ser divertido se você tem um skate e um corpo para se movimentar.

5 Continuando a contra-análise: Leitura do texto transversal – Manifesto de Jovens do Skateboard: O que a escola precisa aprender na relação com o movimento (PARTE I)

Logo que o grupo terminou a contra-análise do poema “Tipos de caminho do aprender”, demos continuidade a este momento seguindo para a leitura coletiva do texto literário “Manifesto dos jovens do *skateboard*: o que a escola precisa aprender na relação com o movimento (Parte I), que seguiu com o mesmo procedimento de leitura do poema, ou seja, enquanto eu lia vagarosamente o texto, o grupo novamente seguia parando nos trechos em que havia argumentos ou provocações. Nesse caso, a primeira parada do grupo foi no trecho a seguir:

Foi assim, em meio ao acaso, que TED teve sua primeira experiência com o esporte radical. Tinha muito a aprender com o skate, o que o levou para vários lugares. Nem todos os locais serviam ao skate, como foi o caso do Paraíso do aprender em movimento na espiritualidade. Neste lugar, que é o bem da vida, se aprende aqui e agora, e tem várias cores para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. É o caminho do aprender com a natureza, com os seres humanos e a paz, não é numa pista de skate. Aprender com a natureza é uma coisa simples. É aprender num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, que não tem a ver com o skate. TED, já apaixonado pelo *skateboard*, se perguntou: Como pode o skatista juntar dois amores diferentes: skate e natureza?

Diante deste trecho os jovens responderam:

Quando você está em contato com a natureza você cria uma *vibe* diferente, uma sensação diferente que para você andar de skate isso é muito legal! Porque o *Skate* tem muito da questão do psicológico, porque

se você estiver perturbado você não vai conseguir fazer nada! A natureza ligada ao skate vai ajudar a trazer a tranquilidade para te ajudar a melhorar o “rolê”; é tanto que existem muitas pistas em florestas, em meio de matas.

Continuei a fazer a fazer a leitura do texto, pausadamente, e o grupo parou no trecho a seguir:

Vejo que não há limite nesse aprender, sempre posso ir além. Interessante que na pedagogia do skate com o movimento há que se entender: como o movimento e a queda, que não são sinônimos da imperfeição, podem fazer parte do currículo do aprender?

Diante deste questionamento, o grupo-pesquisador acrescentou:

Quando a gente cai, não só no skate, mas também na vida, a gente aprende é com os erros. Então errar, cair, não é só sinônimo de imperfeição, mas de aprendizado, pois quando a gente erra, na próxima vez em que for fazer, já vai saber como fazer da maneira certa.

É como na manobra: se você levar uma queda é porque fez algo errado, mas da próxima vez em que for tentar, já vai saber como fazer diferente para dar certo. Os movimentos dos pés, mostram o que é certo ou errado, qualquer mínimo detalhe você já pode errar uma manobra. Com os erros, aprendemos movimentos novos, “bases” novas (que é como a gente chama o jeito de colocar os pés) para fazer o movimento certo. Vai aprender o que é certo ou errado, pela prática mesmo, errando a manobra.

Prosseguindo a leitura, o grupo fez uma nova pausa para pensar sobre o seguinte parágrafo:

Frente a este obstáculo, o que pode o corpo do TED? O corpo do TED resiste a este poder e o faz criar o

aprender pulando obstáculo-rio que é o aprender a não dar ouvido ao preconceito, às outras pessoas. Esta é a resistência! Como criar modos de existências capazes de fazê-los conviver com a adversidade? TED pensou ainda em outras questões: como superar a questão da participação das meninas no skate?

O grupo-pesquisador problematizou bastante sobre esta questão, discutindo amplamente a temática do preconceito contra as meninas praticantes de skatee contra o jovem skatistaem geral, que segue a seguir:

No meu caso, eu consegui superar porque realmente eu gosto de andar de skate, e então eu não ligo para o que as outras pessoas falam, até porque não vem só da rua, mas às vezes vem de dentro de casa, no caso, da mãe, do pai e até dos irmãos. Os meus pais ficam falando que o skate é negócio para vagabundo, que vamos virar marginal, que é esporte de homem e que a gente não deve continuar, mas a gente continua porque a gente gosta muito. Hoje em dia eu já me acostumei e nem ligo mais.

Acho que esse preconceito sempre vai existir, até porque o preconceito contra as mulheres existe até hoje, por exemplo, quando a mulher ganha mais do que o homem, ela sempre é vista de uma forma diferente. Esse preconceito com as meninas é muito ruim. Minha mãe, ela não me proíbe tanto assim, mas eu vejo que mesmo ela não ligando para o que os outros falam, mesmo assim eu vejo que isso a machuca porque as pessoas ficam falando que eu uso droga ou alguma coisa assim, e ela não quer que as pessoas fiquem falando isso de mim, por isso às vezes ela me proíbe, mas eu entendo que isso que ela faz é só proteção. Há casos de mães que pensam mesmo que skate é coisa só de marginal, mas esse não é o caso da minha mãe, por isso para mim fica

mais fácil, porque na minha casa não há preconceito, esse preconceito ele vem mais é das pessoas da rua.

No início nossos pais deixavam a gente andar mais do que hoje, eles eram mais liberais, a gente andava das seis às dez da noite, podia ir para as praças para andar com os meninos e tudo, mas de um tempo para cá, isso mudou muito, porque ao invés de eles terem se acostumado com a ideia, eles começaram a brigar, por conta das pessoas que ficam falando coisas ruins e influenciando eles, a partir daí eles começaram a proibir a gente de andar.

Quando eu comecei a praticar realmente o preconceito era muito grande, porque eu não trabalhava, e aí levava meu skate pro colégio e pegava suspensão porque no recreio ou alguma coisa do tipo eu ia andar e dava problema porque o pessoal falava do barulho que incomodava. Mas eu fui me acostumando, comecei a ganhar dinheiro com o skate, inclusive eu tenho uma página no Facebook onde eu tenho muitos seguidores, tenho um canal no Youtube, hoje em dia eu ganho minha vida através do skate, e isso é muito gratificante para mim porque eu ganho dinheiro fazendo uma coisa que realmente eu gosto muito de fazer. Eu sempre pensei que se fosse crescer na vida, queria crescer fazendo alguma coisa que eu goste, e eu consegui por meio desse esporte.

Minha família sempre foi preconceituosa, principalmente no começo. Hoje em dia isso diminuiu, mas ainda assim existe na minha casa. No começo, antes de eu montar o meu primeiro skate, porque eu ia acumulando as peças para que quando tivesse todas pudesse montar, eu tinha de mentir dizendo que as peças não eram minhas, porque se eu falasse que eram, meu pai quebrava, jogava tudo fora. Ele quebrava as peças, tomava os skates que eu pegava emprestado e me proibia de sair de casa para andar. Era

um caos na minha casa, só que ele viu que eu persisti tanto, que não iria ter jeito; aos poucos foi me permitindo sair um dia para andar de skate, depois dois e assim foi indo. O preconceito dele diminuiu, mas eu sei que ainda existe, até porque a minha avó fica falando para ele que eu uso droga só porque eu ando de skate, sendo que o skatenão tem nada a ver com droga. Um exemplo disso é que eu poderia nem andar de skate, mas mesmo assim poderia ter um “cara” bem ali na esquina que iria me oferecer droga. Sendo que o skate já me livra de muita coisa pesada, porque eu sei como é um drogado na rua. Tem gente que nem sai na rua para não ver uma pessoa dessas, mas a gente que é skatista se desafia a sair na rua e ver esta realidade. Para continuar andando, eu tive de superar esse preconceito do meu pai, pegava um skate e outro emprestado. Quando eu comecei a ganhar o primeiro campeonato ele viu que eu já estava gostando mesmo, estava indo atrás, e começou a abrir mão da minha liberdade para eu poder ir para rua andar.

Quando eu ainda estava na escola eu sempre levava o meu skate, mas chegou um momento em que eu não poderia levar mais porque então eu iria acabar sendo suspenso do colégio. Foi a partir daí que eu desisti de levar meu skate para lá. Mas eu nunca desisti de andar, sempre que saía do colégio já ia direto andar de skate ou, às vezes, faltava às aulas para andar de skate. Eu me arrependo até hoje de fazer isso, mas era uma coisa que eu não conseguia evitar, eu queria andar de skate a qualquer custo. Agora em relação às drogas e o skate, o pessoal tem essa visão porque o skate ele tem muito contato com a rua. Às vezes quando tem um local proibido, a gente vai lá e acha interessante, acha aquele lugar muito “doido” para andar, e a gente vai lá para mandar manobra e sempre aparece essa de polícia e aí é complicado.

Interessada nessa temática do preconceito contra o jovem skatista devido à grande discussão que o grupo-pesquisador desenvolveu, indaguei-os sobre como lidar com esse preconceito na escola. Ao que me responderam:

Na escola tem muito preconceito com o skate. Eu estudei no IFPI e lá eu acho que eu fui um dos primeiros skatistas que começou a levar o skate para lá, eu e o Kamalyon e o Eduardo Sobral. Quando a gente começou a levar, ainda podia levar o skate para lá porque eles ainda não conheciam a realidade do skate, mas depois começamos a andar de skate lá e então começou o preconceito. Hoje em dia não pode mais nem entrar com o skate dentro da escola, tem que deixar ele na guarita com o segurança; estão comparando o skate como uma arma, uma faca, ou coisa perigosa assim, e isso não tem nada a ver, cara.

Uma vez quando eu inventei de levar o skate pro IFPI mandaram eu esperar o diretor para conversar para saber se eu poderia entrar na sala de aula com o skate, sendo que eu não ia nem andar, porque já sabia como é lá, eu ia apenas levar ele para escola para quando chegasse aqui em Luís Correia poder ir da parada de ônibus para casa “remando”. Depois desse dia, me proibiram de levar o skate para lá, mandaram eu deixar o skate na guarita e ir para a sala de aula sem ele.

Isso é interessante porque quando você cria uma intimidade com o skate, você fica muito envolvido com o esporte, e isso faz com que, por exemplo, se eu for numa padaria, ou numa farmácia, e tiver uma bicicleta, uma moto ou um skate, eu vou de skate! Porque eu me sinto bem andando de skate, você cria um elo com o skate muito forte. Não é só um esporte, você vai levar ele para a vida, toda a sua vida acaba se relacionando ao skate.

Em relação ao esporte radical sempre houve preconceito quanto às meninas praticarem, exatamente por esse esporte exigir outra postura das mulheres. Um exemplo aí é a Polly, ela anda de calça rasgada, toda alternativa, e as pessoas veem ela e já falam: “ah, essa menina é uma doida, ele anda por aí vestida desse jeito” e o pessoal já começa a julgar até pela roupa que ela usa. Porque a gente não vai andar todo arrumadinho, aliás, pode até ir, mas só fica assim pouco tempo, porque depois que começa a andar, você fica todo suado, você começa a cair no chão e se sujar, se embolar, rasgar a calça de tênis, isso é normal de qualquer esporte radical.

Ainda curiosa sobre essa relação skate x escola, decidi explorar o debate e indaguei aos jovens: vocês acham que o skate potencializa o aprender dentro da escola? Diante do questionamento, o grupo relatou:

Se o skate pudesse entrar na escola seria um sonho, acho que nós seríamos os melhores alunos, não faltaríamos um dia de aula. Eu iria com muito gosto assistir aula.

Hoje em dia já existem projetos que já associam o skate com a escola! Não o skate como uma matéria a mais, mas são aulas extras que incluem o skate no planejamento escolar, aulas sobre o esporte, a história do esporte, como eles surgiram, etc. Aqui é uma coisa meio difícil porque a gente até já levou um projeto, mas é difícil de ser aprovado porque aqui é uma cidade pequena, o pessoal tem uma mente pequena, querendo ou não essa é a nossa realidade, o preconceito ainda é muito grande aqui, mas o “negócio” é não desistir.

Quando você começa a andar de skate uma das coisas que você aprende é a não desistir fácil! Acho que na escola o skate iria ajudar os alunos a não desis-

tirem do que têm de aprender, de ter determinação para aprender as matérias que são mais difíceis.

Por exemplo, se houve um trabalho na minha escola, no qual que eu pudesse falar de algum esporte, e eu pudesse falar do skate, isso para mim seria gratificante, não só por valer ponto, como é na escola, mas por estar fazendo alguma coisa que eu gosto. É um grande estímulo, sem falar que você vai mostrando o esporte porque não é todo mundo que conhece, quem conhece é quem pratica. Muita gente vê o skate apenas como um brinquedo legal, fica se perguntando como a gente consegue ficar em pé em cima dele, sendo que pra nós é muito mais que isso: é um estilo de vida!

O preconceito só vai diminuir quando as pessoas começarem a conhecer o skate. É como lá em casa, que as coisas só começaram a melhorar quando eu mostrei que dava para eu viver do skate, porque a partir daí eles começaram a mudar a visão deles! Sem falar que eu mudei muito como pessoa depois que eu comecei a praticar o skate.

Após a conclusão desse debate, finalizamos a leitura do texto, sobre o qual os jovens não fizeram mais intervenções. Assim, concordamos em parar alguns minutos para realizarmos um breve intervalo de modo a fazermos uma confraternização e lanche coletivo, fechando o compromisso de continuarmos com a contra-análise dos estudos transversais posteriormente ao momento de descontração do grupo.



Figura 30 – Tarô do aprender.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

V MANOBRA

TARÔ DO APRENDER EM MOVIMENTO - JOGO DE CARTAS NA PESQUISA: PRODUÇÃO, ANÁLISE E CONTRA-ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Jamais interprete, experimente.

GILLES DELEUZE

A escolha de minha segunda técnica, o Tarô do tema-gerador, para a produção das cartas do tarô do aprender e dos relatos orais também se deu pela vivência da mesma me dando segurança na sua execução. Recordo-me que a vivenciei no curso de Sociopoética que o Observatório das Juventudes, cultura de paz e violências nas escolas - OBJUVE nos ofertou em janeiro de 2015. Foi de longe a técnica com a qual eu mais me identifiquei durante a formação, pois utilizava de matérias simples na invenção das cartas de um tarô, relacionando-as aos elementos da natureza: fogo, terra, água e ar conforme a escolha dos copesquisadores. No momento da escolha, pensei o quanto viver essa técnica foicheio de misticismo e de criação para mim e ficava a imaginar o quanto seria estranho para os jovens a produção de um tarô do aprender. Permeada por esses pensamentos, decidi que esta seria a técnica adequada para ser posta em prática com os jovens skatistas e estava ansiosa por aquele momento que teria como cenário a praia de Atalaia de Luís Correia.

No dia marcado, junto a Daniel, Lucivando e Tranquilo, segui para Luís Correia. Os outros jovens nos esperavam no shopping de lá, pois havíamos combinado nas redes sociais que Daniel nos deixaria na barraca onde ocorreria a oficina, e logo depois voltaria para o shopping a fim de pegar o restante do grupo e transportar para o local certo, que se situava um pouco longe do centro de Luís Correia, onde a maioria dos jovens morava.

Deste modo, quando Daniel nos deixou na barraca da praia de Atalaia, eu e Lucivando passamos a arrumar os materiais da oficina e também o lanche a ser servido aos jovens, enquanto pedimos que Tranquilo se afastasse um pouco, de modo a não ver os materiais que seriam utilizados durante a técnica, mantendo minimamente o sigilo sobre a técnica.

Não demorou muito Daniel voltou trazendo Dito, Hiamashyta e Polly. Kamalyon e Gessy os seguiam de moto. Servi o lanche ao grupo, enquanto interagia com eles; por sua vez, Lucivando tirava fotos daquela tarde inesquecível, onde o sol manchava todo o céu de laranja e vermelho, e o vento do mar nos cercava por todos os lados com sua força e fragrância de areia.

Em meio àquele espetáculo da natureza, pedi que os jovens se aproximassem do centro da barraca e fizessem um círculo. Perguntei pela falta de uma copesquisadora, Vaiola, que não se fazia presente, e o grupo afirmou que ela tinha um ensaio de uma apresentação na escola e não poderia se ausentar. Perguntei aos jovens se estavam ansiosos para mais uma oficina e se haviam gostado da escolha do local, e obtive respostas positivas de todos. Assim, após alguns minutos de conversa, avisei ao grupo que naquela tarde iríamos iniciar nossa oficina com alongamentos do corpo, a fim de despertá-lo, de prepará-lo para mais uma tarde cheia de atividades sociopoéticas. Pedi a Daniel que colaborasse com o desenvolvimento deste momento, pois ele é fisioterapeuta e conhece inúmeros exercícios de alongamentos corporais.



Figura 31 – Momento de alongamento.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Após o alongamento, eu e Lucivando passamos a desenvolver algumas brincadeiras com os jovens. Na primeira, chamada de “fluxo do pensamento”, os participantes devem falar palavras que vêm espontaneamente em seus pensamentos, sem racionalizar, e logo depois, contar uma história com as palavras das quais se lembravam ter tido em voz alta, todos ao mesmo tempo, de modo que com tantas vozes juntas nenhum participante se entenda, percebendo assim, a importância de saber ouvir o outro.

Concluídos estes momentos de descontração do corpo, pedi que mais uma vez os jovens buscassem respirar e se acalmar, pois iríamos iniciar o relaxamento e a viagem daquela tarde. Dessa vez, deixei-os à vontade para que deitassem onde quisessem, de modo a se espalharem pela barraca. Quando comecei a ler, percebi que o grupo sorria bastante, não conseguindo conter o riso, sem concentração na leitura, então pedi que buscassem respirar profundamente tentando se acalmar, buscando esquecer as eventualidades ocorridas fora da oficina. Esperei alguns minutos enquanto os jovens se concentravam e dei continuidade ao seguinte texto:

Nesse momento vamos nos preparar para fazer uma viagem pelo nosso imaginário... sentados com as pernas um pouco afastadas, os braços estendidos na lateral do corpo vamos procurar fechar os olhos e respirar 3 vezes, profundamente.... Profundamente... profundamente... Sinta uma luz, vermelha como o fogo, envolvendo todo o seu corpo e penetrando em todos os seus órgãos. Essa luz se confundindo com o ar que você respira, tornando o seu corpo leve e forte ao mesmo tempo, cheio de força para fazer você entrar num jogo. Para sua surpresa, uma cigana apresenta o jogo a você! É um jogo de cartas. Um tarô. O tarô do aprender em movimento. Em meio a este encontro, você ouve uma fonte de água escorrendo pelo seu caminho. Sinta o som da água escorrendo. Caminhando pela terra, de pés descalços, você encontra um lugar para sentar. A cigana vai ler as cartas do tarô do aprender em movimento para você. Na primeira carta tirada, a cigana a imagem do aprender, qual é a imagem do aprender?

Que relação há entre a imagem do aprender e o movimento? Nesta carta há ainda o símbolo do aprender. Como é o símbolo do Aprender? Que relação este símbolo tem com o movimento? Para sua surpresa, na carta do tarô aparece a palavra do aprender. Que palavra é esta? E para completar a carta, o número do aprender aparece com muita nitidez para dizer da relação deste aprender com o movimento. Qual é o número deste aprender? Agora você começa a volta da viagem com a proposta de registrar sua experiência. Mexa seus pés ... suas pernas...suas mãos... braços... abraçando as pernas ... movimento o corpo de um lado para o outro... respirando profundamente... abra os olhos! Pegue o material plástico e expresse sua viagem em uma imagem, um símbolo, uma palavra e um número do aprender na relação com o movimento.

(Roteiro adaptado do acervo da minha orientadora).

Após o relaxamento, mostrei os materiais a serem utilizados pelo grupo durante a produção plástica, expliquei que os materiais estavam separados de acordo com os quatro elementos da natureza: terra, fogo, água e ar, e que eles deveriam escolher o elemento que mais se identificavam para fazer sua produção a partir dos materiais contidos nele. A seguir, fotos do momento do relaxamento e da produção plástica dos jovens durante essa segunda oficina de Sociopoética.



Figura 32 – Momento de relaxamento.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 33 – Jovens em produção plástica do Tarô do Aprender.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Concluídas as cartas, pedi que todos sentassem em círculo. Colocamos as criações no centro e começamos uma Roda de Conversa, momento em que cada copesquisador falou a respeito da carta que criou, da sua relação com o aprender em movimento e do que sentiram em vivenciar a viagem. Naquela oportunidade, coloquei as seguintes questões para os copesquisadores: qual o nome, o número, a palavra e o símbolo da sua carta do aprender? Que relação esta carta tem com o movimento? A seguir, apresento a imagem das cartas, o copesquisador e seu relato oral logo a seguir.

POLLY

“CARTA DO APRENDER ACONTECE”

Eu fiquei com o fogo. Por que na hora de escolher o fogo foi a primeira coisa que me veio na cabeça. E aí eu fiz, tipo assim, rabiscos, que são isto aqui tudo pegando fogo... isso que significam chamas de fogo. Aí quando você me mandou pensar em um número, o primeiro número que me veio à cabeça foi 86, que se virar de cabeça para baixo vira 98. Ou vice e versa. Então tem dois sentidos... e o fogo, segundo a viagem, é o que envolve a gente e que faz a gente ficar mais forte, por isso eu botei o nome desse fogo e da minha carta, a palavra “acontece”, por querer falar que tudo que pode acontecer com a gente, pode ser bom ou ruim, de certa forma ele

vai envolver a gente, e pode me deixar mais forte ou mais fraco. [...] o aprender do fogo é por isso, porque ele pode nos deixar mais fortes a cada dia com tudo o que acontece. [...] esse aprender pode nos levar para frente, e nos fazer diferente de outra coisa que a gente era antes, pois é um aprender que significa aprender, ficar mais forte e seguir em frente. Sobre a viagem, gostaria que tivesse um pouco mais de natureza, mas foi bom. Eu imaginei umas coisas muito loucas. Eu imaginei que estava numa estrada assim, e a cigana chegava e me abordava, e eu estava em contato com a natureza. E ela então me mostrava várias cartas, então essa carta que eu fiz, foi exatamente ela que eu tirei, e que ela significa que um dia você pode estar bem e outro dia você pode estar mal [...] é um aprender que você sabe que você vai cair, que você sabe que um dia você vai estar bem, outro dia você vai estar mal, um dia você vai estar feliz e um outro dia você vai tá triste, é isso. É um aprender com as quedas e os levantamentos, é um aprender que não tem plano para ele, ele vem e acontece.



Figura 34 – Carta do Aprender Acontece.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

DITO

“CARTA DO APRENDER FOGO QUE DEFORMA”

Quando ela nos pediu um número aqui a primeira coisa que veio a minha cabeça foi o número 17, todo deformado pelo fogo o número 17; até tentei deformar ele aqui mas não deu certo por causa do vento o fogo não pegou. [...] o aprender com esse fogo requer cuidado, porque você precisa dele para se aquecer, mas a gente sabe que se chega perto demais do fogo a gente começa a se queimar, se deformar. Então não pode ficar muito perto desse fogo também, tem que encontrar o equilíbrio. [...] Na viagem imaginei uma praça, e a praça estava pegando fogo, e no meio do fogo a cigana tirou as cartas para mim, tirou umas cartas estranhas lá... e não me lembro mais de nada não. [...] a relação desse fogo que deforma com o aprendizado é o cuidado. O cuidado que você tem que ter com você, com a sua vida para não se queimar. No skate é assim temos que nos arriscar, mas também temos que ter cuidado com o corpo, então nesse aprender é preciso também ter cuidado com o que se faz, cuidado com a gente né.



Figura 35 - Carta do Aprender Fogo que Deforma.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

TRANQUILO

“CARTA DO APRENDER COM A PACIÊNCIA”

Bem, eu tentei demonstrar aqui a carta que a cigana me mostrou na viagem. E o símbolo que eu escolhi foi o símbolo do infinito, porque para mim o aprender nunca tem limites, sempre vai se poder aprender mais e mais até superar seu limite. A palavra que eu escolhi também foi “paciência” porque para aprender também você tem que ter muita paciência, você não vai aprender de uma hora para outra. E o número que eu escolhi foi o número 3, porque desde criança o pessoal sabe que o número 3 foi o que eu sempre gostei, só por isso mesmo. E no desenho da imagem que a Krícia falou era para a gente imaginar uma luz vermelha e meio alaranjada assim, se misturando com todo o ar (risos)... este desenho não tem muita lógica, mas eu procurei fazer um sentido para ele. Aqui é a luz misturada com todo o ar, e a relação que eu tenho disto com a água, que é o elemento que eu escolhi, é que você nem sempre vai precisar somente de uma coisa, porque na água talvez você vá aprender que também precisa de outro elemento que é o ar, porque você nunca vai conseguir ficar respirando sempre dentro da água, você vai precisar de um outro elemento, tipo, a ideia é de que você não precisa somente de uma coisa, sempre vai precisar ir mais e mais além. É isso. [...] o aprender com a paciência é que você sempre vai querer aprender o mais rápido possível, isso é o que todo mundo quer. Mas a paciência mostra que se você não tiver calma e paciência para aprender aquilo, você não vai conseguir fazer direito. Tem que ter paciência para aprender direito. Aprender o certo. Eu posso comparar com o skate, tipo, eu ando de skate e já faz uns 3, 4 anos, e sempre que eu quero aprender uma manobra nova eu fico estressado, muito estressado mesmo, e não é todo mundo que vai até o final, até aprender. Passa horas e horas, cai, se machuca e tem que ter

bastante paciência para conseguir aprender o movimento novo que é a manobra. E acho que cada manobra é um movimento, e para aprender cada movimento novo tem que se movimentar e ter bastante paciência, foi essa a relação que eu tive.

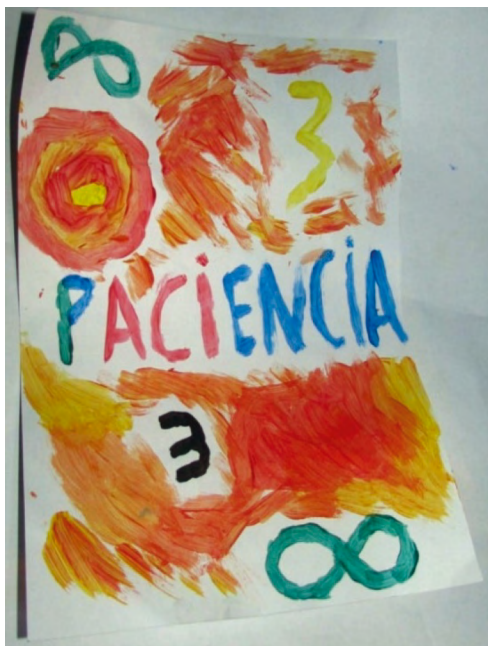


Figura 36 – Carta do Aprender com a Paciência.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

GESSY

“CARTA DESCOBRIR E REDESCOBRIR”

O símbolo que eu escolhi foi um ponto de interrogação porque sempre que você tá aprendendo você está descobrindo coisas novas, e nunca tem uma coisa certa né, daquilo que eu vou aprender. A imagem era para ser um pássaro voando por cima das nuvens, porque acredito que você tendo prazer para aprender, você gostando daquilo que você está aprendendo você está

acima do seu limite. O número que eu escolhi foi o 0,1 porque, assim como na matemática, o limite das funções elas sempre tendem a zero, mas elas nunca chegam exatamente ao zero. Por isso que eu escolhi o 0,1: porque você pode saber pouca coisa, mas nunca é zero, nunca é nada. E “descobrir e redescobrir” foi o nome do meu desenho. [...] Por mais que você pense que aquele é o seu limite, você ainda não chegou nele, é como uma função, você sempre tem algo a mais para estudar dentro dela, então por isso que eu também botei o 0,1. Você nunca vai chegar no seu ponto máximo... porque você se limita, né? Mas você nunca chega no seu ponto inferior máximo, você nunca chega ao nada. [...] Quando você descobre algo novo e você quer se movimentar para aprender, você redescobre os seus limites, as suas ideias, as suas vontades... o movimento e o aprender eu acredito que é isso: você descobre coisas novas, e redescobre coisas antigas, coisas passadas que as vezes não tinham sentido para você, mas a partir daquele momento têm. [...] Sobre o relaxamento foi bom, foi muito prazeroso, até mesmo pelo local né, você se sente mais à vontade. Na minha mente eu não tive exatamente uma cigana, mas o aprender na minha mente era como se fosse o mar, você sempre está indo e vindo, mas você não seca, não chega a zero, você nunca fica sem saber de nada.



Figura 37 – Carta do Aprender H.S.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

HIAMASHYTA**“CARTA DO APRENDER H.S”**

O nome desse aprender é humildade sempre. E eu fiz umas dunas, fiz uma praia, e eu imaginei o mar e fiz umas dunas e o pôr do sol, aliás, o nascer do sol. Essa imagem significa que quando o sol está surgindo significa apenas que se está começando a surgir um novo dia. Aqui eu botei só H.S porque senão iria demorar muito para eu fazer com a argila o nome completo. Esse aprender é porque se você for soberbo, querer ser melhor que os outros, você não vai chegar a lugar nenhum, por isso que tem que ter humildade sempre. [...] Sobre a viagem, eu consegui imaginar a cigana; foi esquisito. Ela estava numa mesa, e estava sentada nesse lugar que eu falei para você. Foi bem esquisito. Esse aprender na verdade, com tudo isso misturado, é bem estranho, eu nunca pensei que aprender pudesse ser assim.

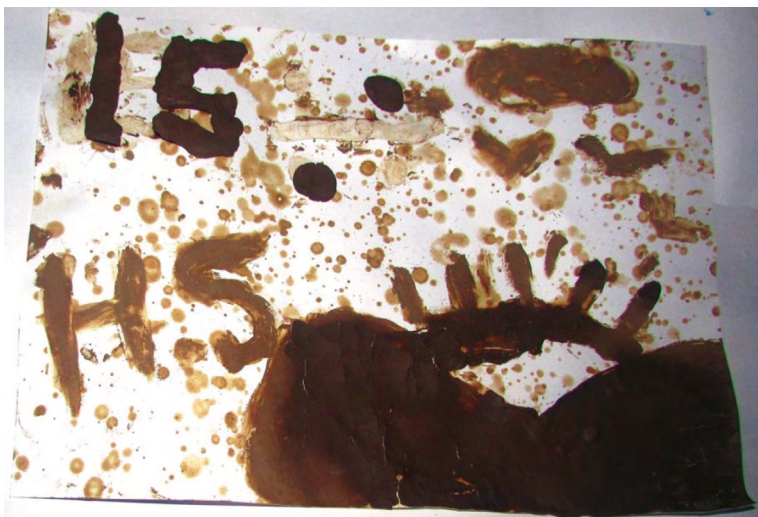


Figura 38 – Carta do Aprender Descobrir e Redescobrir.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

KAMALYON

“CARTA DO APRENDER COM O PRAZER”

Este é o meu desenho. É a minha carta. O número que eu pensei foi o 33, porque eu relaciono ele a muitas pessoas que eu admiro muito. Aí a palavra que eu escolhi foi prazer, porque para aprender a pessoa tem que ter prazer. Quando você não tem, você não aprende nada, é muito chato. Por isso aprender com o skate é tão bom, porque você sente muito prazer andando de skate. O prazer é muito importante, por isso a palavra prazer, aprender com o prazer, vai ser o nome da minha carta. O símbolo que eu escolhi foi o mais (+) porque você sempre pode aprender mais, quanto mais você aprende, mais você pode saber mais. E o meu desenho foi o espaço, eu me imaginei perdido no espaço, que é esta parte preta aqui. Na minha viagem eu imaginei não uma cigana, me vi perdido no espaço, nesse espaço aqui, mas quando ela falava a carta eu imaginava a carta. [...] E você tem que ver que é o prazer que vai te dar a vontade de se movimentar para aprender, e por isso eu escolhi o elemento da água, porque a água, assim como o ar, está sempre em movimento, e o aprender cada vez mais exige este movimento.



Figura 39 – Carta do Aprender com o Prazer.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Finalizado a exposição dos jovens de suas cartas individuais, lembrei a eles que a Sociopoética valoriza a voz do grupo no coletivo, e que eles já haviam composto o heterônimo que os representaria, que necessitava, portanto, ter uma produção coletiva também. Pedi que eles pegassem novamente os materiais plásticos, e juntando todas as cartas do tarô formassem apenas uma só, que seria exatamente a carta do TED.

Deste modo, esta carta deveria ser produzida por todos eles, possibilitando que todos pudessem falar algo sobre produção. Essa atividade, embora bastante divertida e lúdica, foi prejudicada pelo enorme barulho do vento na barraca onde estávamos. Aprópria roda de conversa com os jovens teve de ser desenvolvida com o grupo bem próximo, de modo que fosse possível ouvir suas vozes. Os sentidos afloraram naquele momento, pois tanto os copesquisadores lutavam contra a força do vento para produzir a carta do TED, como eu e Lucivando nos esforçávamos para escutá-los e nos manter atentos a atividade diante do vento e da escuridão da noite que se aproximava. Abaixo, foto da produção plástica da carta produzida e da descrição da carta pelo grupo.

CARTA DO TED

“A CARTA DO APRENDER CONHECIMENTO”

Para produzir a carta do TED cada um usou o seu conhecimento para expressar o valor da sua carta. E o conhecimento é a junção de todo aprendizado que se adquire com a vida. A relação dessa carta conhecimento com o aprender eu acho que é porque cada coisa que você vai aprender é um novo tipo de conhecimento... que vai acrescentando seu conhecimento. Acho que o conhecimento é o que se destacou né, nesse aprender. O conhecimento tem uma relação com o símbolo do infinito porque você é sem limite para aprender, e na verdade, na matemática ele é o único símbolo que não representa número, então ele não lhe dá um fi-

nal, se você colocar um “+ infinito” você não acabou de estudar o que você está precisando, então acho que o infinito com o aprender é isso: você nunca está, nunca tem um fim, você sempre tem algo a aprender ou a relacionar... O número do aprender é o zero porque ele é massa. É um aprender divertido e porque temos que aprender o conhecimento do zero. [...] O cenário do aprender vem da sua mente, ele é o que você pretende aprender, é uma mistura de conhecimentos. Nesse cenário um pouco do aprender de cada um se mistura e forma este conhecimento que a gente botou no papel. O cenário que a gente escolheu é uma mistura de cada palavra especial que a gente escolheu, é um conhecimento que deixa de ser individual, entendeu? Ele tem um pouco de paciência, prazer, descobrir e redescobrir, e tudo isso que cada um botou da sua forma no seu papel.



Figura 40 – Carta coletiva: Aprender Conhecimento.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Quando concluímos as atividades, nos despedimos com uma roda de embalo, onde abraçados, recordamos alguns momentos vivenciados durante aquela tarde e agradecemos a participação dos jovens na oficina. Após este momento, passamos alguns minutos arrumando juntos os materiais que foram utilizados nas produções e aproveitando também para tirar algumas fotos de todo o grupo.

1 Jovens skatistas dentro do emaranhado do aprender da Sociopoética: análise das narrativas pelos copesquisadores

Depois da última oficina de produção de narrativas fiquei bastante ansiosa pelo próximo encontro com os jovens skatistas, pois seria o dia da análise dos relatos orais que foram produzidos por eles, e eu estava entusiasmada para mostrar as transcrições das falas produzidas durante as rodas de conversa, e perceber qual a reação deles diante do conhecimento produzido pelo grupo.

Neste dia não havia local programado para a oficina. Kamalyon estava tentando arrumar novamente o Centro dos Idosos de Luís Correia para o nosso encontro, entretanto, não havia conseguido autorização da prefeitura dessa vez, o que estava me deixando muito nervosa. Por um certo tempo pensei que teria que levar os jovens novamente para a barraca da praia da Atalaia, porém estava receosa quanto a isso, pois diante da última oficina, tinha consciência que a força da natureza naquele local prejudicava o desempenho da oficina, já que mal se ouviam as vozes do grupo e os materiais plásticos voavam por todos os lados exigindo que os jovens ficassem a todo momento parando sua produção para buscá-los.

Entretanto, antes que eu tomasse a decisão de fazer a oficina na beira da praia outra vez, Kamalyon me ligou e disse que havia conseguido com sua mãe a chave de uma casa em Luís Correia para que fizéssemos nossa oficina lá. Ao encontrá-lo, ele me explicou que essa casa pertence a pessoas que residem na região sul do país

e que raramente vão a Luís Correia, sendo da responsabilidade da mãe de Kamalyon a manutenção de seu espaço.

Percebi ali, mais do em qualquer outro momento, o comprometimento dos jovens com nossa pesquisa, especialmente de Kamalyon, que se dedicava ao máximo a me ajudar a encontrar os locais adequados para socializarmos e vivenciarmos as oficinas sociopoéticas. Muito feliz com a notícia, passei a divulgá-la pelas redes sociais aos outros skatistas, avisando sobre o horário e enfatizando a todos que Kamalyon explicaria como chegar até lá, pois a casa ficava próximo ao centro de Luís Correia, e, portanto, perto de onde o grupo morava.

Tudo combinado, organizei o lanche daquela tarde, os materiais e esperei que Daniel viesse me pegar para buscarmos Tranquilo e seguirmos viagem para Luís Correia. Lucivando, dessa vez, não iria, pois meu amigo sociopoeta também tinha de desenvolver sua pesquisa e precisava de tempo e dedicação para planejar suas próprias oficinas.

Como estava sozinha para organizar toda a oficina, decidi ir para Luís Correia bem cedo, pois planejava arrumar o espaço da casa como uma teia de aranha, onde as produções dos jovens se achessem, e onde estivessem presentes fotos, vídeos e as transcrições de suas falas. Deste modo, quando cheguei a Luís Correia liguei para Kamalyon e pedi que ele nos encontrasse na entrada da cidade para nos guiar até a casa onde seria feita a análise dos copesquisadores. Lá chegando, pedi a Daniel que deixasse Kamalyon e Tranquilo no **Skate Park** a fim de não me verem organizando o espaço para a oficina, e comecei a construir o emaranhado da sociopoética.

Quando tudo estava pronto liguei para Daniel, que estava no **Skate Park** com os jovens skatistas, e pedi que avisasse a todos que já poderiam vir para o local combinado, pois o espaço já estava arrumado e a oficina poderia começar. Fui esperá-los no portão da casa, de modo que não permitisse que os copesquisadores vissem como estava (des)organizado o espaço onde ocorreria a análise dos dados.

Pouco a pouco os jovens foram chegando, sentavam-se na calçada da casa e me contavam que estavam ansiosos pelo lanche e pela oficina. Aproveitei esse momento para tirar fotos com o grupo e para socializar com eles. Porém, com poucos minutos, pedi que encerrássemos as conversas e as fotos e começássemos a nos concentrar na análise dos dados. Pedi que recordassem suas produções, as oficinas, as brincadeiras, de tudo que haviam vivido durante o percurso da pesquisa e avisei que iria lhes vendar os olhos e que eles deveriam confiar em mim para lhes guiar pelo espaço da casa.



Figura 41 – Jovens sendo vendados.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Depois que guiei e acomodei todos os jovens dentro do emaranhado do aprender, pedi que eles ficassem deitados e relaxassem o corpo, avisei que eles não iriam passar por uma viagem imaginária naquela oficina, mas que iriam lembrar, reviver os momentos que haviam experienciados em nossos encontros anteriores, a fim de analisar o que haviam dito sobre o aprender e perceber o que era esse aprender para eles, jovens skatistas.



Figura 42 – Jovens sendo guiados para dentro do emaranhado do aprender.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Assim, quando pedi que tirassem as vendas e abrissem os olhos, disse que circulassem pelo emaranhado do aprender que havia sido feito a partir das produções deles, das transcrições das falas e de fotos durante as oficinas de produção das narrativas. Pedi a eles que analisassem o material que eles haviam criado e, a partir disso, me entregassem uma produção poética sobre o que era aprender. Deixei-os livres para se organizarem em duplas e um trio, pois percebi que a todo o momento eles se consultavam diante do que viam nas imagens ou liam nas transcrições, e achei melhor que produzissem os poemas, rimas ou textos com a ajuda uns dos outros.



Figura 43 – Análises dos dados pelos copesquisadores.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 44 – Análises dos dados pelos copesquisadores.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Quando concluíram a análise, chamei-os para uma roda de conversa. Sentamos em círculo no chão e pedi que começassem a falar sobre o que haviam analisado a partir das suas produções e falas. Segue abaixo a transcrição das rimas e poemas que os jovens produziram para retratar sobre o que é aprender para este grupo de pesquisa.

POEMA DO APRENDER QUE SE MOVIMENTA COMO O VENTO

(Gessy e Kamalyon)

O aprender para este grupo se movimenta,
 Como pássaros que voam em nossas cabeças,
 Que fluem como pensamentos em nossas mentes,
 Que pode ser um número, um símbolo ou uma imagem,
 Ou o simples fato de interpretarmos cada um de um jeito só nosso.
 Eu aprendo,
 Você aprende,
 Todos aprenderão um dia na grande escola da vida.

A escola da vida nos põe em movimento,
 E com esse movimento a gente aprende a ser o que é..
 Com esse aprender da vida
 Vamos levando da vida um aprender sobrenatural
 Que vem do fogo, do ar, da água e da terra.
 Um aprender de movimento da vida e da Terra.
 Esse aprender é muito legal, pois ele é único e especial,
 É o aprender na estrada, na rua, com os amigos, é vital!

TEXTO SOBRE O APRENDER PRO SKATISTA

(Vaiola, Tranquilo e Dito)

A experiência de ter participado da oficina foi bem legal, aprendemos mais um sobre os outros; a gente já se conhecia, mas não tão profundamente. Não sabíamos o pensamento de cada um dos outros. A gente criou o Ted, que é um bicho de estimação que tem um pouco de cada um, ele é tranquilo e todo da paz. E o nosso lugar do aprendizado é um lugar tranquilo onde ninguém pode atrapalhar

ou dar opinião em algo da sua vida. O aprender para nós foi uma experiência muito boa, a gente aprendeu mais a refletir mais sobre as coisas, principalmente na natureza, que é um lugar bem relaxante, que acalma a gente e nos dá uma tranquilidade incalculável, uma paz interior muito surpreendente. A gente aprende de uma forma divertida, tranquila e sem cobrança. Pensar em aprender assim é muito bom. A gente poderia aprender sempre em contato com a natureza, ao ar livre, soltos pela cidade, aprendendo com as coisas que encontramos nessa vida. Como o aprender que aqui nós discutimos, pois nesse aprender com o movimento, tudo foi novidade, pois coisas que não sabíamos sobre o aprender surgiram, coisas que não sabíamos sobre o aprendizado da gente, que a gente nunca pensou, a gente viveu, e falou. E foi muito bom perceber que isto tudo foi a gente que disse, mesmo que até algumas vezes sem querer. Essa experiência foi ótima, esperamos que ela se repita mais vezes!

RIMA FINAL DO APRENDER

(Hiamashyta e Polly)

A Krícia chamou para o aprender,
 O aprender é tudo, é tudo de novo que podemos fazer.
 Esse aprender é diferente e nos deixa forte
 E nos leva bem à frente.
 Também vimos sobre o fogo que pode nos envolver,
 Também vimos a cartomante que nos mostrou a carta do aprender,
 Uma carta que tem muitos significados e só você vai saber o que o seu é, isso só depende de você.
 Aprender é vencer os obstáculos do seu caminho;
 É pular como uma Jane o rio,
 É conhecer o paraíso,
 É deslizar no seu caminho.
 Aprender para cada um é meio isso,
 Conhecer e viver cada um o seu caminho.
 Aprender para esse grupo é isso,
 É perceber que todo dia se aprende de um jeito,
 Pois se aprende com a vida, com os amigos, com o skate, do seu jeito.

À medida que eu ouvia a leitura de cada um dos poemas pelos copesquisadores, me sentia feliz e emocionada, pois percebia a delicadeza dos jovens com as palavras para descrever o que havíamos vivenciado durante as oficinas anteriores, e a amizade que construímos com o decorrer dos encontros antes e durante a pesquisa sociopoética.

Finalizado este momento, nos demos as mãos, agradei a dedicação e participação deles na pesquisa, enfatizando que ainda teríamos uma oficina de contra-análise dos dados produzidos por eles. Avisei, ainda, que estava servido o lanche para confraternizarmos e, por fim, de mãos dadas, pedi que eles dissessem uma só palavra que definisse todos nossos encontros juntos durante a pesquisa, e quase em consenso todos disseram: movimento. Assim, juntos levantamos nossas mãos e gritamos nosso grito de guerra: MOVIMENTO!

2 Cantar também é criar: análise plástica da facilitadora sobre o Tarô do Aprender

Na análise plástica da oficina do Tarô decidi fazer-me o desafio de pensá-la sozinha. Em meu corpo vibrava o desejo de conseguir transmitir por meio das palavras tudo o que as cartas do aprender mobilizavam em mim. Para isso, obviamente, eu deveria estar sozinha e extremamente concentrada. E deste modo, aproveitei uma tarde sozinha em minha casa, em Parnaíba, desliguei tudo que poderia fazer ruído ou tirar-me do foco, expus o tarô produzido pelos jovens em cima de uma mesa e passei a observar minuciosamente cada traço realizado nas produções. Depois de muito examinar as fotos, por fim, desenvolvi minha análise com base em uma paródia da música “Devolva-me” de Adriana Calcanhoto.

Abra as cartas para mim,
Do tarô do aprender,
Pois quero me envolver, cigana.

Este aprender tem paciência, prazer e descoberta,
Humildade, fogo e muita cor.

Essas cartas são tão místicas,
Confusas e divertidas
Basta olhar para perceber.

Os skatistas mostram que o aprender é mais diferente,
Do que se pode imaginar.

Deixe esse aprender tomar todo o corpo humano,
Deixe que queime e traga junto a redescoberta.

O fogo e a numerologia criam nova pedagogia
Que se propõe à mágica, a água, ao fogo, à terra e ao ar.

3 Dando um “rolê” na pista de skate da análise classificatória

Após concluir a análise plástica das fotografias, fiz a análise classificatória dos relatos, mesmo procedimento utilizado na oficina anterior. Busquei mais uma vez, a partir das falas, cartografar o pensamento do grupo de skatistas. Assim, novamente, à medida que lia os relatos, selecionava palavras e frases que tivessem relação com o tema-gerador, e ia colorindo e assinalando as ideias que se repetiam e que levavam as principais categorias relacionadas ao tema. No **Quadro 2**, segue exemplo de como os núcleos de sentidos foram identificados e codificados segundo numerações das categorias formuladas, quais foram:

1. O número do aprender
2. A palavra do aprender
3. Os elementos da natureza do Aprender
4. Símbolo do aprender
5. A imagem do aprender

QUADRO 2 – Categorização das Ideias da Oficina “Tarô do Aprender”

Bem, eu tentei demonstrar aqui a carta que a cigana me mostrou na viagem. E o símbolo que eu escolhi foi o **símbolo do infinito [do aprender]**, porque para mim **o aprender nunca tem limites, sempre vai se poder aprender mais e mais até superar seu limite (4)**. A palavra que eu escolhi também foi **“paciência”[do aprender é]** por **que para aprender também você tem que ter muita paciência, você não vai aprender de uma hora para outra (2)**. E o número que eu escolhi foi o **número 3, porque desde criança o pessoal sabe que o número 3 foi o que eu sempre gostei (1)**, só por isso mesmo. E no desenho da imagem [do aprender] que a Krícia falou era para a gente imaginar uma luz vermelha e meio alaranjada, assim, se misturando com todo o ar. Este desenho não tem muita lógica, mas eu procurei fazer um sentido para ele. Aqui é a **[A imagem do aprender] luz misturada com todo o are** a relação que eu tenho disto **com a água [do aprender]** que é o elemento que eu escolhi **é que você nem sempre vai precisar somente de uma coisa, porque na água talvez você vá aprender que também precisa de outro elemento que é o ar, porque você nunca vai conseguir ficar respirando sempre dentro da água, você vai precisar de outro elemento, tipo, a ideia é de que você não precisa somente de uma coisa, sempre vai precisar ir mais e mais além (5)**. O aprender com a paciência é que **você sempre vai querer aprender o mais rápido possível, isso é o que todo mundo quer. Mas a paciência mostra que se você não tiver calma e paciência para aprender aquilo você não vai conseguir fazer direito. Tem que ter paciência para aprender direito. Aprender o certo. Eu posso comparar com o skate, tipo, eu ando de skate e já faz uns 3, 4 anos, e sempre que eu quero aprender uma manobra nova eu fico estressado, muito estressado mesmo, e não é todo mundo que vai até o final, até aprender, passa horas e horas, cai, se machuca e tem que ter bastante paciência para conseguir aprender o movimento novo que é a manobra. E acho que cada manobra é um movimento, e para aprender cada movimento novo tem que se movimentar e ter bastante paciência, foi essa a relação que eu tive (2)**.

Fonte: dados da pesquisa

Cartografar o pensamento do grupo-pesquisador na análise classificatória possibilitou-me dar suporte ao cruzamento entre as ideias e cartografar os confetos, que foram delineados a partir do agrupamento das relações de convergências, divergências, opções e de paradoxos/ambiguidades que possam existir entre as narrativas do grupo-pesquisador. Como já foi dito anteriormente, as ideias complementares são convergentes, e na maior parte das vezes, ampliam as primeiras ideias aos serem misturadas umas

com as outras; as divergentes são ideias que falam do mesmo tema, contudo tem sentidos diferentes; as opostas são ideias binárias; e as ambíguas são pensamentos paradoxais que ocorrem no meio de um mesmo enunciado, como é possível perceber no quadro a seguir:

1. O NÚMERO DO APRENDER
<p>1. 86do aprender é o número que se virar de cabeça para baixo vira 98. Ou vice e versa. Então o aprender tem dois sentidos (1).</p> <p>2. 17 do aprender todo deformado pelo fogo não deu certo por causa do vento, o fogo não pegou (1).</p> <p>3. 3do aprender é o número que desde criança a gente gosta (1).</p> <p>4. 0,1 do aprender é o número que relaciono a muitas pessoas que admiro (1).</p> <p>5. 0,1 do aprender é o limite das funções do aprender que sempre tendem a zero, mas nunca chegam exatamente ao zero porque você pode saber pouco sobre as coisas, mas nunca é zero, nunca é nada (1).</p> <p>6. 0,1 do aprender porque você nunca vai chegar no seu ponto máximo, por causa que você se limita. Mas você também nunca chega ao seu ponto inferior mínimo, você nunca chega a não saber nada (1).</p> <p>7. Zerodo aprender é por que o zero é massa. É um aprender divertido e por que temos que aprender o conhecimento do zero (1)</p>
CRUZAMENTO DAS IDEIAS
<p>IDEIAS COMPLEMENTARES</p> <p>Ideias 5 e 6 são complementares:</p> <p>0,1 do aprender é o limite das funções do aprender que sempre tendem a zero, mas nunca chegam exatamente ao zero porque você pode saber pouco sobre as coisas, mas nunca é zero, nunca é nada porque você nunca vai chegar no seu ponto máximo, por causa que você se limita. Mas você também nunca chega ao seu ponto inferior mínimo, você nunca chega a não saber nada</p>
<p>IDEIAS OPOSTAS</p> <p>Ideias 5 e 6 são opostas a ideia 7: Porque nas ideias 5 e 6 a pessoa nunca zera o seu saber, nunca deixa de saber alguma coisa, mesmo que seu saber seja mínimo. Já na ideia 7 o conhecimento deve ser aprendido a partir de uma etapa onde não se sabe nada, onde o conhecimento deve ser apreendido do zero.</p>
<p>IDEIAS AMBÍGUAS</p> <p>Ideia 1 é ambígua já que afirma que o número do aprender mostra que o aprender tem dois sentidos ao mesmo tempo: um aprender de cabeça para baixo e outro de cabeça para cima.</p> <p>Ideia 2 é ambígua pois diz que o número 17 do aprender foi deformado pelo fogo, ao mesmo tempo que diz que ele não foi deformado pelo fogo por que o vento não deixou que o fogo deformasse o aprender.</p>

4 Manifesto de jovens do *Skateboard*, parte II: dando continuidade aos estudos transversais

Finalizadas essas duas etapas, produzi o texto para a contra-análise com os jovens skatistas, resultado de um estudo transversal que foi realizado em forma de um texto literário, dando continuidade à história do “Manifesto dos Jovens do *Skateboard*: o que a escola precisa aprender na relação com o movimento?” (Parte II), que segue abaixo:

Manifesto de Jovens do Skateboard:

O que a escola precisa aprender na relação com o movimento?

(PARTE II)

No dia combinado para a manifestação TED e seus amigos do *Skateboard* foram os primeiros a chegar. Contudo, pouco a pouco foram chegando muito mais pessoas! Skatistas, alunos da escola, colegas e pessoas da cidade que queriam ouvir o que os jovens queriam dizer. O corpo docente também se fez presente em peso, pois com a ajuda de seus amigos, o grupo conseguiu entrar em contato com todos os seus professores, de modo que estivessem em total informação sobre o acontecimento do movimento estudantil da turma do *skateboard*. Tinha tanta gente lá, misturada com o calor daquela cidade linda, paradisíaca e quente, que rapidinho vários vendedores com suas barraquinhas de comidas e bebidas chegaram ao local para vender suas delícias para aquela verdadeira multidão ali presente. As fofoqueiras da cidade também seguiram para lá, queriam saber do babado para espalhar, os bêbados também queriam ver o que aconteceria naquele evento, pois se fosse algo bom, já seria motivo para beber mais uma cervejinha e comemorar! Crianças animadas, velhinhas, pessoas de todas as idades abarrotaram a rua da escola com suas cores, cheiros, texturas, barulhos e tudo o mais.

TED começou a tocar algumas músicas e a falar frases de protesto e junto a seus amigos skatistas, que se alinharam em formato de um semicírculo, passando o microfone uns para os outros de

modo a explicar brevemente o motivo daquela manifestação:

– Pessoal, nós organizamos esse manifesto porque estamos muito chateados pela desvalorização do skate na nossa escola. A gente anda de skate o tempo todo quando não está na escola, mas quando chegamos aqui, temos de deixar nossos **shapes** aqui fora, porque a escola não permite que o skate entre com a gente! Eu e os meus amigos gostaríamos de dizer para vocês que junto desse esporte e de uma cigana misteriosa que nos inspirou, nós criamos modos muito interessantes de aprender. Eles surgiram desde o dia em que andando de skate pela nossa cidade, encontramos com esta cigana, que nos mostrou um tarô do aprender em movimento! Vocês não podem acreditar em quanta coisa legal saiu dessas cartas! Descobrimos números e elementos do aprender! Por exemplo, o número **86do aprender** é o número que se virar de cabeça para baixo vira 98. Ou vice e versa. Então o aprender tem dois sentidos. **Como é um aprender que tem dois sentidos na relação com o movimento?** Nesses modos de aprender existem limites das funções do aprender, como é o caso do **0,1 do aprender** que é o limite das funções do aprender que sempre tendem a zero, mas nunca chegam exatamente ao zero porque você pode saber pouco sobre as coisas, mas nunca é zero, nunca é nada porque você nunca vai chegar no seu ponto máximo, por que você se limita. Mas você também nunca chega ao seu ponto inferior mínimo, você nunca chega a não saber nada. Entretanto, existe um aprender oposto a ele, o **zero do aprender** que diz que o zero é um número massa, um aprender divertido onde o conhecimento deve ser aprendido a partir de uma etapa onde não se sabe nada, onde o conhecimento deve ser aprendido do zero. TED perguntou: **Nunca se chega a não saber nada ou o conhecimento deve ser apreendido do zero? Eis a questão!**

A cigana mostrou ainda que nas cartas da sorte do tarô há palavras do aprender. Uma delas é o **aprender paciência** que é um tipo de aprender que tem que ter paciência, pois você não vai aprender de uma hora para outra. O aprender paciência é o aprender onde você sempre vai querer aprender o mais rápido o possível, isso é o que todo mundo quer. Mas, a paciência mostra que se você não tiver calma e paciência para aprender, você não vai conseguir fazer nada direito. Tem que ter paciência para aprender direito. Aprender o certo. Eu posso relacionar com o skate, pois eu ando de skate já faz uns 3, 4 anos, e sempre que eu quero aprender uma

manobra nova eu fico estressado, muito estressado, porque não é todo mundo que vai até o final, até aprender, passa horas e horas, cai, se machuca e tem que ter bastante paciência para conseguir aprender o movimento novo que é a manobra. E acho que cada manobra é um movimento, e para aprender cada movimento novo tem que se movimentar e ter bastante paciência.

TED se surpreende novamente, porque não há consenso entre as palavras do aprender; e as cartas revelam toda a problemática dos limites do aprender em movimento. A primeira revelação vem com a palavra do **Aprender “Descobrir e redescobrir” conhecimento**, que é aquele aprender em que se pensa que se chegou ao limite, porém ainda não chegou. É como uma função na qual sempre tem algo a mais para estudar dentro dela. Aprender “Descobrir e redescobrir” é o aprender que descobre algo novo e quer se movimentar para aprender; redescobre os limites, as ideias, as vontades. O movimento relacionado ao aprender é isso: descobrir coisas novas, e redescobrir coisas antigas, coisas passadas que não tinham sentido e a partir daquele momento têm. Por isso, este aprender diz que cada coisa que você vai aprender é um novo tipo de conhecimento que vai acrescentando o que você já sabe. O conhecimento é o que se destaca nesse aprender.

TED não cabia em si de estranhamento, pois a cigana misteriosamente tirou o símbolo **Infinito do aprender**, que diz que o aprender nunca tem limites, sempre vai se poder aprender mais, até superar seu limite. Como no **Símbolo (+)do aprender** que é o aprender que se pode aprender mais, quanto mais se aprende, mais se pode saber mais. Assim o conhecimento tem uma relação com o **infinito do aprender** porque você não tem limite para aprender, e na matemática ele é o único símbolo que não representa número, então ele não lhe dá um final, se você colocar um “+ infinito” você não acabou de estudar o que você está precisando, então acho que o infinito em relação com o aprender é nunca ter um fim, você sempre tem algo a aprender ou a relacionar.

Diante desse Infinito do aprender, a cigana nos mostrou uma **imagem de um pássaro voando por cima das nuvens do aprender** que diz que tendo prazer para aprender, gostando daquilo que se está aprendendo, se está acima do limite. Por isso a palavra da vez é **aprender-prazer**, que diz que para se aprender em movimento a principal qualidade é o prazer, a pessoa tem que ter prazer. Quan-

do não tem, não aprende nada, é muito chato. O prazer é muito importante para aprender. Assim como o elemento Água-ar do aprender, que diz que é o prazer é que te dá a vontade de se movimentar para aprender, porque a água, assim como o ar, está sempre em movimento.

Mas no aprender há também outro elemento, o **Fogo do aprender**, que pode nos deixar mais fortes a cada dia com tudo o que acontece. Esse aprender pode nos levar para frente, e nos fazer diferente de outra coisa que a gente era antes, pois é um aprender que significa aprender, ficar mais forte e seguir em frente.

Contudo, há casos em que o **Fogo do aprender que deforma** requer cuidado, porque você precisa dele para se aquecer, mas sabe que se chega perto demais do fogo começa a se queimar, se deformar. Então, não pode ficar muito perto desse fogo, tem que encontrar o equilíbrio. A relação do fogo do aprender que deforma com o aprendizado é o cuidado. O cuidado que você tem que ter com você, com a sua vida para não se queimar ou se destruir.

Com elemento fogo do aprender, existe ainda o **17 do aprender todo deformado pelo fogo** que não deu certo. Por causa do vento, o fogo não pegou, relevando uma ambiguidade no aprender que faz indagar: **em que situações o corpo que aprende se deforma e não se deforma?**

Um outro tipo de aprender que a cigana revelou em suas cartas para o TED foi o **aprender “acontece”** que fala de um aprender onde tudo pode acontecer com a gente, e o aprender pode ser bom ou ruim. De certa forma, o aprender que acontece vai envolver a gente e pode nos deixar mais forte ou mais fraco. **Aprender acontece** significa que um dia você pode estar bem e outro dia você pode estar mal, é um aprender que você sabe que você vai cair, que um dia vai estar bem, outro dia vai estar mal, um dia vai estar feliz e um outro dia vai estar triste.

Feliz com os tipos de aprender em movimento, TED comentou por fim: - Viram professores, como são interessantes, inovadores e criativos nossos modos de aprender? São muito diferentes do aprender que nós fazemos aqui na escola, e sei que para alguns pode ser um grande susto pensar que aprender pode ser feito de tantas maneiras divertidas e inusitadas! Mas por que esses conceitos de aprender não podem estar na nossa sala de aula, se eles são o modo de aprender com a vida?

Naquele momento, muitos dos professores pediram a palavra, ficaram curiosos e entusiasmados. Pediam ideias aos jovens skatistas de como incluir esses modos inusitados de aprender na escola. E decidiram que juntos iriam propor uma formação: os jovens ensinariam o corpo docente a experienciar essa pedagogia do skate, a fim de que depois disso, eles começassem a planejar aulas e a proposta pedagógica de toda a escola a partir dessa experiência. Assim, os docentes e funcionários da escola seriam agora alunos dos skatistas que iriam levar a todos para andar de skate pela escola da cidade e da vida naquela cidade tão linda e cheia de natureza.

TED, depois de todo aquele debate, pegou seu skate e deu um grito de vitória por aquele dia tão feliz que causou um furo entre o muro que separa a rua e escola! Assim, deslizando em cima do **shape** entrou na escola andando de skate e o resto dessa história ninguém sabe. Porém, correm boatos por aí de que na escola da turma do **skateboard** aprender agora é viver de puros despropósitos, de incertezas e de imanências.

5 “Você aprende a vencer seus erros através da queda”: finalizando a contra-análise

Para finalizar a oficina de contra-análise, realizamos a última leitura coletiva planejada para este momento, o texto literário “Manifesto dos jovens do **skateboard**: o que a escola precisa aprender na relação com o movimento?” (Parte II). O procedimento para essa leitura foi o mesmo das anteriores, dispostos nos subitens 4.2 e 4.5 do capítulo anterior. Desse modo, inicialmente, o grupo-pesquisador parou no seguinte trecho:

Nós organizamos esse manifesto porque estamos muito chateados pela desvalorização do skatena nossa escola. A gente anda de skateo tempo todo quando não está na escola, mas quando chegamos aqui, temos de deixar nossos **shapes** aqui fora, porque a escola não permite que o skate entre com a gente! Eu e os meus amigos gostaríamos de dizer para vocês que junto desse esporte e de uma cigana misteriosa que nos inspirou, nós criamos modos muito interessan-

tes de aprender. Eles surgiram desde o dia em que andando de skate pela nossa cidade, encontramos esta cigana, que nos mostrou um tarô do aprender em movimento! Vocês não podem acreditar em quanta coisa legal saiu dessas cartas! Descobrimos números e elementos do aprender! Por exemplo, o número 86 do aprender é o número que se virar de cabeça para baixo vira 98. Ou vice e versa. Então, o aprender tem dois sentidos. Como é um aprender que tem dois sentidos na relação com o movimento?

Sobre isso o grupo ponderou:

Acho que é um aprender que tem que levantar e cair de novo até não cair mais. É um aprender a não desistir.

Dois sentidos do aprender é porque no skate você não só aprende a fazer manobras, que aí seria um sentido; outro sentido seria porque você aprende muito mais do que fazer manobra, aprende para a vida também, por isso que o skate termina se tornando um estilo de vida.

Acho que esse 89,98 na verdade ele não tem apenas duas formas, acho que ele mostra vários sentidos pro aprender e não apenas dois. Ele mostra que na verdade você pode aprender de muitas formas, pode aprender com as mudanças, com tudo o que te acontece.

Na continuação da leitura, os skatistas se debruçaram, ainda, sobre o fragmento do texto abaixo:

Nesses modos de aprender existem limites das funções do aprender, como é o caso do 0,1 do aprender que é o limite das funções do aprender que sempre tendem a zero, mas nunca chegam exatamente ao zero porque você pode saber pouco sobre as coisas, mas nunca é zero, nunca é nada porque você nunca vai chegar no seu ponto máximo, por que você se limita. Mas você também nunca chega ao seu ponto inferior mínimo, você nunca chega a não saber nada. Entretanto, existe um aprender oposto a ele, o zero do aprender, que diz que o zero é um número massa, um aprender divertido onde o conhecimento deve ser apreendido a partir de uma etapa onde não se sabe nada, onde o conhecimento deve ser apreendido do zero. TED perguntou: Nunca se chega a não saber nada ou o conhecimento deve ser apreendido do zero? Eis a questão!

Sobre essa indagação, responderam:

Acho que no final das contas começa do zero, porque se for comparar com o skate você não começa sabendo de algo, você começa do zero, mas você nunca vai chegar para alguém e dizer que ele não tem jeito para andar, porque isso não existe, todo mundo pode andar de skate, então vai pelo seu esforço! Eu comecei a andar de skate do zero. Primeiramente não sabia nem qual o pé colocar em cima! Mas o skate é igual para todos, não tem idade, cor, raça ou sexo, é tudo psicológico, se você colocar na cabeça que você vai aprender então você vai conseguir fazer a manobra.

Prosseguindo a leitura, houve novos comentários do grupo quando li o seguinte trecho:

Com elemento fogo do aprender, existe ainda o 17 do aprender todo deformado pelo fogo que não deu certo, por causa do vento o fogo não pegou; relevando uma ambiguidade no aprender, que faz indagar: E=em que situações o corpo que aprende se deforma e não se deforma?

Ao que disseram:

Acho que é porque no skate tu pode se ralar, se quebrar, então você tá se deformando, mas ao mesmo tempo, não está se deformando porque o seu corpo está se adaptando, na próxima queda já vai se machucar bem menos ou vai acertar a manobra.

A maioria das canelas, dos joelhos de todos que estão aqui devem ter algum arranhão, algum corte, algum machucado, mas isso significa que a gente arriscou e aprendeu, se deformou e não deformou.

A marca no corpo faz parte de todo esporte radical, mas isso a gente vê de maneira mais intensa no skate, todo dia que eu ando eu caio bastante, faz parte, você se acostuma.

Esse foi o último trecho sobre o qual o grupo-pesquisador se debruçou. Por fim, fiz algumas perguntas ao grupo filósofo com intenção avaliativa sobre as ideias apresentadas a eles: Querem

acrescentar algo que ainda não discutimos? Viram algo diferente do que foi dito nas oficinas anteriores e que gostariam de modificar? Houve alguma preocupação específica sobre o texto, pelo modo como está construído? Assim, me responderam:

Não, nada a acrescentar, só dizer que eu admiro muito pessoas como a Krícia, que querem chegar e tentar entender o que é o skate e levar isso para outras pessoas. Isso é muito bom, “cara”. Realmente eu gostei muito e acho que todos que estão aqui gostaram muito também.

É muito bom essa divulgação do skate porque quem não pratica, quem não faz, olha com outros olhos, pensa que a gente é vagabundo ou marginal ou então que estamos só brincando com um pedaço de madeira, e vocês não, vocês já aprenderam um pouco mais com a gente sobre o que é o skatede verdade.

Mas, agora eu acho que todos aqui gostariam de saber de você, pesquisadora-skatista, o que foi que você aprendeu com a gente?

Respondi a pergunta do grupo-pesquisador naquele momento, mas também trago esta resposta aos leitores, exposta no próximo capítulo, em que consta o momento filosófico da pesquisa e nas considerações finais deste trabalho.



VI MANOBRA O “ÁPICE” DAS MANOBRAS FILOSÓFICAS: TRANSVERSALIZANDO CONFETOS ENTRE JOVENS SKATISTAS E PENSADORES CONTEMPORÂNEOS

O mundo nômade é um mundo de diferenças, é um mundo de devires, é um mundo de intensidades. [...] criar é, portanto, uma atividade nômade. [...] o próprio ato do conhecimento é, para um nômade, um ato de criação. [...] trata-se de fazer o pensamento funcionar sob novas bases, trata-se de introduzir o afeto e a paixão em seu cerne, trata-se de conectá-lo com o exterior.

SCHOPKE

O s nômades são verdadeiros habitantes das estepes, pessoas cambiantes, que transitam em um espaço “liso”. Pensadores da imanência que fazem do seu pensamento uma aventura de grande risco (DELEUZE, 1992; SCHOPKE, 2004). Isto me fez pensar que posso chamar de nômades os jovens skatistas, pois é no fluxo da cidade, no caminhar pelas ruas e guetos, que esses jovens realizam um movimento incessante, incerto, cheio de potencialidade e vida, que multiplica suas possibilidades de aprendizado, já que permite ao pensamento percorrer pelo espaço liso no mundo nômade, caracterizado pela sua falta de demarcações, intensamente decodificado (SCHOPKE, 2004).

Nesse capítulo, chamado na Sociopoética de momento filosófico e que considero o ápice deste grupo-filósofo, exponho os confetos produzidos por estes jovens nômades em diálogo com os teóricos cujas obras são referências desta pesquisa. Assim, é o pensamento deste grupo deslizante que norteia esse capítulo. As técnicas Lugares do Aprender e Tarô do Aprender favoreceram a criação de experiências que deram consistência aos confetos, criando situações-problema que forçaram o pensamento a trabalhar, tomando algo que brota do real para fazê-lo compreensível. Em outras palavras, “trata-se de fazer o pensamento funcionar sob novas bases, trata-se de introduzir o afeto e a paixão em seu cerne, trata-se de conectá-lo com o exterior” (SCHOPKE, 2004, p. 177).

Assim, os jovens skatistas, ao criarem confetos a partir das experiências coletivas vivenciadas nas oficinas, romperam com pensamentos que estavam cristalizados, fazendo surgir novas variações, desconstruções de conceitos sobre o aprender na relação com o movimento, mostrando que esse nomadismo em que vivem revela um mundo marcado pela diferença, pelos devires e intensi-

dades. Deste modo, transversalizando as ideias e os confetos produzidos pelos copesquisadores, cheguei à formulação das linhas do pensamento do grupo-pesquisador que, combinadas com a teoria, traçam a dimensão da filosofia desses jovens, que será mapeada e costurada por intermédio de duas linhas do pensamento dos jovens skatistas: **Lugares do aprender em movimento** e **Tipos de aprender em movimento: dificuldades e superações**.

1 Lugares do aprender em movimento

Nos estudos desta linha, retorno ao início de minhas reflexões quando, ao pensar sobre o aprender em movimento, recordo-me que a escola tem aparecido como o lugar prioritário para que as crianças e jovens aprendam. É lá que se encontram a maioria dos livros didáticos, onde estão inseridos os “conhecimentos” dados como essenciais para a formação dos alunos e onde estão presentes os professores – “magnatas” das práticas de ensino e dos saberes normalmente tidos como “nobres”, estabelecidos e pré-fixados pelo âmbito macro do ensino.

Nesse sentido, essa é a visão do ensino-aprendizagem do século XX, que pressupõe que o aluno só aprende quando alguma pessoa o ensina, ou que o professor só ensina quando algum aluno aprende. Ou ainda, que um aluno só aprende algo quando isto lhe é ensinado ou da forma certa que lhe foi ensinado. Entretanto, a partir de estudos sobre a filosofia deleuziana, Gallo afirma que “sempre há alguém que ensina, mas o que alguém aprende é algo absolutamente impossível de ser controlado, metodologizado, etc” (2008, p.30).

Essa afirmação vai ao encontro da filosofia dos jovens skatistas dessa pesquisa, pois para eles não há como se medir o conhecimento de uma pessoa, o modo como alguém aprende, ou mesmo o local onde esta pessoa constrói seus conhecimentos. Pelo contrário, o aprendizado deste coletivo está ligado a uma multiplicidade de modos de aprender, de como se aprende e dos espaços onde isso

acontece, revelando um caráter nômade no processo de aprendizagem, que a priori parece impossível de se pensar.

Entretanto, o confeto anuncia que o lugar **Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender** é onde o aprender em movimento acontece na pista de skate, e não somente nela, mas na rua e em toda a cidade. Na verdade, uma das modalidades do aprender skate é o **street**. Então, o sinônimo de aprender para os copesquisadores é andar na rua, pois nela se aprende muito mais tendo em vista que na rua se pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas; com cada tipo de pessoa você vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista. Por isso, **Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender** é um lugar enorme que tem diversidade, leveza, diferença, muito aconchego e várias pessoas diferentes que podem se relacionar e o nome disso tudo junto é paraíso.

A invenção do confeto **Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender** permite-me compreender que para os jovens skatistas a cidade é uma “arena cultural” termo que Carrano (2003) utiliza para reconhecer que a produção da comunicação urbana é resultado de um diálogo multicultural entre sujeitos sociais diferentes. Segundo o autor:

A complexidade da vida social nas cidades necessita ser compreendida em sua dimensão comunicacional dialógica. A ideia de que o indivíduo produz sua própria consciência isoladamente, independente das relações sociais concretas, é muito mais fruto da mistificação liberal do que resultante de uma realidade social (CARRANO, 2003, p. 26).

Neste caso, com o confeto **Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender**, o desejo dos copesquisadores é de conviver com múltiplos sujeitos que também ocupam as ruas e participam de sua formação cultural e social. Esta sociabilidade rizomática resulta no emaranhado de saberes e experiências que os jovens fazem circu-

lar, produzindo o diferencial ou a singularidade de cada grupo de skatista, pois

Os seres humanos não apenas vivem, eles convivem, e isso faz com que não existam vidas isoladas. Não há existência, mas coexistência. A vida social é, assim, um dado ontológico. A própria ideia de indivíduo, não é construída individualmente, uma vez que sempre está associada a categorias coletivas, tais como espécie, sociedade e grupo (CARRANO, 2003, p. 30).

Portanto, neste confeto, o aprender se realiza com o convívio diário dos skatistas com as outras pessoas, a sociabilidade urbana e o povoar no coletivo as ruas, esquinas e guetos da cidade.

Mas o grupo não pensa uniformemente, ele produz outro confeto oposto ao anterior, pois neste caso o aprender não é na pista de skate e, também, não é a escola o local de aprendizagem. Trata-se do **Paraíso do Aprender na Espiritualidade**, que é o lugar do bem da vida, onde se aprende aqui e agora, tem várias cores para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. É o caminho do aprender com a natureza, não é numa pista de skate, é com os seres humanos e a paz. Aprender com a natureza é uma coisa simples. É aprender num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, que não tem a ver com o skate. Neste lugar os skatistas afirmam que se aprende a dar valor às coisas simples da vida porque para eles não é qualquer local que é considerado paraíso. O paraíso muitas vezes não é um local simples, é uma mansão, uma casa, um carro, riqueza etc. Mas nesse **Paraíso do Aprender na Espiritualidade** se aprende que a humildade também é essencial na vida da pessoa.

Sobre essa espiritualidade, a Sociopoética ensina que envolve a relação do ser humano consigo mesmo, com as outras pessoas e com a natureza à sua volta (GAUTHIER, 2012). Percebo, então, a partir da filosofia do grupo-pesquisador, que esta espiritualidade não está ligada a um Deus ou a uma religião específica a que estes

jovens façam parte. Esta espiritualidade remete-se ao equilíbrio de forças que os seres humanos devem ter com a natureza e o mundo que os cerca, respeitando e valorizando as forças que não são voltadas para a racionalidade, mas sim para o âmbito do sensível, do inesperado ou até imperceptível. Desse modo,

O homem não pode impor sua forma à natureza com a suposição de que essa forma racional é sinônima de verdade indiscutível. Mas ele pode aprender da natureza, porque a natureza contém um saber que não é racional, mas que é mais propício para a vida que a organização que os homens se deram em nome da razão (BAREMBLIT, 2003, p. 21).

No momento da contra-análise o grupo amplia a questão do aprender na espiritualidade, mostrando que compreende a natureza como importante para o seu processo de aprendizagem, possibilitando ao jovem estar em sintonia com seu corpo e podendo, deste modo, se movimentar com maior habilidade, como é possível perceber na fala a seguir:

Quando você está em contato com a natureza você cria uma “vibe” diferente, uma sensação diferente que para você andar de skate isso é muito legal! Porque o skatetem muito da questão do psicológico, porque se você estiver perturbado você não vai conseguir fazer nada! A natureza ligada ao skate vai ajudar a trazer a tranquilidade para te ajudar a melhorar o “rolê”, é tanto que existem muitas pistas em florestas, em meio de matas.

Esse pensamento do grupo-filósofo tem relação com a Teoria da Ecosofia de Guattari que propõe um saber acerca da sociedade, da natureza e da mente. Pelas palavras do autor, “é uma espécie de democracia nosológica onde tudo tem o mesmo nível de valor, tudo é forma de vida, tudo é produtivo e tudo pode ser encaminhado no sentido de uma harmonia crescente” (BAREMBLIT, 2003, p.22).

Assim sendo, o confeto **Paraíso do Aprender na Espiritualidade** se mostra como uma forte singularidade desses jovens que

quebram com ideias preconcebidas de que jovens que fazem uso de práticas radicais de comportamento não tem ligação com a espiritualidade. Isto me leva a questionar a lacuna sobre o estímulo dos professores e da escola quanto à questão da espiritualidade dos alunos. Ao pesquisar com/entre estes jovens skatistas, um dos saberes que aprendi enquanto pedagoga foi valorizar e respeitar o âmbito espiritual nesse processo de aprendizagem juvenil e a percebê-lo enquanto potencializador de aprendizagens ao permitir que o aluno não se limite apenas ao campo da racionalidade, mas se permita estar em sintonia com as forças do mundo à sua volta, percebendo que a formação do conhecimento humano é muito mais complexa do que se pode “pré-estabelecer” na grade curricular.

Entretanto, existe outro lugar do aprender para os jovens co-pesquisadores, o **Lugar-Caminho do Aprender “dia de skate”**. Isso se mostra de maneira interessante, pois o lugar do aprender é um caminho! E nesse caminho se aprende com muita movimentação e se aprende muita coisa com o skate - principal veículo para se aprender com o movimento. É se movimentando que se aprende a cair e a queda faz seu corpo se adaptar. Onde o corpo não se movimenta, não é skatista, não anda de skate de verdade. No **Lugar-Caminho do Aprender “dia de skate”**, aprender é o mesmo que se movimentar bastante, a cada movimento novo se está sujeito a cair e aprender mais com as quedas. É andando de skate que se aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas sim que cair é necessário para o aprendizado.

Relaciono o confeto **Lugar-Caminho do Aprender “dia de skate”**, marcado por tombos e quedas, com o Currículo Vitalista dotado de vida e luz própria, de uma produtividade híbrida, rizomática, que dá pulos, faz desembocaduras, caminhadas e desvios, pensado pela filósofa da Educação, Sandra Corazza (2013). Este Currículo Vitalista costuma ser sobrecodificado pelo pensamento curricular padrão, regresso e triste, que o tenta capturar, controlar e disciplinar; de modo a comandar suas fugas, subordinar suas diferenças,

impor padrões às suas inumeráveis conexões. Entretanto, esses jovens aos se permitirem viver os espaços da cidade, constroem outro caminho para aprender, currículo errante que “escapa” ao controle institucionalizante da escola, pois:

Ao movimentar em outro espaço-tempo, esse currículo-errante é inconstante, versátil, anda de terra em terra, corre mundo; de modo que os seus pontos se alternam, subordinados aos seus trajetos que eles mesmos vão traçando; enquanto os seus traços apagam-se à medida que os trajetos vão sendo feitos. Em movimento perpétuo, com vagos trejeitos de um currículo ambulante, distribui-se, em espaços abertos, sem partilha, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada, crescendo no meio do campo curricular como grama (CORAZZA, 2013, p. 28).

Com este confeto **Lugar-Caminho do Aprender “dia de skate”**, os jovens problematizam o aprender ao pensá-lo como caminho e acontecimento “dia de skate”, que tem a ver com o aprender sujeito às quedas, aos erros e aos imprevistos. Isto não é problema ou dificuldade para o aprendiz, pelo contrário, os deslizos são valorizados no processo para se aprender, constituindo-se mesmo como parte dele; pensamento quase oposto ao da maioria das escolas, onde o erro é visto de forma negativa, sinalizando algo ruim ou que foi mal compreendido pelos alunos. Ao discutir na contra-análise com o grupo-pesquisador sobre esse **Lugar-Caminho do Aprender “dia de skate”**, os jovens pontuam que:

Quando a gente cai, não só no skate, mas também na vida, a gente aprende é com os erros. Então errar, cair, não é só sinônimo de imperfeição, mas de aprendizado, pois quando a gente erra, na próxima vez em que for fazer, já vai saber como fazer da maneira certa.

Diante de tais convicções, compreendo que os skatistas mostram não ter controle sobre esse aprender. “Deslizam” por ele, ariscando-se a viver as experiências que esse caminho do aprender propõe, mesmo que isso exija muitas quedas, desvios e saltos para

se chegar a tal aprendizado. São os tipos diferentes de aprender na relação com o movimento, suas dificuldades e superações outra linha do pensamento do grupo-pesquisador.

2 Tipos de aprender em movimento: dificuldades e superações

Início esta linha mapeando os aprenderes que acontecem no **Lugar-Caminho do Aprender “dia de skate”** onde aprender na relação com o movimento produz modos singulares de aprendizado a exemplo dos confetos complementares **Aprender-manobrae Aprender com o movimento**. O primeiro confeto diz que aprender é acertar a manobra, é aprender a cair e não se machucar com as quedas. É aprender a valorizar a queda, pois cair é sinônimo de aprendizado. O outro realça que a queda é um grande movimento, é um esforço que você faz para superar o medo; você aprende a vencer os medos através da queda. No skate se aprende quando se está caindo, pois se tenta de novo. E esse aprender se pode usar na vida: onde um dia se pode estar mal, mas se pode levantar no outro dia. Aprender com o skate é aprender com a vida a cair e aprender a se levantar, assim como aprender a usar isso no dia a dia.

Esses aprenderes têm a ver com o movimento que leva o estudante a recomeçar sempre, tendo suas quedas como base para seu crescimento pessoal e intelectual. Define-se por suas ações livres, inventa superações, questiona direções constantes e se transforma em uma arma contra os modelos de educação pautados em bases sólidas (CORAZZA, 2013).

Os confetos **Aprender-manobra e Aprender com o movimento** são complementares e se relacionam ao confeto **Fogo-aprender que deforma**, que é o aprender que requer cuidado, pois ao tempo que precisa do fogo para se aquecer, sabe que se chegar perto demais começa a se queimar, a se deformar. Então não pode ficar muito perto, tem que encontrar o equilíbrio. A relação do fogo do

aprender que deforma com o aprendizado é o cuidado que se deve ter consigo e com a vida para não se queimar ou se destruir.

Fogo-aprender que deforma é um modo de aprender que coloca os jovens no entre do cuidado e do perigo, possibilitando a eles um aprender que não propõe fórmulas prontas, mas sim projetos abertos, bifurcações, com muitos caminhos possíveis, sendo o risco dispositivo que potencializa o aprender. É a invenção do rizoma do aprender entre os aprendizes; entre os aprendizes e seus professores; entre os professores e a cidade; entre a cidade e a vida de todos. Sintonia que se entrelaça, formando esse novo complexo que é o aprender na relação com o movimento nômade (SANTOS, 2014).

Em meio às experiências sociopoéticas, o grupo-pesquisador inventou o confeto **aprender “acontece”** que é o aprender onde tudo pode acontecer. É envolvente, pode ser bom ou ruim, e de certa forma nos deixa mais fortes ou mais fracos. **Aprender acontece** significa que um dia se pode estar bem e outro dia se pode estar mal. É um aprender que se sabe que vai cair, um dia vai estar feliz e outro dia vai estar triste. Este aprender consiste no convívio das juventudes com a incerteza, sem ter o controle da situação, deixando as coisas acontecerem, sem ansiedade, dando valor à paciência e à espiritualidade nesse processo.

Não é à toa que o **aprender “acontece”** se entrelaça ao **aprender-paciência**, virtude necessária ao aprender, pois não se aprende de uma hora para outra. **Aprender-paciência** é o aprender onde se quer aprender o mais rápido possível, mas a paciência mostra que se não tiver calma para aprender, não vai conseguir fazer nada direito. Tem que ter paciência para aprender direito. Na relação com o movimento, vejo que os jovens copesquisadores mostram neste confeto que, para se aprender uma manobra nova, ficam muito estressados, passam horas e horas, caem e se machucam e têm que ter bastante paciência para conseguir aprender o movimento novo que é a manobra. Cada manobra é um movimento, e para aprender cada movimento novo tem que se movimentar com bastante paciência.

Aprender-paciência no processo da aprendizagem estimula a determinação e a persistência, valores que são intensificados por meio da prática do skate, quando os jovens afirmam na contra-análise que:

Quando você começa a andar de skate uma das coisas que você aprende é não desistir fácil! Acho que na escola o skate iria ajudar os alunos a não desistirem do que têm de aprender, de ter determinação para aprender as matérias que são mais difíceis.

Entretanto, a determinação precisa de motivação que para os copesquisadores skatistas tem a ver com o confeto **Aprender-prazer**, que diz que para se aprender em movimento a principal qualidade é o prazer. A pessoa tem que ter prazer. Quando não tem, não aprende nada, é muito chato. O prazer é muito importante inclusive na **Água-ardo aprender** que dá leveza ao corpo, dando vontade de se movimentar para aprender, porque a água, assim como o ar, está sempre em movimento.

Os confetos **Aprender-prazere Água-ardo aprender**, conectados, possibilitaram que eu pensasse sobre o meu lugar de pedagoga e sobre o que é e como se aprende na escola. Hoje, mais do que nunca, percebo que os jovens falam. Mas quem os escuta? Realço o quanto ouvir os jovens faz sentido para mim, a exemplo dos seus desejos apontados na contra-análise:

Se houvesse um trabalho na minha escola que eu pudesse falar de algum esporte, que eu pudesse falar do skate, para mim seria gratificante, não só por valer ponto, como é na escola, mas por estar fazendo alguma coisa que eu gosto. Seria um grande estímulo, sem falar que você vai mostrando o esporte porque não é todo mundo que conhece, quem conhece é quem pratica. Muita gente vê o skate apenas como um brinquedo legal, fica se perguntando como a gente consegue ficar em pé em cima dele, sendo que pra nós é muito mais que isso, é um estilo de vida! Hoje em dia já existem projetos que já associam o skate com a escola! Não o skate como uma matéria a mais, mas são aulas extras que incluem o skate no planejamento escolar, aulas sobre o esporte, a história do esporte, como eles sur-

giram, etc. Se o skate pudesse entrar na escola seria um sonho, acho que nós seríamos os melhores alunos, não faltaríamos um dia de aula. Eu iria com muito gosto assistir aula.

Diante deste manifesto, problematizo: por que barrar a entrada do skate na escola? Sobre a relação do skatex escola, grosso modo é:

[...] como se a cultura estivesse contida em uma mochila que devesse ser deixada na porta da escola e, ao ultrapassar os seus muros e portões, o aluno tivesse de abandonar sua bagagem de conhecimentos e estivesse apto a receber outros novos que nem sempre lhe dizem respeito ou despertam seu interesse. Nesse ponto, a cultura urbana não tem espaço como expressão ou elaboração das identidades infante-juvenis. Há um enorme potencial trazido pelos alunos que é silenciado por conta da necessidade, ou até mesmo da obrigatoriedade que a maioria dos professores tem em cumprir com as exigências institucionais relacionadas aos conteúdos voltados para a série seguinte e para as disciplinas específicas. [...] se a cultura urbana é impedida de entrar pela porta da frente da escola, ela, muitas vezes, tem de pular o muro para poder transformar-se em elemento de identificação e organização de crianças e jovens em torno dos gostos e práticas comuns e que constituem diversos grupos estudantis (MARTINS, 2005, p. 57-58).

Tais palavras revelam desejos desses jovens que falam e fazem falar os obstáculos que passam com o skate no seu aprender em movimento. Para dar consistência a isto, os copesquisadores criaram o confeto **Preconceito-Abutre do aprender** que surgiu no momento da contra-análise e se refere ao preconceito da escola e da sociedade:

Na escola tem muito preconceito com o skate. Eu estudo no IFPI e lá eu acho que eu fui um dos primeiros skatistas que começou a

levar o skate para lá; eu e o Kamalyon e o Eduardo Sobral. Quando a gente começou a levar, ainda podia levar o skate para lá porque eles ainda não conheciam a realidade do skate, mas depois começamos a andar de skate lá e então começou o preconceito. Hoje em dia não pode mais nem entrar com o skatedentro da escola, tem que deixar ele na guarita com o segurança; estão comparando o skate como uma arma, uma faca, ou coisa perigosa assim, e isso não tem nada a ver, “cara”.

Uma vez quando eu inventei de levar o skatepro IFPI mandaram eu esperar o diretor para conversar para saber se eu poderia entrar na sala de aula com o skate, sendo que eu não ia nem andar, porque já sabia como é lá, eu ia apenas levar ele para escola para quando chegasse aqui em Luís Correia poder ir da parada de ônibus para casa “remando”. Depois desse dia, me proibiram de levar o skatepara lá, me mandaram eu deixar o skatenas guarita e ir para a sala de aula sem ele.

A partir desses depoimentos, percebo que a escola acaba por afastar o interesse dos jovens de muitas das aulas que eles têm “obrigação” de assistir, resultando numa formação sem vida, com conhecimentos que têm data de validade, dias demarcados por provas e exames, que logo após as boas notas são rapidamente esquecidos. Em meio a isto, recusam-se a serem bons alunos, mostrando constante desinteresse no âmbito escolar ou faltando aulas para realizarem suas práticas culturais. Sobre isto o grupo pondera:

Quando eu ainda estava na escola eu sempre levava o meu skate, mas chegou um momento em que eu não poderia levar mais porque então eu iria acabar sendo suspenso do colégio. Foi a partir daí que eu desisti de levar meu skatepara lá. Mas eu nunca desisti de andar, sempre que saía do colégio já ia direto andar de skate ou às vezes faltava muito às aulas para andar de skate Eu me arrependo até hoje de fazer isso, mas era uma coisa que eu não conseguia evitar, eu queria andar de skatea qualquer custo.

Deste modo, há produção de sentidos negativos sobre parte dos skatistas, que comumente são vistos na escola como aqueles que não querem estudar, fortificando estereótipos marginalizados

que se estendem para além da escola, se expandindo para o meio social em que os jovens convivem. Esse coletivo acaba sendo visto como ameaçador da ordem vigente, preconceitos que o grupo-pesquisador enfatiza:

Um exemplo dessas pessoas que têm preconceito, são os guardas da Praça da Graça em Parnaíba. Lá tem uns bancos de mármore ótimos para andar de skate, a gente vai andar lá, mas na mesma hora chegam os guardas, chamam a polícia, como se a gente fosse vândalo ou bandido, sendo que o policial tinha que estar prendendo era bandido mesmo, que está roubando, matando, traficando, ao invés de se importar com quem está praticando um esporte, sendo que o skatesalva vidas, salva muita gente do crime, de drogas, de tudo, skatesalva em todos os sentidos!

Preconceito-Abutre do aprender denuncia as inúmeras situações de desentendimentos com diferentes instituições, incluindo confrontos com a polícia. Neste caso, os jovens ampliam a consistência deste problema criando confeto complementar, o **obstáculo-muro do aprender**. Este confeto diz respeito à crítica que se faz aos skatistas. É a barreira pela qual os skatistas passam ou já passaram, é o preconceito que sofrem ao serem chamados de vândalo, vagabundo, marginal, “mala”. Dizem: “o pessoal acha que a gente não quer nada com a vida, e na verdade não é nada disso!”

As barreiras que compõem o **obstáculo-muro do aprender** foram chamadas pelos jovens de **obstáculo-rio**, que são pessoas que fazem a crítica e compõem o obstáculo-muro. O grupo-pesquisador exemplificou criando o confeto **mãe-obstáculo-rio**, que é o obstáculo de quando se começa a andar de skate, a mãe não deixa porque as pessoas da rua ficam sempre falando mal. Também há preconceito quando se é menina, e a maioria dos skatistas é menino. Assim, as meninas deixam de andar, somente algumas permanecem e fica chato, a mãe acaba por proibir a andar de skate.

Em meio aos obstáculos, os jovens resistem e criam estratégias para continuar com seu aprendizado deslizante, e afirmam

que **Aprender-pulando-rio** é o aprenderque não dá ouvido aos preconceitos, às outras pessoas, e por isso continuam a andar de skate, resistindo às suas dificuldades. O grupo-pesquisador amplia este confeto no momento da contra-análise e relata que:

Minha família sempre foi preconceituosa, principalmente no começo. Hoje em dia isso diminuiu, mas ainda assim existe na minha casa. No começo, antes de eu montar o meu primeiro skate, porque eu ia acumulando as peças para quando tivesse todas pudesse montar, eu tinha de mentir dizendo que as peças não eram minhas, porque se eu falasse que eram, meu pai quebrava, jogava tudo fora. Ele quebrava as peças, tomava os skates que eu pegava emprestado e me proibia de sair de casa para andar. Era um caos na minha casa, só que ele viu que eu persisti tanto, que não iria ter jeito aos poucos foi me permitindo sair um dia para andar de skate, depois dois e assim foi indo. O preconceito dele diminuiu, mas eu sei que ainda existe, até porque a minha avó fica falando para ele que eu uso droga só porque eu ando de skate, sendo que o skatenão tem nada a ver com droga [...] Para continuar andando, eu tive de superar esse preconceito do meu pai, pegava um skate e outro emprestado. Quando eu comecei a ganhar o primeiro campeonato ele viu que eu já estava gostando mesmo, estava indo atrás, e começou a abrir mão da minha liberdade para eu poder ir para rua andar.

No meu caso, eu consegui superar porque realmente eu gosto de andar de skate, e então eu não ligo para o que as outras pessoas falam, até porque não vem só da rua, mas às vezes vem de dentro de casa, no caso, da mãe, do pai e até dos irmãos. Os meus pais ficam falando que o skate é negócio para vagabundo, que vamos virar marginal, que é esporte de homem e que a gente não deve continuar, mas a gente continua porque a gente gosta muito. Hoje em dia eu já me acostumei e nem ligo mais.

Portanto, persistindo nessa prática cultural e esportiva, esses jovens se propõem ao novo cotidianamente, desenvolvendo potencialidades para si que os tornam capazes de suportar os desentendimentos familiares e os confrontos sociais, de modo a continuar com a prática educativa do skate. Compreendo que a família, ao perceber a importância que essa prática tem para os jovens, se

torna flexível e acaba por permitir que o skate permaneça na vida desta juventude singular.

As resistências furam o muro e fortalecem os jovens que fazem da **cidade-pista-de-skate** seu corpo, ao desbravar seus contornos, ruas da cidade. Inventam ininterruptamente modos de aprender em movimento, outros modos de educar no contemporâneo, assim como o **Aprender-descobrir-redescobrir conhecimento**, que é o aprender que descobre algo novo e quer se movimentar para aprender, redescobre os limites, as ideias, as vontades. O movimento relacionado ao aprender é isso: descobrir coisas novas, e redescobrir coisas antigas, coisas passadas que não tinham sentido e que a partir daquele momento têm. Por isso, este aprender diz que cada coisa que você vai aprender é um novo tipo de conhecimento que vai acrescentar ao que você já sabe.

O **Aprender-descobrir-redescobrir conhecimento** é potência que faz o skatista se aventurar no mundo, inventando saberes - conhecimento nunca chega ao fim. Confetos pipocam neste aprender tais como os símbolos (+) do aprender e **Infinito do aprender**. O primeiro (+) **do aprender** fala do aprender em que se pode aprender mais, quanto mais se aprende, mais se pode saber mais. E o outro complementa ao dizer que não se tem limite para aprender. Não à toa, na matemática o infinito é o único símbolo que não representa número. Então ele não lhe dá um final, se você colocar um “+ infinito” você não acabou de estudar o que você está precisando, então acho que o infinito em relação com o aprender é nunca ter um fim, você sempre tem algo a aprender ou a relacionar.

Em meio a estes confetos, realço que os saberes do ser humanos são múltiplos e vão sendo produzidos, se combinando entre si, se interconectando, se mestiçando, se permutando. Saberes rizomáticos que se espalham para todos os lados, proliferam sem fim, fazem múltiplas conexões, sem centro, nem hierarquias, sendo um emaranhado de linhas e saberes que pode se conectar de infinitas formas (GALLO, 2008).

Deste modo, penso que esse grupo skatista compreende de maneira rizomática o conhecimento, vindo de forma complexa o processo de aprender, que vai muito além da escola, da sala de aula ou do preconceito da sociedade com suas práticas culturais juvenis, relevando uma disposição e uma série de ferramentas e elementos dos quais o estudante pode dispor à sua maneira, e segundo os problemas que vivem, criando seu próprio fluxo do aprender, seu próprio processo e desenvolvimento.

Não foi minha intenção nesta pesquisa apontar o aprender na rua com o skate como o modo de aprendizado ideal, mas tenho a convicção de que não há um único modo de aprender, como também não há um modo de aprender que não tenha dificuldades, problemas ou relações de conflitos. Sobretudo, é preciso mostrar como a vida acontece em meio a esse aprender que desliza, que se move, que admite experiências e fluxos pela cidade e seus inúmeros sujeitos.

Essa pedagogia do movimento aponta para outras formas de aprender que transformam, inclusive, a formação institucional e seu currículo, trazendo quedas, deslizos e fracassos enquanto práticas educativas potencializadoras, de modo que a compreensão de estar no mundo, permeados dos valores de força e persistência, se ampliem e se estendam a outros jovens e às instituições, como a escola, que podem usar os princípios das manobras com o skate em qualquer outra situação.

Por fim, realço os aprendizados com/entre os jovens skatistas, enfatizando a importância de nos aproximarmos dos jovens que frequentam as salas de aulas, conhecê-los de perto para pensar atividades pedagógicas voltadas para seus desejos e anseios, pois os jovens skatistas com seu frequente movimento, me ensinaram que o aprender deve ser cheio de sentido e encanto, tendo como recheio a vida.



Figura 46 – Pesquisadora-skatista.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

VII MANOBRA

MANOBRAS RADICAIS FINAIS: O SONHO NÃO ACABOU

E então, a pequena Alice se cansou do salto, colocou um tênis e foi andar de skate.

— Tchau, Alice!

LUCAS MORAES XAVIER

iniciei este trabalho com a seguinte pergunta: em que direção seguir ao iniciar uma pesquisa? E com essa indagação passei a relatar o processo pelo o qual a investigação foi tomando corpo e cor. Percebi que a cada nova etapa concluída essa mesma questão me surgia à mente, e eu retornava a não saber que caminho seguir. Porém, seja pelo acaso, ou não, acabei seguindo não somente uma direção, mas sim múltiplas aberturas e horizontes que se cruzaram em minha vida acadêmica e pessoal e que resultaram nas linhas que aqui transpus a vocês, caros leitores.

Agora, nesse momento de conclusão, me indago também sobre como terminar uma pesquisa. Afinal, um bom pesquisador jamais deve fechar completamente as ideias de seu trabalho. Penso então em deixá-las flutuando levemente sobre ele, para que outros pesquisadores, curiosos pela temática, possam a seu modo dar outras vertentes ao que por ele foi produzido. Entretanto, espero que no empenho de realizar tal tarefa, eu também possa expor as mudanças e aprendizados que comigo aconteceram nesse percurso.

Assim, enfatizo que ao longo desses dois anos de pesquisa muitas mudanças me aconteceram, e a principal delas é que percebi que já não sou mais a Krícia de Sousa Silva, jovem, pedagoga e mes-tranda do programa de pós-graduação em Educação da UFPI. Houve uma “micro revolução” em mim, um desterritório e um reterritório-que metamorfoseou-me pessoal e profissionalmente, e devo isto ao grupo-pesquisador desta pesquisa, que me possibilitou viver tantos desafios ao compartilhar saberes, desejos e sonhos. Pude afetar e ser afetada. Pude transformar-me a partir dos vínculos que construí com cada jovem skatista que se propôs a se aventurar comigo na pesquisa sociopoética.

A sociopoética, por sinal, que tive tanta relutância em aceitar

no princípio, acabou se tornando para mim um método de pesquisa vivo, pois cheio de possibilidades artísticas, científicas e filosóficas. Com este método, percebi que nem tudo no mundo é para ser compreendido ou racionalizado, mas sentido, vivido e tocado. Passei a considerar que, ao contrário das pesquisas tradicionais, não existe distância entre o pesquisador e seu “objeto de estudo”. A própria ideia do grupo-pesquisador faz destituir tal pensamento e estabelece que, ao final, formamos um coletivo que produz uma filosofia da vida.

Eu me abri para a pesquisa de corpo e mente porque, afinal, compreendi que corpo e mente são um só. Com a mente e o corpo abertos me propus, assim como os jovens skatistas, a deslizar, caminhar, mover-me incessantemente na busca por algo inédito para mim enquanto pesquisadora. Foi assim que me permiti conhecer uma nova base epistemológica para referenciar essa investigação; foi assim também que me desafiei a realizá-la como uma metodologia totalmente nova para mim ao ingressar no mestrado; e foi assim que, por fim, decidi conhecer e me envolver com garotos e garotas deslizantes, nômades, radicais, aprendendo com eles a prática do skate, e descendo do salto da pesquisa, pisando com força no chão dela, às vezes tropeçando e caindo também, mas decidida a continuar, porque pesquisa se faz mesmo é caminhando com coragem.

Os jovens skatistas me provocaram com seu aprender cambiante. A potência dos seus relatos, tornados consistentes em problemas e confetos faziam com que eu tivesse motivação em ser pesquisadora e com a pesquisa, me excitando completamente. Os confetos produzidos apontavam para a heterogeneidade de formas de pensar o aprender com o corpo em movimento, possibilitando a descolonização de ideias prontas sobre o que é aprender. E neste caso fui surpreendida, pois quase em nenhum momento a escola era apontada como lugar de aprender para estes corpos moventes. Aos poucos, mergulhando no pensamento complexo do grupo-pesquisador, senti que suas vozes eram de inconformidade com as for-

mas consolidadas de aprender que comumente acontecem na escola e que muitas vezes não permitem que o jovem seja ele mesmo.

Quanto às oficinas de negociação, de produção de dados e contra-análise, destaco o papel do pesquisador, no passo-a-passo, desde apropriação do método aos detalhes de preparação das técnicas - momento em que realço a colaboração dos sociopoetas, colegas de meu núcleo, que ensaiaram comigo a técnica do espelho. Este dispositivo estava em processo de invenção, sendo necessário experimentá-lo. Vejo o quanto isto é fundamental porque embora haja imprevistos no processo, nos preparamos para isto também. Colaboraram comigo, ainda, no planejamento das outras oficinas de produção dos relatos orais, de modo a torná-las provocativas para o pensamento dos jovens.

Ao retornar ao grupo-pesquisador para a oficina de contra-análise, levei o texto transversal “Manifesto dos jovens do **skateboard**: o que a escola precisa aprender na relação com o movimento?”. Esse momento foi importantíssimo, pois os jovens se contrapuseram e mesmo ratificaram os confetos por mim cartografados nos relatos orais e imagens das oficinas de produção de dados, ampliando suas problematizações, como no caso do confeto **Paraíso do aprender na espiritualidade, aprender-manobra e obstáculo-muro do aprender**. Além disso, na contra-análise houve a criação de um novo confeto, o **preconceito-abutre do aprender**, que trata do preconceito da escola e da sociedade com os jovens skatistas, mostrando o quanto eles resistem a falsos estereótipos para poderem continuar com esta prática radical.

Ao passo que o grupo-pesquisador conferiu consistência aos confetos, comecei a perceber que os objetivos da pesquisa foram o ponto de **aprender-dia-de-Skate**. Neles, as questões são tão pertinentes que problematizam desde a espiritualidade até o âmbito educativo das sociabilidades e o caráter positivo das quedas e dos erros para o aprendizado. Segundo os jovens skatistas, para se aprender com o movimento nesses lugares é preciso equilíbrio,

determinação e encontros com diferentes tipos de pessoas, pois são desses encontros que nasce o saber; da troca contínua que se faz nos encontros com os outros, portanto, existem várias possibilidades educativas nos caminhos do aprender.

Na **linha II: Tipos de aprender: obstáculos e superações**, os jovens skatistas criaram muitos confetos sobre o que é aprender: os confetos **aprender “acontece”, aprender- manobra, aprender com o movimento**, trazem a problemática do aprender sem o controle da situação, numa aprendizagem que se dá na incerteza, nos deslizos, nas quedas, nos “rolês” de skate, em uma Pedagogia que é puro movimento. Os confetos **aprender “descobrir e redescobrir” conhecimento**, símbolo (+) do aprender e **infinito do aprender**, tratam de uma aprendizagem cheia de possibilidades, que não tem limites, nem ponto final, sendo um processo que ocorre durante toda a vida do ser humano. Por sua vez, os confetos **obstáculos muro do aprender, obstáculo-rio e preconceitos abutres do aprender** apontam para os preconceitos da sociedade, da família e da escola com a prática do skate, sendo estes os maiores obstáculos para que os jovens aprendam com essa prática, de modo que a escola acaba barrando o skate de ultrapassar seus muros, a família proibindo os jovens de praticarem esse esporte e a sociedade dando estereótipos marginalizados aos skatistas.

Como meio de superação desses preconceitos, os jovens skatistas criam o **Aprender pulando o rio** que é a aprendizagem que resiste aos obstáculos, pois não dá ouvidos aos preconceitos, aos sedimentarismos da opinião alheia, e por isso continua com o aprender em movimento por meio do skate.

Nessa investigação, enfatizo que existem ainda muitas experiências e narrativas que o grupo-pesquisador criou e trouxe como problema, a exemplo das questões de gênero que apareceram na contra-análise. Porém, deixo essas interrogações em aberto para que outros pesquisadores possam perceber a questão das meninas nos esportes radicais. Mostrando, inclusive, o quanto ainda é preciso

trabalhar as questões de gênero na escola. Deste modo, devido aos limites de escrita da dissertação, destaquei apenas essas duas linhas descolonizadoras. Porém, em ambas as linhas pude perceber que o aprender em movimento para jovens skatistas se relaciona a uma diversidade de conteúdos, que não apenas os existentes no currículo escolar, mas aqueles que acontecem no cotidiano que permeia a vida desse coletivo, possibilitando a construção de meios de aprendizagem que os faça aprender o que quiserem e como quiserem de diferentes formas, potencializando o corpo e estabelecendo bons encontros na relação com o aprender. Não se preocupando com avaliações ou notas, do quanto o aluno é capaz ou não, mas em avaliar o quanto aquilo o afeta ou o potencializa para ser mais (SANTOS 2014).

Sendo assim, sinto-me finalmente “desobrigada a falar de educação”, pois conforme minha banca de defesa, a todo o momento neste trabalho, venho fazendo ligações do aprender com o skate ao processo de educação, porém, isso tem a ver com o fato de estudar jovens skatistas no Mestrado em Educação, no qual, como já relatei em meu primeiro capítulo, tive muitas críticas e causei estranhamento em diversas pessoas por não acharem esta temática algo possível ou mesmo relevante. Entretanto, após meus encontros com os jovens do skate, percebi que não há método de aprender mais educativo e intenso do que aquele que cativa o aprendiz pela experiência, assim como o *Skateboard* captura os garotos e garotas da ASLP!

Com os skatistas aprendique uma pesquisa é uma dupla captura, pois assim como eu os cartografei, acompanhando-os em seu processo nômade, eles também me cartografaram, me mapearam com seus corpos. Não é à toa que em nosso último encontro, indagaram-me: “e você pesquisadora-skatista, o que aprendeu com a gente?” E respondendo a questão do grupo-pesquisador, aprendi, dentre muitas outras coisas, que é preciso ousar quando o assunto é aprender; é preciso se propor a sair da sala de aula, valorizar os encontros que a vida oferece, ter coragem e determinação frente aos erros e às quedas que eventualmente podem acontecer.

Apreendi, também, que o corpo é um dispositivo potencializador da aprendizagem, pois ele é tudo o que somos, é com ele que verdadeiramente aprendemos. Sendo assim, espero, ter evidenciado a relevância desse aprender para outros profissionais da Educação, pois ele aponta novas possibilidades de práticas educativas, capazes de nos fazer pensar os espaços educativos como lugares prazerosos, cheios de movimento e encanto.

Há, ainda, uma questão a destacar: Como estão os jovens da ASLP agora? Devo dizer que após o término da pesquisa, os skatistas continuaram com a sua prática radical, obtendo inclusive, vitórias em campeonatos de skate a nível Estadual. Polly e Vaiola ganharam respectivamente o 2º e o 3º lugar no skate feminino do Circuito Piauiense de Skate, realizado em dezembro de 2015. Tranquilo também conseguiu o 2º lugar, neste mesmo campeonato, na categoria amador, que antecede a profissionalização do skatista em todas as modalidades praticadas. Fora os prêmios, ganharam membros novos no grupo, pois Gessy e Kamalyon se casaram e tiveram uma filha em Outubro do mesmo ano. O nome dela é Sofia e com poucos meses já vai assistir ao pai fazer suas manobras no *Skate Park* de Luís Correia. Creio, assim, que o sonho desses jovens continua acesso e sua história ainda tem muito a ser construída, mas, parte dela, fica aqui registrada.

Por fim, em últimas palavras, relembro de minha sina em defesa das pesquisas que já realizei, primeiramente com jovens no curso de graduação em Pedagogia, e agora não somente com jovens, mas jovens skatistas no mestrado em Educação, acredito que diferentemente do que eu pensava, em ambos os estudos pouco havia de habitual ou já esperado, porém reafirmo que neles sempre estiveram presentes meus sonhos e paixões, mas também uma intensa loucura, pois retornando ao conto de Alice no país das maravilhas, mesma história infantil que serviu de pontapé para este trabalho, termino a dissertação com a seguinte passagem do conto:

- Chapeleiro, você me acha louca? Perguntou Alice.
- Louca, louquinha! Respondeu o Chapeleiro, logo acrescentando: – Mas vou te contar um segredo: as melhores pessoas são (CAROLL, 2002, p.64).

Acredito, portanto, que esse trabalho foi uma doce, radical e intensa loucura, feito por uma Alice pesquisadora, uma chapeleira-orientadora e um país das maravilhas recheado de pensadores nômades!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. *Políticas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa de. A sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Orgs). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Eduece, 2014.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa de; SILVA, Pollyana das Graças Ramos. Como se aprende com o corpo em movimento: narrativas de futuros pedagogos em formação na temática das juventudes. In: *Linguagens, educação e sociedade*: revista do programa de pós-graduação em educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da educação, ano 18, Edição Especial EDUFPI, 2013.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa de. *Corpos de rua*: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar do desejo dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. *Dilemas e desafios da educação na atualidade*: uma leitura com Bauman. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/6/Artigo%2005.pdf> Acesso 12 12 dez.14.

ASSOCIAÇÃO DE SKATE DO LITORAL PIAUIENSE. *Estatuto Social*. Luís Correia/PI, 2014.

BAREMBLITT, Gregório. *Introdução à Esquizoanálise*. 2 ed. Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.

BATISTA, Janice Débora de Alencar; CARVALHO, Suzana Silva. As múltiplas formas de expressão e sociabilidade juvenil. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (org.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza: LCR, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOMFIM, Maria Do Carmo Alves do. *Agregação de juventudes: múltiplos*

tiplos olhares. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Juventudes, Cultura de paz e Violências na Escola*. Fortaleza: UFC, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas de Experiência e o saber de experiência*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 08.10.2014.

BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Doutorados: ED. UFGD, 2011. 160p.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. *Lei de diretrizes e bases da Educação*. Brasília, DF: MEC, 1996.

CARNEIRO, Cristianne Teixeira. *Sociopoetizando o ser jovem nas linhas do pensamento dos jovens do curso técnico em enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus – PI*. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2013.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Editora Arara-azul, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em Educação?* Porto Alegre: UFRGS. Doisa, 2013.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*, 2007. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em 25 fev. 2015.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural: primeiros olhares sobre a escola. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DIAS, Giuslaine de Oliveira. *Skateboarding para além do esporte: manifestação social e movimentação social*. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2680/1/2011_GiuslainedeOliveiraDias.pdf>. Acesso em 25 Jul. 2014.

DIÓGENES, Glória. *Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame*. São Paulo: Annablume, 2003.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. 1998. 381f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Serviços Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GAUTHIER, Jacques. *O Oco do vento: metodologia da pesquisa socio-poética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques. *Metáfora e conceitos em pesquisas qualitativas*, 2003. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a11.pdf>. Acesso em 3 jul. 2015.

GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador*. Edição Eletrônica. 1999.

GAUTHIER, Jacques. Entrevista [29 de Abril, 2000]. *Sociopoética*. Entrevista concedida a Agostinho Gósson.

GODARD, Gilbert. *Olhar cego*. Disponível em: <<https://docdanca.files.wordpress.com/2013/10/gordard-hubert-olhar-cego.pdf>>. Acesso em 03 jul. 2015.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur-Moosburger. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Rosa. *Juventudes, cultura de paz e escola: transformando possibilidades em realidade*. 2012. 194f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.

MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de celebração. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.116, jan./março, 1994.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Cultura popular e educação: o que a escola tem a ver com isso? In: SILVA, René Marc da C. (Org.). *Cultura Popular e Educação: salto para o Futuro*. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2008.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, FOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOSÉ, Viviane. *Café Filosófico CPFL*. TV CULTURA: São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80

NASCIMENTO, Romário Ráwlison. *Descolonizando sexualidades e currículo na escola: confetos produzidos por jovens da ilha*. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *Esboço de crítica a escola disciplinar*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NICOLA, José. *Língua, literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1996.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. *Culturas de grupos*. Lisboa. 1993. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/2_PI_Cap6.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

PELBART, Peter Pal. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Orgs.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: Eduece, 2014.

POCHMANN, Márcio. *A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

SALES, Celecina de Maria Veras. Juventudes e lazer: interações e movimentos. In: *Linguagens, educação e sociedade: Revista do programa de pós-graduação em Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da Educação*, ano 18, Edição Especial EDUFPI, 2013.

SALES, Celecina de Maria Veras. Juventude, espaços de formação e modos de vida. *Educação Temática Digital*, Campinas, vol. 12, 2010.

SANTOS, Maria Dilma Andrade Viera dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina – PI*. 2014. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Valéria. Coletivos juvenis:novos cenários, práticas e políticas. In: LUZ, Lila Cristina Xavier; REIS, Vânia; SILVA, Valéria; CAVALCANTE, Francisca Verônica (Orgs.). *A Condição juvenil em Teresina*. Teresina: EDUFPI, 2013.

SOUZA, Sandro Soares de. As técnicas sociopoéticas como potências inventivas: as “raízes expostas” da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Orgs.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: Eduece, 2014.

SPOSITO, Marília P. Juventude: crise e identidade na escola. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares*. Belo horizonte: UFMG, 1996.

VOLPI, Mário; SIVA, Maria de Salete; RIBEIRO, Júlia. *10 desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos*. 1 ed. Brasília: UNICEF, 2014.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado “**Manobras**” **Sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 13 de junho de 2018.

Maria da Conceição de Souza Santos
 Maria da Conceição de Souza Santos



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização do livro intitulado “**Manobras**” **Sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 13 de junho de 2018.

Maria da Conceição de Souza Santos
 Maria da Conceição de Souza Santos

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil: breve contextualização histórica*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964: novos e velhos atores na luta pela anistia*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (Org.). *Educação e saúde: um olhar interdisciplinar*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (Org.). *Golpe de 1964: história, geopolítica e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETTIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (Org.). *Ensino de História na educação básica: reflexões, fontes e linguagens*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Tavares; PAZ, Sandra Regina (Org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (Org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (Org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (Org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (Org.). *Cul-*

- tura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis.* Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETTIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
 15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (Org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
 16. LEITE, Raimundo Hélio (Org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
 17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (Org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
 18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão.* 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
 19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (Org.). *Juventudes e políticas públicas.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
 20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
 21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
 22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
 23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (Org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade.* EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
 24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (Org.). *Contratualismo, política e educação.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
 25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *Administração pública: desafios contemporâneos.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.

26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (Org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (Org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (Org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (Org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (Org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (Org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (Org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Illele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (Org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (Org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (Org.). *A democratização da gestão educa-*

- cional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.*
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (Org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.*
 41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (Org.). *História, políticas públicas e educação. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.*
 42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979). Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.*
 43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.*
 44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.*
 45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDBURG, Cristine (Org.). *Educação, memórias e narrativas. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.*
 46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (Org.). *Juventudes em debate. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.*
 47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAINAC, Mônica Duarte (Org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.*
 48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (Org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.*
 49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (Org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.*
 50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (Org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.*
 51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.*
 52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (Org.). *História, memória e narrativas biográficas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.*
 53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (Org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio... Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.*

54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (Org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (Org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (Org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (Org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (Org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (Org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (Org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Segu-*

- ro-Desemprego*: estudo de caso. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (Orgs.). *Pesquisas educacionais*: abordagens teórico-metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (Orgs.). *Entrelugares*: Tecidos Sociopoéticos em Revista. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (Orgs.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (Orgs.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-BOOK).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-BOOK).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *“Manobras” sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Kricia de Sousa. *“Manobras” sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 223 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-BOOK).